



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES

Arte e Reabilitação
Fazendo brotar emoção com ajuda de aparato digital

Cláudia Gunzburger Simas

Brasília
2012



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES

Arte e Reabilitação

Fazendo brotar emoção com ajuda de aparato digital

Cláudia Gunzburger Simas

Tese apresentada ao Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisito para o título de Doutora em Arte e Tecnologia.

ORIENTADORA: Professora Doutora Maria Beatriz de Medeiros

Brasília

2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES

PROJETO APROVADO PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Lêda Maria de Barros Guimarães

(Membro)

Professora Doutora Virginia Tiradentes Souto

(Membro)

Professora Doutora Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

(Membro)

Professor Doutor Fernando Antonio Pinheiro Villar de Queiroz

(Membro)

Professor Doutor Paulo França

(Suplente)

Brasília

2012

AGRADECIMENTOS

A longa criação e reflexão deste trabalho, e a sua real necessidade são frutos de várias mentes amigas que acompanharam, discutiram, sugeriram, desmontaram e remontaram e se integraram a esta pesquisa num movimento de compartilhamento.

Agradecimentos a Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz de Medeiros pela orientação e sugestão durante todo processo. A Simone Metzker de Aguilar pela revisão, Maria Helena Pinheiro Monteiro pela colaboração na organização e ao Armando Salmito pela criação gráfica desta pesquisa.

Agradecimentos à Dr^ª. Lúcia Willadino Braga, Presidente e Diretora Executiva da Associação das Pioneiras Sociais, à Rede SARAH de Reabilitação e ao Fundador e atual Cirurgião-Chefe da Rede SARAH, Aloysio Campos da Paz Jr, ao apoio e o incentivo ao trabalho de arte dentro do Hospital. Também agradeço à equipe de arte Aline Campelo, Olívia Britto, Mirelle Veríssimo, Aline Ribeiro e Viviane Pancheri por contribuírem com novas possibilidades para a área.

As minhas colegas de trabalho em especial Rosanne Rezende, Margareth Moura, Lucimar de Paula e toda a equipe de enfermagem. Waleska Furtado, Pérola Monteiro, Edinair Monteiro, Carol Evelyn, Luis Cláudio, Luiz Carlos Casseiro, Lígia Maria do Nascimento, Gloven Múcio, Carlos Roberto Silveira, Luiz Engler, Fábio Savastano, a todos os funcionários da gráfica. Daniel Matos, Albert Andre, Alexandre Brandão, Carlos Wellington e Leandro Soares e demais funcionários da Bioengenharia e Equiphos e a toda equipe multidisciplinar, que compõe o trabalho no hospital.

Aos meus amados e queridos “maledicentes amigos” Paulo França, José Carlos Ferraz, Gilberto Nunes Filho, Andrea Simões, Renata Santinoni, Mirelle Veríssimo, Ana Cláudia Alves de Figueiredo.

A minha filha e filho, Bruna Davis e Renan Davis, o legado da inquietude criativa da família que inicia por Renée Gunzburger Simas, Karl Marx Simas, Karla Gunzburger Simas, Marcos Simas, Rafael Raposo e ao meu companheiro Aluizio Davis Neto. A extensão da árvore familiar, Álvaro Braga, Carol Abreu, Bebel, Manaíra, Nira, Malena, Angelina e Teca com seu violão nas tardes de domingo.

Em especial agradeço ao engajamento e a emoção de compartilhar o ato criativo de: Renan Prestes, Pedro Justino, Breno Nogueira e a tantos outros que engrandeceram minha vivência profissional: Alessandro, Jeferson, Jack, Evandro, Marcio, Pâmela, Frank, Augusto, Andrea, Sidney, Aninha, Gabriela, Jonatas, Lucas, Francislainy, Nilo, Eliot, Silvia, Cristina, Leonardo, Barbara, Marina, Edilson, Rodrigo, Felipe, Jandreí, Daniel, Maria de Lourdes, Ana Gabriela, Jorge, Dilsivam, Fabrício, Elizângela, Igor, Guilherme, Arthur, Kaled, Marcelo, Regina, Rui Manoel, Solange, Letícia, Alexandre, Lenise, Kayo, Felipe, Bruno, Maria Cristina, Bond, Carla, Elza, Eduardo, Fernando, Carla, Cassius, Dani, Deby, Mara, Raymundo, Wilker, Ana Aurélia, Leandro, Marcio, Larissa, Lince, Mosana, Caio, Cristiane, Ronan, Ticiane, Nilton, Higor, Tabata, Cecília, Paulo, Ricardo, Analine, Raquel, Quelen, Luciano, Eduardo, Carlos Vonn, Rafael, João, Elisângela, Jean Carlo, Simone, Tiago, Esther, Alisson, Rafael, Patrícia, Luiz, Marcio, Robson, Suelen, Marinalva, Milton, Léo, Emily, Isabelly, Catarina, Guilherme, Luiz Felipe, Genivaldo, Vitor, André, Creuseni, Mariana, Gustavo, Dioner, Cristiano Yaga, Mauri, Ayla, Cátia, Celso, Demian, Michelly, Cintya, Michel, Gabriele, Lorena, Tassiane, Milka, Francisco.

RESUMO

O objetivo deste estudo é mostrar a importância do ateliê digital para o processo de reabilitação de pacientes com lesão medular. O problema específico abordado na pesquisa decorre das relações que o sujeito trava com o mundo e sua suscetibilidade às mudanças de paradigmas criadas pela nova situação e pelos embates sobre o corpo e a emoção, a expansão do corpo e o descompasso entre movimento, potência e expressão. Foram realizados três estudos de casos de pacientes jovens, do sexo masculino, com lesão medular, tetraplegia. Utilizaram-se os processos ocorridos em um ateliê digital, permitindo que fossem realizados os estudos dos processos simbólicos e o desenvolvimento criativo da linguagem visual destes pacientes. Os recursos utilizados foram desenhos realizados no computador, conversas e textos pelo correio eletrônico, blogs, fotografias e animações. Para reproduzir o funcionamento da oficina de ateliê digital, dentro e fora do hospital, intercalaram-se momentos de diálogos, ocorridos online, aulas virtuais realizadas online, relatos e depoimentos dos próprios participantes durante a atividade. A análise do material coletado de cada paciente iniciou-se em tempos diferentes, interligando-se no decorrer do processo de reabilitação. Os dados foram analisados, respeitando-se as trocas de diálogos, permitindo compreender os princípios de como acontece a comunicação e a cognição na elaboração de novos universos. O material resultante da atividade permitiu a análise do desenvolvimento do processo criativo que mostrou e revelou transformações deste corpo e alma pelo fazer criativo. As falas revelaram que a reabilitação não está apenas relacionada à “sobrevivência” e readaptação, mas também a reaprender comunicar sentimentos e expressão potencializando e alargando, o sentido da vida. É o encontro de um universo poético dentro de um hospital em busca de expandir a capacidade expressiva em um momento de pouca mobilidade. O estudo salienta a abordagem qualitativa, por meio de um enfoque dialógico que permitiu o fortalecimento do trabalho, destacando-se a importância da atividade de artes em um ateliê digital para pacientes com limitações motoras em processo de reabilitação.

Palavras-chaves: Lesão medular, Reabilitação, Tecnologia, Ateliê Digital, Corpo, Emoção, Arte.

ABSTRACT

This study aims at highlighting the relevance of interventions in art through a digital atelier approach in the rehabilitation of individuals with spinal cord injury. The main research question is associated to the relationship established among the individual and his world, which is also susceptible to paradigmatic changes, and subjugated to the new condition, and secondary body and emotional struggles, going beyond the body itself, facing the movement, potentialities and expressive unbalance. Three young male individuals, diagnosed with a spinal cord injury, and having a tetraplegia, were studied based on case study methodological approach. The work comprehended acknowledgment of creativity that occurred in the digital atelier, allowing the follow-up of the symbolical processes and the creative visual language development. The resources applied were drawings which were developed through the use of a computer, which was also the base for the establishment of verbal interactions, electronic mailing correspondence of written materials, blogs, photos, and animation exchanges. Aiming at reproducing the digital atelier workshop conditions, both inside or outside the hospital's setting, intermittent online communication was maintained. The process included teaching procedures, verbal expressions based on the participant's report during activity performance. The content which was analyzed occurred in different timings, binding along the rehabilitation itself. The content analysis gave special attention to speech intercourse, which allowed the comprehension of the subjective cognitive process used by the individual to buildup the bases which helped elaborate the new universal dimensions. The materials that were derived from the developed activities revealed the creative process, which gave insights to body and soul transformations which comprehended the process. The uttered verbalization unenlightened that rehabilitation was not only 'survival' and adaptation, but also represented the process of relearning how to express feelings and how to communicate expanded meanings for being alive. It represents the access to a poetical universe, within a hospital setting, which can favor new possibilities to express in a condition in which movement is impaired. This study emphasized a qualitative approach, with focus directed to the comprehension of the uttered speech that gave strength and in-bodied the work itself, highlighting the importance of the art digital atelier activity in a rehabilitation setting for individuals with functional impairments.

Key-words: spinal cord injury, rehabilitation, technology, digital atelier, body, emotion, art.

Índice

Introdução.....	10
1. CAPÍTULO I: Uma Experiência Pioneira.....	15
1.1 Lesão Medular	15
1.2 Reabilitação.....	17
1.3 Arte.....	19
1.3.1 Arte digital.....	23
1.4 Arte e Reabilitação	24
1.5 Apresentação da Rede Sarah.....	32
1.6 Encontro da Arte no Hospital.....	38
2. CAPÍTULO II: Metodologia Desenvolvida.....	45
2.1 Método.....	45
2.2 Ateliê digital.....	45
2.3 Casos analisados.....	52
2.4 Materiais e instrumentos	53
2.5 Análise dos dados.....	56
3. CAPÍTULO III – ESTUDO DE CASOS E RESULTADOS:	
O Caminho Percorrido.....	57
3.1 Caso 1: Renan.....	57
3.2 Caso 2: Pedro	66
3.3 Caso 3: Breno.....	74
4. CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO: Uma Reflexão.....	88
4.1 A utilização do computador.....	88
4.2 Alfabetização visual.....	94
4.3 Compartilhando e integrando ideias.....	97
4.4 Arte e Novos Paradigmas	125
4.5 Corpo e afeto.....	128
4.6 O retorno à oficina de arte digital	131
5. CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	149

6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
7	ANEXOS.....	163
7.1	Anexo I	164
7.2	Anexo II.....	165

INTRODUÇÃO

Com a criação da unidade Centro Internacional de Neuroreabilitação do Lago Norte em 2003, extensão da unidade da Rede SARAHA na capital do Brasil, consegui montar, em uma sala adaptada, o ateliê digital. O objetivo foi promover um melhor aproveitamento da tecnologia digital e, principalmente, devido à dificuldade em manipular os materiais convencionais, buscar um melhor aproveitamento de seus movimentos funcionais. Essas atividades deram origem ao questionamento para esse estudo.

Esta pesquisa destaca a importância da criação do ateliê digital na ampliação do processo de reabilitação em pacientes com lesão medular e outras patologias, em que haja o comprometimento das funções motoras no Hospital Sarah – Brasília. A relevância dessa pesquisa se faz ao aliar-se tecnologia e arte no processo de reabilitação, bem como possibilitar outras formas de reconstrução e ampliação do corpo nesse processo.

Atualmente, a sociedade hiperindustrial, com os meios tecnológicos, promove a interação de conhecimento e de inscrições híbridas que transformam a comunicação em um espaço interativo. Com a indústria sofisticada de *software*, de jogos interativos e de dispositivos móveis adaptáveis, temos requisitos necessários para modelar um ateliê digital, atendendo o contexto em que estão situados os pacientes em processo de reabilitação. O espaço cibernético promove a plasticidade e a interação de conhecimento, transforma a comunicação. O espaço aberto pelos meios tecnológicos deve ser utilizado por nós educadores em proveito de uma educação voltada para o encontro e para a abertura dos potenciais. A existência de um espaço democrático, cujo suporte é o ateliê digital, materializa o encontro físico e simbólico.

O estudo sobre reabilitação com pacientes que sofreram lesão medular não é recente na literatura, mas a introdução do ateliê digital no programa de reabilitação estimula nos pacientes o processo de reorganização da concepção de *self*¹, que integra

1 - Segundo Alberto Rosa (1995): O self é formado pelo eu e pelo mim. O eu é sujeito da experiência imediata e não pode aparecer na consciência, algo próximo ao eu transcendental. O mim é a experiência das ações do eu; é a autoconsciência que emerge em toda a ação social capaz de mudar o eu; quando o eu fala, o mim ouve. O self é apenas possível quando as pessoas se tornam os destinatários de suas próprias ações verbais. Somos a soma de múltiplos selves, significando que constantemente são moldados por outros. Um conjunto de selves ou linhas de histórias que nós criamos para dar uma razão emocional a nossas vidas. (p.03).

as mudanças nos seus corpos, permitindo-lhes expressarem emoções pela arte, fazendo-os vislumbrar domínios que certamente continuavam intactos e que dependem de funções mentais complexas, não comprometidas pela lesão medular.

As pesquisas atuais impulsionam o poder integrativo da emoção como papel regulador e de conservação da vida. Foi motivado por esses estudos que o neurobiólogo Antonio Damásio, Humberto Maturana, John Dewey ampliam estudos sobre o conhecimento da emoção no processo de homeostase. No decorrer deste estudo, vão sendo fornecidos a história do nascimento do ateliê digital, bem como o significado da arte e o impacto da tecnologia para o desenvolvimento de um canal de comunicação e expressão artística com e do paciente. O reconhecimento do processo criativo na reabilitação não poderia faltar no decorrer dos capítulos.

O problema específico, abordado na tese, decorre das relações que o sujeito trava com o mundo e sua suscetibilidade às mudanças de paradigmas criadas por esses embates. No transcorrer deste estudo, se amplia o conhecimento sobre o corpo, sobre a importância da emoção como conceito de expansão deste corpo e sobre o descompasso entre movimento e potência. Assim, para o estudo, a compreensão do binômio corpo e alma norteia o complexo processo de reconstrução do ser por meio do fazer expressivo.

Na organização desta pesquisa, reunir todos os atendimentos com os pacientes não seria possível para compreender a dinâmica do ateliê digital, por isso foi realizado um recorte que norteia e aprofunda o conceito de arte, tecnologia e reabilitação.

O espaço cibernético promove a plasticidade e a interação de conhecimento. O espaço aberto pelos meios tecnológicos deve ser utilizado por nós educadores em proveito de uma educação voltada para o encontro e para a abertura dos potenciais. A existência de um espaço democrático, cujo suporte é o ateliê digital, materializa o encontro físico e simbólico.

Por meio desse estudo, descreve-se e analisa-se uma experiência pioneira na criação do ateliê digital em um centro de reabilitação, efetivando o ensino, para jovens adultos com limitações motoras, visando ordenar seu potencial de comunicação por meio da expressão visual. Para tanto, articulam-se os limites motores com a expansão do processo criativo, importante para fundamentar este corpo.

Assim, procura-se uma interpretação bem detalhada do funcionamento do ateliê digital, para fundamentar com cuidado os alicerces fundamentais do corpo e que toda linguagem é construção.

Veremos neste estudo de que modo o paciente efetiva os processos simbólicos inerentes a qualquer indivíduo, acompanhado de uma reaprendizagem que reforça a necessidade da continuidade, da atividade junto com o envolvimento e a necessidade do paciente em relação ao seu trabalho imagético. Esta nova ordenação promovida pela experiência estética configura aberturas para outras áreas de conhecimento, gerando implicações teóricas importantes a serem investigadas, tais como:

- a) caracterizar fases do processo de aproximação do sujeito para aprendizagem da arte digital;
- b) introduzir no processo de aprendizagem o alfabeto da linguagem visual;
- c) descrever sistematicamente recursos e processos envolvidos no desenvolvimento da arte digital em indivíduos com deficiências motoras, entre estes a criação de interfaces e recursos específicos de adaptações;
- d) mostrar a continuidade da utilização da linguagem visual após a alta hospitalar;
- e) refletir criticamente sobre o ateliê digital no processo de reabilitação e na vida de indivíduos com restrições físicas.

Nesse sentido a hipótese é que o ateliê digital fornece subsídios para um aprofundamento sobre as possibilidades do corpo, amparado na arte e na tecnologia.

O objetivo desse trabalho foi investigar o papel dos processos criativos inerentes ao indivíduo, para o processo de reabilitação de pacientes tetraplégicos, acompanhado de uma reaprendizagem que reforça a necessidade da continuidade, da atividade junto com o envolvimento e a necessidade do paciente em relação ao seu trabalho imagético.

A estrutura desta tese é dividida em capítulos: o primeiro capítulo é uma visão geral, contextualizando o serviço prestado pela Rede Sarah de Hospitais, seguida dos tipos de tratamentos oferecidos, perfil dos pacientes e dos principais diagnósticos atendidos nas unidades hospitalares e da dinâmica do atendimento com uma equipe multidisciplinar. Também será abordado o conceito de reabilitação e, em seguida,

o histórico de como surgiu o ateliê digital, requisitos, experimentos e iniciativas da arte-educadora em criá-lo, com um amplo entendimento das necessidades dos pacientes, da importância da arte e de sua normatização, também relatado neste estudo.

O segundo capítulo diz respeito à exposição dos princípios, métodos e das formas de validação de uma pesquisa qualitativa dialógica interpretativa sobre como se dá a integração entre diálogo e expressão visual. Uma atenção especial é atribuída à quebra de fronteira, propiciada pelo uso de tecnologia de informação de natureza multidisciplinar, e que requer conhecimentos específicos, de várias disciplinas, tais como, neurociência, filosofia, arte e tecnologia na análise da prática educativa. Toda a abordagem que se segue tem o propósito de apresentar e especificar como se estrutura a construção poética em conjunto com a tecnologia, possibilitando uma abertura de novos olhares para o indivíduo. O trabalho tem como referência uma pesquisa qualitativa dialógica de três estudos de caso com pacientes portadores de lesão medular alta, no Hospital Sarah – Brasília, no período de 2004 a 2010, em aulas presenciais e não presenciais, ministradas no ateliê digital. Trata-se de uma metodologia diferenciada que se baseia no princípio de que, na lesão medular, a reabilitação é um processo contínuo e permanente. Por isso as aulas têm início no hospital e, no decorrer do tempo, realimentam-se por meio de trocas contínuas ocorridas com aulas pela internet.

O terceiro capítulo é o escopo da tese, requisito para o desenvolvimento expressivo associado a uma visão gráfica da evolução do processo estético dos pacientes. A análise dos resultados obtidos é baseada nos estudos de caso que trabalham com um conceito ampliado de corpo, com a importância de um eu singular, tendo a arte como potencial do paciente, revelado no fazer arte. Amplia-se aqui, o sentido de corpo por entender a falta de uma compreensão sobre o contexto e limitações geradas por uma lesão medular, entendendo que o processo de criação agrega outros valores baseado na construção de um ambiente criativo e expressivo. Ou seja, este estudo engloba uma nova alternativa para a ampliação do movimento com suas modalidades sensoriais, tecnológicas e visuais. A cada experimento são obtidos novos conceitos e outros caminhos e possibilidades digitais que descrevem a construção de representações baseados na prática dos pacientes.

O quarto capítulo é uma reflexão e discussão sobre o impacto dos meios tecnológicos na atualidade, nos modelos, nas referências, nas mudanças geradas pelas tecnologias digitais e sobre conciliação de inscrições singulares em um universo massificado, que suscita uma superindividualização do sujeito. Alguns autores como Paul Virilio e Jean Baudrillard analisam estes paradoxos e limitações entre a tecnologia e a prática criativa. Esses obstáculos estão associados às representações de realidade, mesclados de limitações de cunho cognoscível e de natureza transformacional. Em contato com os pacientes se ampliam a compreensão e o papel da tecnologia como instrumento na prática humana.

Em considerações finais, conclui-se pela validação da criação do ateliê digital por meio da análise dos processos obtidos nos estudos de caso. As comparações e os experimentos sobre o fazer estruturam os resultados e promovem uma reflexão sobre o fenômeno corpo, tecnologia e arte. A divisão entre o papel da arte no interior de um hospital e o perigo desta prática não se tornar um mero entretenimento é desfeito no decorrer do estudo. Assim como não tem o propósito de usar a arte como terapia, que tem como seu principal objetivo o tratamento psicológico, no qual o objeto não interessa tanto pelo seu valor expressivo, mas sim pelo seu valor mediador e na resolução da problemática existencial e psíquica. O que a terapia espera é explicar por meio de um foco direcionado no objeto, como mecanismo, para resolver possíveis problemas. O sentido que buscamos é o emocional e o estético.

1 CAPÍTULO I: Uma Experiência Pioneira

O presente capítulo apresenta uma visão geral da lesão medular, reabilitação, arte, encontro da arte no Hospital de Reabilitação, para mapear e descortinar os motivos que levaram a pesquisadora a ampliar o trabalho de arte já existente no processo de reabilitação e criar o ateliê digital dentro do Hospital.

1.1. Lesão Medular

Qual a função da medula e o que é uma lesão medular? Quando se pensa em lesão medular, alta e completa, visualiza-se imediatamente uma pessoa desprovida de movimentos e incapacitada. Às vezes, tem-se um pensamento determinante de que essa sequela ou lesão significará o fechamento e a estagnação para outras possibilidades do corpo. A oficina digital, com o seu aparato tecnológico, estimula o reaprendizado motor, investindo na potencialidade do corpo pulsante, capaz de se reinventar no tempo, promovendo a construção de um vocabulário imagético, criativo.

O sistema nervoso central (Figura1) é composto do cérebro e da medula espinhal; o primeiro controla a maior parte do corpo, e a segunda transporta as mensagens que saem do cérebro para todas as partes do corpo, além de fazer o caminho inverso, ou seja, transporta as mensagens do corpo para o cérebro.

A medula espinhal assemelha-se a uma corda que vai da base da cabeça até a parte mais baixa das costas e tem a espessura de um dedo. Ela fica localizada em uma cavidade, formada por um conjunto de ossos chamados de coluna vertebral. Esses ossos são chamados de vértebras que são sustentadas por ligamentos que partem do pescoço. Existe um disco para cada vértebra, constituído de material esponjoso que serve como amortecedor de impacto. A coluna cervical se encontra na parte superior no pescoço, enquanto a coluna torácica fica abaixo do pescoço até a cintura; depois dela temos a coluna lombar que se encontra abaixo da cintura e, por último, a sacral que é constituída por uma peça única de osso fundido. O término da coluna forma um triângulo que se mantém como um delgado filamento com raízes nervosas. Os nervos da coluna sacral e lombar se parecem com um rabo de cavalo, e por isso são conhecidos como cauda eqüina.

A função da medula espinhal e dos seus nervos é realizar a ligação do cérebro com o resto do corpo. Quando queremos movimentar uma parte do corpo, a intenção acontece no cérebro. O cérebro envia as mensagens e dá a ordem que chega até o membro a ser movimentado por meio da medula e dos nervos.

A lesão medular caracteriza-se por dano à medula (sistema nervoso central) que ocasiona a interrupção de estímulos nervosos (sistema nervoso periférico). Fato esse determinante para as perdas de movimentos no segmento corporal correspondente à lesão neurológica. A lesão medular pode ser completa ou incompleta. Uma lesão medular pode ter origem traumática ou não traumática, dependendo de cada caso. Frequentemente a lesão medular é ocasionada por um movimento de vértebra. A coluna espinhal pode ser comprimida, o que faz com que o osso das costas ou do pescoço se quebre.

A lesão medular afeta funções corporais (Figura. 2) tais como a tátil/sensitiva (dolorosa e/ou), o controle esfinteriano, a circulação sanguínea e funções respiratórias. Parte do corpo, abaixo do nível da lesão, poderá estar comprometida, variando intensidade da gravidade da lesão sofrida. O grau de independência do indivíduo irá depender da sua funcionalidade residual.

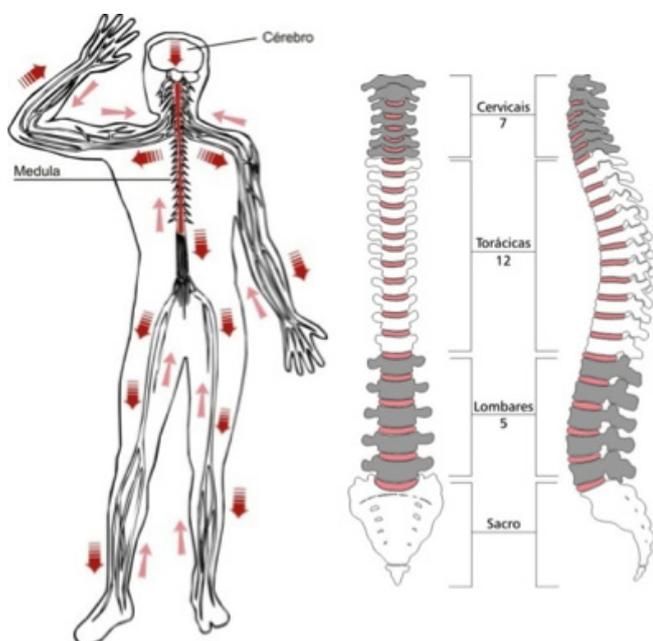


Figura 1. Sistema nervoso central²

2 - As figuras 1. Sistema nervoso central e figuras 2. mapa de sensibilidade ilustrativas foram retiradas do Manual de Orientações de Neuroreabilitação em Lesão Medular da Rede Sarah, (p. 07, 08 e 12) Sarah letras.

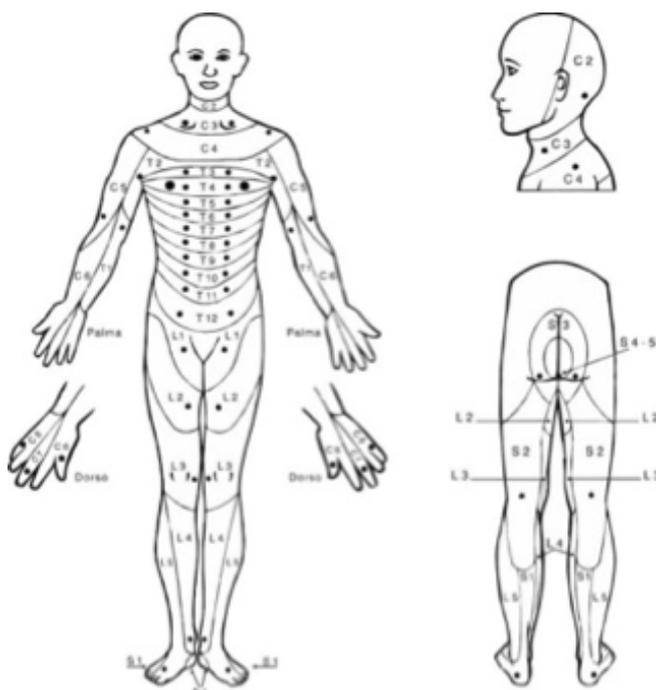


Figura 2. Mapa de Sensibilidade

O trauma medular gera a necessidade de mudanças intrínsecas de valores ligados à autonomia e a independência; promovendo um olhar mais atento às diversas sequelas físicas e funcionais, anteriormente inimagináveis, sendo necessário, ao paciente, traçar novos parâmetros de aceitação dos limites físicos do seu corpo.

1.2. Reabilitação

Há mais de 6 milhões de deficientes neste país (Inglaterra), alguns casos muito graves como o meu, e uma grande parcela deles pode ser ajudada. Os deficientes físicos são antes de tudo pessoas, depois deficientes. Eles não devem ser condenados a uma sentença perpétua de confinamento solitário, sem conseguir se deslocar ou se comunicar com o mundo (STEPHEN HAWKING³, 2005, p. 301).

O estudo de reabilitação tem sofrido transformações acompanhando os novos paradigmas no campo da saúde. A reabilitação segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2011, a) é compreendida como processo que objetiva a capacitação e o alcance do máximo potencial de habilidades físicas, sensoriais, intelectuais, psicológicas e de funcionamento social, considerando que a inserção social não depende somente da capacitação do indivíduo, mas também do seu contexto físico e sociocultural.

3 - O cientista Stephen Hawking, em consequência da esclerose lateral amiotrófica, vive quase imóvel em uma cadeira de rodas e é dependente de um sintetizador de voz.

A reabilitação visa a independência e autodeterminação dos indivíduos, levando-se em consideração o contexto de vida e a disponibilidade de todos os recursos possíveis. A OMS introduz uma nova diretriz teórica, caracterizando um modelo de reabilitação que estrutura-se a partir da comunidade (WHO, 2011, b). Em 17 de novembro de 2011 o Decreto Lei 7612, instituiu o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência- Plano Viver sem Limite- Brasil- 2011. O decreto define em seu artigo segundo: “são considerados pessoas com deficiência aqueles que têm impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. No artigo terceiro diretrizes indicam que é garantido um sistema educacional inclusivo, equipamentos públicos de educação com acessibilidade, inclusive transporte, ampliação no mercado de trabalho, qualificação, reabilitação [...]. Ainda em seu artigo quarto definem-se os eixos da atuação no Brasil: acesso à educação, atenção à saúde, inclusão social e acessibilidade. Os resultados desta nova lei só serão alcançados se os profissionais ligados às diversas áreas da reabilitação lutem para que sejam palavras e ações vivas!

Reabilitação se fundamenta em quatro princípios básicos: i) intervenção centrada no paciente; ii) ênfase no processo (interação, negociação, comunicação, educação e troca de informações); iii) atuação fundamentada em um modelo que integra aspectos de autocuidado, produtividade, recreação e socialização, resultantes dos componentes físico, sociocultural, mental/emocional e filosófico/espiritual; iv) responsabilização do cliente na resolução de problemas, estabelecimento de planos, incluindo até a orientação do meio social na execução dos cuidados (Pereira & Araujo, 2006, p 38).

Dessa forma pode-se entender que, muitas vezes, os parâmetros médicos existentes sobre deficiência e demais patologias são apenas aspectos biológicos, e que não se pode negligenciar outras dimensões envolvidas no desenvolvimento humano que ajudam e dinamizam o processo de inclusão. Campos da Paz reflete sobre o que caracterizou uma grande contradição na área:

[...] Uma contradição originada na própria palavra ‘Re-abilitação’ de significado amplo, que consiste, em parte, na recuperação de uma função e na execução de uma atividade, mesmo que de forma diferente. É o objetivo da função e não o modo como esta é alcançada que o médico deve ter em mente, pois reabilitados ou habilitados desencadeiam estratégias diferentes para alcançar um objetivo. Entretanto a visão estreita da sociedade contemporânea muitas vezes não permite que aqueles que ‘são diferentes’ voltem ao trabalho (CAMPOS DA PAZ, 2002, p. 24).

1.3. Arte

A humanidade se conhece e se reconhece pelo que chamamos arte. Das cavernas ao grafite o mundo se apresenta aos olhares e desperta os sentidos. Pela arte nós nos desdobramos em múltiplas possibilidades ela rearticula a matéria, fazendo surgir outras perguntas, configurando novas respostas. A ligação com o fazer estético intensifica a experiência, reestruturando e libertando os objetos de uma visão rotineira. Com a arte abrimos os sentidos, para novas experiências. A arte para John Dewey tem uma função moral que é de “eliminar o preconceito, retirar os antolhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber” (2010, p.548)

Para que ensinar arte? Talvez os princípios que regem o nosso dia a dia de como percebemos e atribuímos valores as coisas e aos objetos devam ser desaprendidos, por estarem repletos de pré-conceitos, que aprisionam a plenitude do ser diante da vida.

A arte estimula a nossa curiosidade amplificando e desarrumando a ordem sugerindo outras possibilidades. Por meio dela nossos sentidos são aguçados e somos capazes de derrubar e direcionar o nosso corpo/alma para organizar novas formas de viver. Quando estamos articulando e experimentando ampliamos a matéria, codificamos e ordenamos novos pensamentos e reflexões. A arte alimenta a subjetividade além de organizar o conhecimento objetivo da história do ser e da existência. Somos capazes de nos apropriarmos deste material cultural e elaborar novas possibilidades. O papel da arte dentro ou fora de um hospital é de desarti-

cular os princípios rígidos e artificiais que estão impregnados nos objetos, ela tem a função de fazer desaprender para nascer outras respostas. A arte não é um passatempo ela é um fazer que equilibra e estabiliza os sentidos em momentos em que a vida se torna instável. Pela arte somos capazes de ir além das barreiras e limitações do corpo e ir ao encontro de novos movimentos.

Na primeira visita a Rede Sarah (Figura 3) o usuário se depara com a leveza dos módulos do arquiteto João da Gama Figueiras Lima (Lelé) e com as obras do artista Athos Bulcão, mas o que ninguém espera é que, acompanhando esta dupla, há em todos os cantos do hospital expressões simples ou não, produzidas pelos pacientes, que completam este cenário impactante, desvelando a superação de diversas dicotomias entre razão, emoção e arte.

A arte é um bem coletivo que se revela na arquitetura, em objetos e também na nossa personalidade; somos capazes de articular, coordenar e criar novos universos expressivos por sermos dotados de uma mente possuidora de uma personalidade. É de suma importância o aprofundamento de como extraímos, por meio da linguagem, conteúdos valorativos para entender a complexidade do corpo e suas reais necessidades. O estudo sobre linguagem, o papel da arte como um processo de valoração tem como propósito servir como uma lupa, ampliando o sentido da arte no processo de regulação da vida. Conhecer como funciona o nosso corpo é a mola para se ter consciência das modificações comportamentais decorrentes dos avanços digitais em nosso corpo.

O corpo relaciona-se com o mundo e fornece dados para uma maior consciência do papel do arte-educador no processo da reabilitação.

Precisamos de um meio, precisamos de uma linguagem para sermos e para nos relacionar com o mundo. Neste contexto, o pensar se materializa por meio da linguagem e, quando ordenamos o pensamento, a sua materialização se insere em um plano simbólico. Todo compartilhamento encontra-se imbricado com outro pensar assim como, quando materializada, toda experiência subjetiva implica um contínuo movimento com o outro ser.



Figura 3. Centro Internacional de Neuroreabilitação Lago Norte, Vista interna do prédio (painel lateral Athos Bulcão arquitetura Lelé). Acervo foto imagem Sarah.

Ao evocarmos alguma coisa, surge em nossa consciência o conteúdo valorativo sobre esta coisa e acontece um deslocamento do físico para o real, como ideia do objeto. Para o filósofo Adauto Novaes (2008) a necessidade e a vontade de inscrição é um dos motivos para afirmar que o *conatus* é a chave para se compreender o insistir na existência. Esta necessidade de inscrição são os esforços humanos realizados para tentar dar sentido a esta existência. Esse esforço é necessário e inevitável, é ele que dá significado a tudo que existe e que ainda pode ser modificado e criado. É neste movimento que nascem os mundos que são percebidos e tornados familiares a nós, com os quais nos familiarizamos e que provocam ações que se renovam, fazendo surgir, assim, novos espaços produtivos e poéticos.

Roland Barthes (1999), em *Crítica e verdade*, afirma que a linguagem com o seu arcabouço simbólico tem como condição seu caráter fecundo. A escrita clara é a plenitude da escrita, não estando desvinculada da difícil tarefa de elaborar e de estabelecer uma relação conflituosa com a nossa própria língua. A objetividade, segundo ele, limita e reduz a língua a categorias fechadas, que impedem a abertura a novas

possibilidades. O modelo de objetividade imposto pela ciência não deve contaminar o encontro poético e nem servir de diretriz para um modelo universalista.

Passar por uma linguagem sem absolutismos, sem causas aparentes, é buscar novos sentidos, novos significados, é abrir-se para vários cruzamentos de conteúdos.

Podemos definir a linguagem visual como qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos por meio dos signos (código) convencionais gráficos. Esta definição sobre linguagem não significa dizer que seja um sistema fechado, desligado do espaço e da sua história, mesmo que em alguns momentos ela pareça alheia ao real. Conseguimos “até” definir linguagem como um conjunto de elementos ou relações, mas, em termos de expressão isto não será possível. A tentativa de normatizar a expressão não funciona para compreender os caminhos em que linguagem e expressão se entrelaçam. Qualquer tentativa ortodoxa para viver a linguagem da arte enfraquece-a, empobrece-a quando se fixa um conjunto de regras. Uma e outra estão profundamente embaralhadas nas experiências que temos do real.

A linguagem visual não foi criada pelo artista nem pelo crítico e, mesmo quando é ignorada, não se acredita que signifique o fim da arte. O conjunto da linguagem, linha, superfície, forma, luz e cor nasce de uma necessidade real de comunicação e de expressão. A expressão visual é um vocabulário a vir a ser, constantemente aprendido, vivenciado, transformado e adaptado. Até hoje, os estudos referentes às representações visuais mostram que elas são resultado de uma inteligência complexa. O entendimento do significado, na forma visual, decorre da investigação do processo da percepção humana, não sendo possível criar regras absolutas. Daí a diversidade de respostas que são dadas em várias épocas por diferentes artistas com a utilização de diferentes meios para significar as mesmas emoções, as mais comuns e básicas do indivíduo: amor, raiva, indignação, ternura, desejo.

Um trecho do prefácio do livro *Os Ignorantes*, do teatrólogo e escritor Pedro Cardoso, traduz o que chamamos de força da linguagem como expressão criativa sobre nós mesmos:

O teatro é uma máquina de contar histórias para alguém. (Contar para ninguém é contar para si mesmo, o que produz o encontro solitário da pessoa consigo mesma. É no encontro do narrador com o espectador que (a máquina de produzir visões que é) o teatro se move. O encontro é, por assim dizer, a energia que movimenta a máquina. Sem o encontro, não há teatro. [...] Ele é um meio de comunicação natural e espontâneo, ao alcance de todos. (CARDOSO, 2005, p. 09).

As coisas do mundo ou dos seres humanos incluem histórias e estas histórias são como romances e tramas. Em um momento do tempo, encontram-se emaranhadas, reinventam outras conexões que nos afetam por meio de sondas profundas, de afetos estabelecidos. Por meio dos afetos estamos com os nossos poros abertos para novas experiências, podemos trabalhar com as camadas mais profundas da nossa mente e, pouco a pouco, ter interesse por outras realidades, por outras materialidades. Estas novas materialidades caminham junto com o processo criativo, articulando em nós realidades novas, amplificando o sentido de vida.

1.3.1 Arte digital

Segundo Wolf Lieser (2010) arte digital é aquela produzida em ambiente gráfico computacional, que contempla todas as manifestações artísticas executadas por um computador. As obras, por definição, obrigatoriamente devem ser produzidas de forma digital. Esta pode ser descrita como uma série eletrônica de zeros e uns. Para Lieser, arte digital inclui experiências com *net-arte*, *web-arte*, vídeo-arte, entre outras. A arte digital pode ser definida pelos materiais utilizados: computador, software, monitores, impressoras e, principalmente, por estarem conectados em uma rede que modifica a percepção, o movimento e a forma na construção do objeto. Como é um meio que convive muito próximo com a ciência e a tecnologia, muitas vezes, torna-se impreciso o que de fato é arte digital, permitindo assim criar novos espaços de reflexão e de debates.

Existem diversas categorias de arte digital tais como pintura digital, gravura digital, programas de modelação 3D, edição de fotografias e imagens, animação, entre outras. Os resultados podem ser apreciados em impressões em papéis especiais ou

no próprio ambiente gráfico computacional em que, ao contrário dos meios tradicionais, o trabalho é produzido por meios digitais. A apreciação da obra de arte pode ser feita nos ambientes digitais ou em mídias tradicionais.

Hoje existe uma variedade de formas de representação e para cada uma delas um universo extenso. Para não pairar dúvidas quanto ao que seja arte digital, é preciso definir a produção digital como arte que tem sua concretude na utilização do computador ou da internet com resultados que só podem ser alcançados por este meio.

Do ponto de vista da computação gráfica, as artes digitais são produzidas em ambientes digitais bidimensionais 2D. Este está subdividido em imagens *bitmapeadas* (*raster images*) e imagens vetoriais (*vector images*). Os artistas usam diversas técnicas para elaboração de seus trabalhos. Alguns aspectos e traços característicos da arte digital e a sua substância conceptual, serão abordados no decorrer da pesquisa e exemplificados com alguns artistas de diferentes tendências.

1.4. Arte e Reabilitação

Não iremos nos prender às armadilhas e explicações sobre a individualidade das relações corpo-alma, visto que a proposta é a abertura para a poesia. O paciente Renan Prestes diz: *“desde que nascemos vivenciamos o mundo pelo nosso corpo (...) depois da lesão existe um descompasso, não é possível experimentar o mundo do mesmo jeito que antes. Essa imagem de si que construímos, que na verdade é uma construção, fica perdida para alguns. A reconstrução passa pela experiência de se desenhar, de se escrever enfim”* (PRESTES, comunicação pessoal, 30-03-2010).

O foco reflexivo deste trabalho pensa explicar como o corpo portador de lesão medular rompe obstáculos, expandindo as limitações corpóreas para experiências criativas onde não existe delimitação.

A reabilitação do paciente não estaria ligada a uma nova maneira de se comunicar?

Seria possível unir a reflexão sobre história de corpos afetados pela doença (e) à análise de imagens criadas por paciente?

Como definir e normatizar essas aulas? A criação do ateliê digital permitiu repensar a diferença entre movimento e potência e supor que há um descompasso de

valoração entre eles. A impossibilidade de movimento desnuda algo muito mais complexo do que a lesão medular, perdas anteriores à da privação da intensidade singular expressiva. O corpo precisa decompor o universo e, ao mesmo tempo, o corpo acaba reunindo o próprio universo, por ser ele um organismo, com um conjunto de órgãos que permitem a sobrevivência das funções necessárias à manutenção da vida. Percebe-se, por meio dos sentidos, biológico, social, cultural, psicológico, que o elo passa pelo movimento, pelo sujeito que se movimenta.

Numa concepção dialógica do movimento humano de compreensão do mundo quando agimos, buscamos compreender: o sujeito, a situação, a relação de tempo e espaço e o seu significado como uma constante interação e auto-organização. No geral, movimento, implica mudança de posição no espaço, necessariamente em velocidade. Do ponto de vista científico, tudo está permanentemente em movimento, pois toda matéria é constituída de partículas que estão sempre em movimento: elétrons, quarks e outras partículas subatômicas, que só deixariam de se mover quando a sua temperatura cair para zero. Se é que isso é possível, pois se acredita que as partículas subatômicas sejam constituídas de energia pura. Assim, movimento é energia.

Figurativamente, movimento é quase tudo. Uma ideia nova, um pensamento novo. Um partido, um movimento nacional, uma revolta. Uma nova maneira de expressão da arte. No esporte, movimento é a própria essência. Da graça da patinadora no gelo à violência do gancho do boxeador, do vôo do mergulhador à câmara lenta dos jogadores de *curling*, tudo é movimento.

Na natureza, o movimento encanta. O fantástico vôo do beija-flor, a velocidade do mergulho do falcão, os saltos dos impalas, a agilidade do marlim. A cobra sinuosa, a lagarta com seu ritmo de sobe e desce, o balançar dos sagüis, atletas da floresta.

Artisticamente, movimento é tudo. Balé clássico, frevo, samba e xaxado. Gafieira e tango. É impressionismo, pontilhismo, cubismo.

A vida é movimento. A energia da vida está em toda parte: o vento que refresca e destrói; a água que delicia e imunda; o fogo que aquece e incendeia; a terra que sustenta

e explode nos vulcões. Os quatro elementos estão sempre em movimento. O coração que bate, o sangue nas veias, o balanço do andar, o sorriso que encanta, tudo é movimento.

A presença do outro constitui um complexo fenômeno de vibração que gera as correntes que retornam para os outros seres. Somos substância composta de matéria e forma, que se propaga para outras partes. A substância relaciona-se com o ato e a potência, enquanto matéria ou como constituinte de realidades sensíveis, com capacidade de se transformar em outra. A potência é algo que está sempre sujeito à mudanças e, quando ela acaba, temos a matéria transformada em ato. Assim, sem potência não existe ato.

O abraço que esperei, fez todo o resto acontecer. Mal me quer Bem me quer delimita o meu querer. O que antes era virtual torna-se real. Processo contínuo, sempre apresentando novas possibilidades, mesmo que mantenha a mesma substância. Tudo que compõe o universo se manifesta em potência e em ato.

A ampliação do ser se transforma em potência para depois ser um ato, que só se realiza por meio do movimento. O movimento pode ser pequeno, porém é sempre impulsionado pela energia potencial. Uma mudança, uma possibilidade orienta o ser interior que se abre para novos caminhos, resultado de pensamentos, conceitos, emoções, movimento potencializado, em novos atos.

A mudança de paradigma desfaz o descompasso entre movimento e potência. O paciente, no decorrer da sua reabilitação por meio da arte da expressão, percebe que as sensações que o movimento provoca continuam sendo percebidas pelos canais sensitivos; a sensação de dor, quando o dedo é fechado em uma gaveta. Estas sensações subjetivas continuam independentes do movimento ser parcial e limitado. As reações de dor, de amor, de cansaço, de fadiga estão ligadas aos fenômenos fisiológicos e às emoções. As associações são consequências de simulação do movimento que gera uma ação que, iluminada, potencializa e estimula às emoções. Os estados do corpo estão sempre interligados no nosso interior. De maneira consciente ou inconsciente a arte ativa estas portas sensitivas da faculdade humana numa perspectiva de desenvolvimento.

Por fim, passados mais de dois séculos dos primeiros estudos neurológicos do funcionamento do cérebro, os preceitos e crenças religiosas persistem na maneira de como são elaborados e construídos o conhecimento humano no cotidiano. Vive-se, no ocidente, a dicotomia entre corpo e alma. A ciência reduziu uma parte da história cultural ocidental, embora algumas afirmações e influências sobrevivam.

Em uma sociedade de consumo há necessidade de nos manter em alerta nossa curiosidade, para não haver uma redução da capacidade imaginativa e perceptiva na elaboração do conhecimento. A sociedade ‘tecnológica’ vive hoje o automatismo, advindo da complexidade dos meios materiais e a sua constante renovação, ignorando o potencial criativo do sujeito. Quando o fazer humano se torna muito especializado, o sujeito acaba perdendo a visão global do que o afeta e, o mais grave, acaba perdendo sua capacidade de resolver novos embates.

Como sujeitos de uma cultura de “espetáculos” vive-se a cada dia o afastamento, dando a impressão de que se está vivendo em vão. O excesso de informação provoca uma sensação de distanciamento da essência do fenômeno de identificação da matéria, levando ao empobrecimento do processo criativo e imaginativo. A redução e o esvaziamento do fazer em níveis mecânicos diluem a percepção do relacionamento entre corpo e alma.

Apesar de o corpo dar sinais contínuos, ainda hoje, a emoção é negada como constructo imprescindível para o corpo, com o qual o próprio corpo pode aprender a ampliar a noção de mundo. Os atuais estudos da neurociência vêm aprofundando o conhecimento sobre o que representa a emoção para o nosso corpo.

Sentimos a necessidade de compreender, com mais profundidade, que o corpo privado de amplitude de movimento reeduca-se e passa a ser elemento de percepção da capacidade criativa. Aqui mais evidente neste estudo, já que são limitados nos movimentos e minimalistas na ação. Como sujeitos com necessidades de ação, precisamos elaborar e criar novos universos. Temos que ativar o corpo disperso pelas “urgências” do dia a dia. Para isso consideramos que a expressão visual intensifica as ações ao ativar o pensamento para a vivência estética.

Pode-se afirmar que se, no primeiro momento, a questão era a ausência de movimento ou a reaprendizagem do controle do corpo, com os recursos tecnológicos rompe-se este obstáculo.

Nesta proposta, a energia que se busca tem origem no respeito pelo processo adaptativo do paciente, em um universo variável, vivendo possibilidades simbólicas, e em busca de um processo criativo, sendo ele autor de sua ação. Neste contexto, a trajetória rumo à melhor forma de atendimento está relacionada à reconstrução do self depois da transformação sofrida no corpo.

Dentro deste contexto do processo de reabilitação, as integrações de diferentes áreas de conhecimento humano estão presentes, sendo a atividade de arte necessária em qualquer processo de significação e construção de novos conhecimentos. O programa de reabilitação, ao longo dos anos, mostrou-se incompleto quanto ao desenvolvimento de novas maneiras expressivas para os pacientes. A criação do ateliê digital nasce do entendimento de que, por mais que o corpo e alma estivessem motivados para a atividade, o alicerce que faltava para um melhor desempenho veio com as atualizações tecnológicas, reduzindo assim impacto sobre o corpo.

As possibilidades e avanços tecnológicos nos permitem utilizar os recursos advindos dos programas gráficos na experimentação e na apresentação dos elementos da linguagem visual para os pacientes. A reformulação da atividade de artes foi motivada pela dificuldade encontrada pelos pacientes com lesão medular em utilizar materiais tradicionais, o que exigia um dispêndio grande de energia e provocava cansaço, frustração e muitas vezes eram contraproducentes.

Neste universo de corpos feridos, percorremos o processo de expansão do corpo com o uso da tecnologia, numa abertura para a poesia, que se faz passo a passo, no encontro de energias e afetos para a construção de janelas virtuais, reais. Como que movido por certa vizinhança, com olhos atentos, os pacientes vão descobrindo e aprofundando sensações, memórias escondidas que alinhavam novos trajetos, para serem reconhecidos e compartilhados.

Pensar hoje em quem é o sujeito, é sair do dualismo alma e corpo e afirmar que o espírito é a potência que transforma e re-elabora de forma criativa o corpo no mundo. A velocidade, advinda da sociedade tecnocrática, implica um esvaziamento e perda de

foco sobre a nossa existência, resultando, muitas vezes, em intensidades humanas esvaziadas de sentido quanto ao estar neste mundo. Tem-se a impressão de que o espírito humano, em uma sociedade voltada unicamente para o acúmulo, desarticula os viveres das relações mais íntimas. O aumento de conhecimento e de manipulação deste corpo gera corpos dóceis e submissos. Estamos lentamente nos divorciando das significações e das lembranças deste existir. Estas alterações são, hoje, chamadas de mutações e que, segundo Aduino Novaes (2008), manifestam-se de forma intensa na instabilidade – ou no desaparecimento – do sujeito não pela ação humana, mas por ‘poderes’ invisíveis, anônimos, sem densidade suficiente para que pudessem ser enfrentados.

A privação de estímulos sensório-criativo reflete na elaboração mental, agindo diretamente na experiência coletiva de uma sociedade. Os nossos sentidos elaboram e dão forma aos fenômenos. Corpo e espírito estabelecem e criam vínculos que impulsionam o corpo para possíveis ações e para novas soluções. O modo de sentir e pensar encontra-se moldado por um contexto social, que elabora um clima de aumento ou diminuição de intensidades e das relações de ordenações que são estabelecidas em uma sociedade. Quando nos conscientizamos das nossas necessidades, orientamos o nosso ser sensível para um permanente exercício de ajuste de foco, que faz expandir as nossas necessidades muito além de todas as restrições e obstáculos. Os sentidos, se explorados, geram uma potência que, para se materializar, necessita de uma mente consciente que reconheça a importância do vínculo e da emoção.

Talvez a coisa mais difícil na atualidade seja a de como reagir a tantas pressões como a da velocidade, a dos *chips* da cibernética e a do ‘ilusionismo’ fabricadas pela telecomunicação que beneficiam a cristalização de modelos culturais. Ao mesmo tempo em que somos envolvidos pelos meios de comunicação globalizantes, este mesmo corpo percebe que seu espírito se encontra cada vez mais vazio de ações singulares. Quantas novas interações serão necessárias para romper as máscaras de um corpo global, se na vigência de um trauma percebo-o externo a minha pessoa. Como enfrentar o terror da perda sem que isto represente o estigma da incapacidade.

Quanto das experiências vividas se transforma em impressões que, se ela-

boradas e buriladas, abrem brechas para a comunicação. Temos consciência de que toda singularidade inscrita por alguém faz nascer um mundo que só pôde surgir pelo resultado de sua interação e de sua própria dinâmica. O pensamento é sempre dinâmico, é sempre movimento interior, como uma corrente que faz rolar, em constante variação, impelindo a um movimento próprio, que dá sentido a nossa expressão. Ao ordenarmos as ideias, objetivamos nossos conteúdos, e os convertermos em comunicação objetiva. É neste movimento que ocorre a forma simbólica na dimensão da realidade física e também em áreas da nossa psique. Quando falamos da psique humana devemos nos lembrar que o sujeito nada mais é que o encontro das relações sociais com os discursos subjetivos do passado com o presente. É o que Renaud Bárbaras nos explica em seu artigo, *A alma e o cérebro*, coordenado por Novaes:

[...] o cérebro desenha pouca coisa de um estado psíquico, a saber, o tipo de movimento pelo qual este se expressaria ou se manifestaria, movimento em que a singularidade irreduzível desse estado, toma consciência, e, portanto, a passagem para a exterioridade é uma perda dessa tonalidade singular. Nesse sentido, há um excesso infinito da alma em relação ao corpo (NOVAES, 2003, p. 75).

Segundo Damásio, (2011, p.24) o passo decisivo para o surgimento da consciência não está vinculada à produção de imagens e à criação das bases de uma mente. Para ele é tornar nossas essas imagens, fazer com que pertençam ao seu legítimo dono (organismo singular), impulsionado a formar e relacionar os fenômenos de forma nova, resultando em um processo longo de exteriorização das experiências. Como nos relata o filósofo Dewey em *Arte como Experiência* (2010, p.31) “*Forma e matéria são inseparáveis porque não existem relações sem relata, e não existem coisas que não se relacionem com outras coisas. O que é forma num contexto é matéria em outro, porque as relações entre as próprias percepções relacionam-se entre si.*”. A capacidade humana de elaborar, formar e compreender estabelece uma interação com os fenômenos a nossa volta. Este movimento de extensão promove uma conexão e interação com o mundo. O desdobramento destes relacionamentos acumulativos é o produto da interação simbólica com o mundo exterior, é o conhecimento que usamos para nos apropriar simbolicamente

mente das coisas e dos acontecimentos da natureza.

Os seres humanos são obrigados a prolongar-se e a exteriorizar-se, libertando o corpo das pressões físicas e das sensações adquiridas pelos sentidos. Por meio de mímicas, figuras, sons, gestos os seres puderam trocar e repassar suas primeiras experiências. Dentro desta perspectiva, o cérebro evolui e adquire uma propriedade definidora, a da subjetividade, capaz de transformar experiência em atos e gestos, que se tornaram instrumentos de expressão emitidos e espalhados ao mundo pelo e com o corpo.

O espírito compartilha as experiências individuais e comuns, carrega o passado das experiências individuais e coletivas. Pela intermediação, o espírito capacita e conserva a memória das coisas. Os meios utilizados pelos seres humanos, seus instrumentos de expressão, indicam uma consciência intencional, na qual as descobertas necessitam ser repassadas e transmitidas. Com o desenvolvimento da comunicação é possível guardar os eventos, pensá-los, examiná-los, compartilhar cada nova experiência.

O resultado dos compartilhamentos e das interações fez nascer todo tipo de construção simbólica na história da humanidade. Tanto a experiência espiritual quanto material são repassadas por meio da comunicação de forma simbólica para os outros seres humanos no decorrer do tempo.

O mundo do espírito se abre, possibilitando uma operação mental generalizante da realidade. Esta capacidade de generalização dos fatores naturais requer deste ser o desenvolvimento da compreensão e a necessidade de intercâmbio. A transmissão racional e intencional da experiência promove o intercâmbio social.

A comunicação humana intencional do pensamento requer um sistema mediador que exteriorize o significado das coisas. O universo precisa ser simplificado e generalizado para que o pensamento seja traduzido em símbolos. A função da comunicação é promover a ligação com o coletivo, ela é a interligação entre as mentes.

As nossas referências são cunhadas de maneira pessoal, porém dentro de um arcabouço cultural. Nesse processo de formação do self, qualquer fenômeno relacionado e percebido são visões particulares, intimamente dependentes da cultura. A experiência humana é sempre dinâmica, sensível, consciente. Todo novo fazer se

relaciona com um novo conteúdo, elaborando novas significações. Conscientes deste potencial midiático o pensamento se exterioriza por meio da linguagem.

A capacidade humana de comunicar conteúdos expressivos não está restrita às palavras, ela pode acontecer também por meio da imaginação criativa. As ordenações resultantes abrem possibilidades e permitem o relacionamento afetivo. A afetividade, por sua vez, amplia a visão global e permite a transformação e a re-significação da capacidade criativa.

1.5. Apresentação da Rede Sarah

O cenário deste trabalho é na Rede SARAH de hospitais de reabilitação, da Associação das Pioneiras Sociais (APS)⁴, - entidade de serviço social autônomo, de direito privado e sem fins lucrativos - é a Instituição gestora da Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação. Do ponto de vista do doutor Aloysio Campos da Paz Júnior, cirurgião-chefe da Rede Sarah de Hospitais de Habilitação em seu livro *Tratando doentes e não doenças* (2002, P.19) ele relata que a existência do SARAH, nasce de uma semente de utopia, em que o país vivia uma agitação política por meados de 1950 e início de 1960, no qual caminhava para eliminar o passado de Terceiro Mundo e caminhar para uma sociedade mais justa.

A Rede SARAH é uma instituição dedicada à reabilitação, tratamento de deformidades na criança e problemas do neurodesenvolvimento. Destina-se, portanto, à prestação de serviços especializados nas áreas de neuroreabilitação, indiscriminadamente a todos os níveis da população.

A Associação, criada pela Lei nº 8.246, de 22 de outubro de 1991 tem como objetivo retornar o imposto pago por qualquer cidadão, prestando-lhe assistência médica qualificada e gratuita, formando e qualificando profissionais de saúde, desenvolvendo pesquisa científica e gerando tecnologia.

O caráter autônomo da gestão desse serviço público de saúde faz da Associação a primeira Instituição pública não-estatal brasileira.

A Associação administra a Rede SARAH por meio de um Contrato de Gestão, firmado em 1991 com a União Federal, que explicita os objetivos, as metas e os prazos a serem cumpridos. Os princípios administrativos para alcançar esses propósitos

4 - Brasília. Rede SARAH de Reabilitação. A instituição.

<http://www.sarah.br/p/instituicao/pó/index.htm>. Disponível em 22/11/2011/Acesso em 08/21

estão regulamentados em manuais internos.

O programa de trabalho plurianual da Associação tem os seguintes objetivos gerais: prestar serviço médico público na área da medicina do aparelho locomotor, além de formar recursos humanos e promover a produção de conhecimento científico, como também gerar informações na área, de epidemiologia, gestão hospitalar, controle de qualidade e de custos dos serviços prestados e, por último, promover ação educacional e preventiva, visando a redução das causas das principais patologias atendidas na Rede. Cada hospital da Rede representa um espaço para reprodução e aperfeiçoamento dos princípios, conceitos e técnicas consolidados ao longo do tempo pelo SARAHA-Brasília. Os conceitos agregados e aplicados, no cotidiano, pelos profissionais que atuam na rede, transformaram o SARAHA em centro de referência nacional e internacional.

A Rede Sarah de hospitais de Reabilitação, atualmente, é constituída por nove unidades hospitalares localizadas em Brasília (DF), com um hospital e um Centro Internacional de Neurociências e Reabilitação, Salvador (BA), São Luís (MA), Belo Horizonte (MG), Fortaleza (CE) e Rio de Janeiro (RJ), Macapá (AP) e Belém (PA).

Os hospitais da Rede caracterizam-se por uma cuidadosa integração de sua concepção arquitetônica aos princípios de organização do trabalho e aos diferentes programas de reabilitação, definidos conforme os indicadores epidemiológicos da região em que cada unidade está inserida. Dessa integração resultam, por exemplo, os amplos espaços dos hospitais SARAHA, com seus solários e jardins, buscando sempre a humanização do ambiente hospitalar e as enfermarias coletivas, com o sistema de “assistência progressiva” com aproveitamento ótimo dos recursos disponíveis. Este sistema, pela primeira vez implantado no Brasil, data das origens do Projeto, caracterizando-se pela possibilidade de manter o paciente em locais de maior ou menor concentração de recursos humanos e materiais. Surgiu desse conceito a criação do “Primeiro Estágio” onde permanecem os doentes que necessitam de cuidados intensivos e frequentes, com a característica de permitir a presença de seus familiares.

Os ambientes foram cuidadosamente preparados para os pacientes das diversas especialidades médicas e terapêuticas, com piscinas, ginásios para fisioterapia, unidades de exames

complementares ao diagnóstico, blocos de serviços operacionais, entre vários outros espaços.

Os hospitais da Rede SARAHA estão interligados por tecnologias de telecomunicação desde 1997. Diagnósticos de patologias, casos e exames podem ser discutidos conjuntamente, em tempo real, por meio de vídeo-conferência, pelas equipes das diversas unidades, multiplicando o potencial e o conhecimento do staff. Também podem ser consultados todos os prontuários, que são eletrônicos (informatizados), de qualquer outra unidade, promovendo assim o mesmo nível de qualidade de atendimento em toda a Rede e permitindo permanentes interconsultas e programas de atualização.

Os hospitais da Rede realizaram, em 2010, uma média diária de 6.545 atendimentos, totalizando neste ano mais de 1.639.451 atendimentos a pacientes.

Os pacientes atendidos em suas unidades hospitalares demandam cuidados especializados, para os quais são formadas equipes interdisciplinares que atuam, conjuntamente, em todas as fases da reabilitação para atingir um dos objetivos da Instituição: a melhoria de sua qualidade de vida. Na visão de Campos da Paz o conceito de ter ou não limitação vai depender de respeitar o que cada pessoa traz consigo, apesar das limitações, o enfoque deve ser no que as pessoas conseguem realizar, construir, relacionando sempre pelo modo pelo qual a pessoa percebe.

Os principais atendimentos que a Rede Sarah de Hospitais atende dizem respeito a determinadas patologias como: atraso no neurodesenvolvimento; paralisia cerebral; problemas ortopédicos em crianças e adultos, lesão medular, acidente vascular e outras.

Os pacientes são encaminhados para serem atendidos por uma equipe composta de médicos, fisioterapeutas, enfermeiros, psicólogos, fonoaudiólogos, nutricionistas, pedagogos, jardineiros, assistentes sociais, professores hospitalares, professores de educação física, professores de dança, professores de artes, capacitados em repassar conhecimento para quem dele mais precisa, sempre focalizando o processo, debatendo e questionando valores. Esta prática são características do atendimento da Rede SARAHA que traça uma mudança de atitude como consequência, o desenvolvimento de transferência de conhecimento entre equipe, paciente e família, sobre as diversas possibilidades do dia a dia do paciente.

Para que a lesão medular não seja um impedimento e o paciente retorne ao seu cotidiano e às suas atividades diárias, há, semanalmente, uma reunião com toda a equipe interdisciplinar do programa de reabilitação. Nessa reunião, cada paciente e suas particularidades (seqüelas), são analisados e, a partir daí, dependendo do nível de lesão medular são estabelecidos os procedimentos médicos, os objetivos propostos e as atividades a serem executadas por eles. Cada profissional envolvido apresenta a sua proposta para cada paciente, direcionado para o processo de reabilitação. Estas propostas serão repassadas ao paciente que adere, ou não a elas.

Dando suporte para a equipe temos o EquipHos que cria junto com a equipe todos os equipamentos e mobiliários do Hospital.

Assim é constituída uma equipe interdisciplinar em cada programa: o paciente e sua família participam de uma reunião de equipe, momento em que, juntos, vão traçar o melhor atendimento, respeitando sempre que possível as habilidades dos pacientes. A participação durante a internação compreende uma dinâmica em que cada paciente, junto com seu acompanhante, recebe uma grade das atividades para execução durante a semana, como fisioterapia, educação física, psicologia, montando assim o seu processo de reabilitação. Neste sentido, a essência da reabilitação consiste em interagir ativamente com os outros e com o meio cultural.

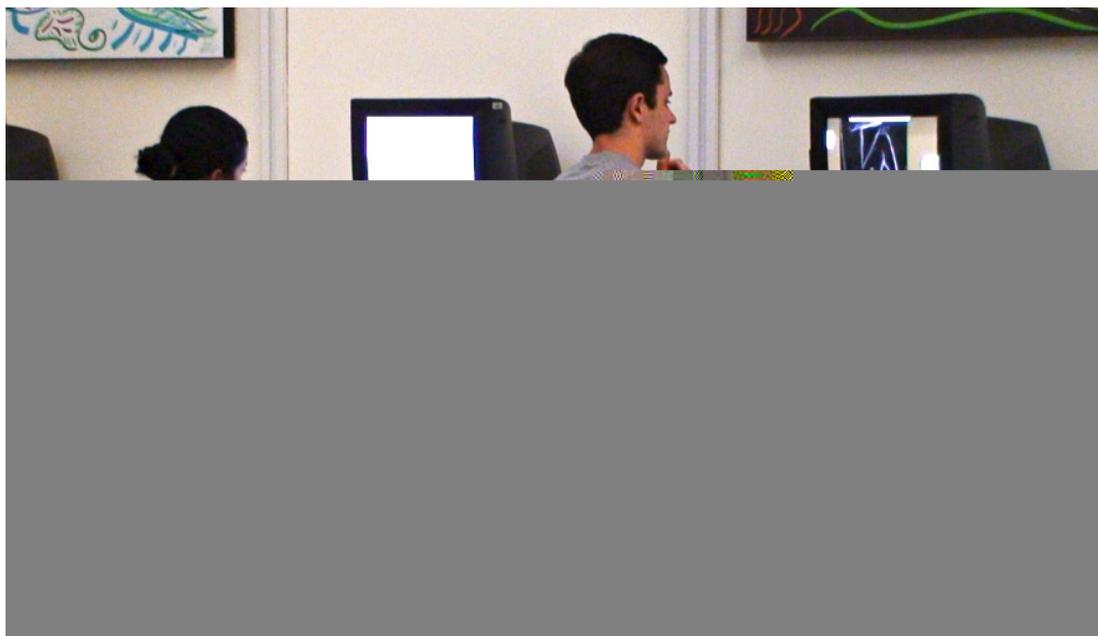


Figura 4. O ateliê digital no CINR Lago Norte em 2005. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah.

O hospital disponibiliza, para iniciação digital, um espaço para o aprendizado com computadores, impressora de jato de tinta, um scanner e uma filmadora digital. Os primeiros exercícios propostos seguem os pressupostos do método Paulo Freire (1977), observando os interesses e motivações dos pacientes e são dados nos primeiros exercícios. O *software* apresentado é o *ArtRage3* (Figura.5) que contém ferramentas como em um ateliê tradicional e uma folha em branco.

Nascem aí as primeiras interações do paciente com a experiência visual. Corpo desenvolvendo-se com as coisas do mundo, gerando a experiência estética (organismo e meio). A experiência estética só pode ser vivida por uma relação de trocas de energias que se relacionam evocando desejos que são intensificados pela experiência estética. A percepção estética, a princípio, só pode ser vivenciada quando o paciente se encontra em processo, experimentando materiais que exigem dele tempo e um olhar perscrutador.

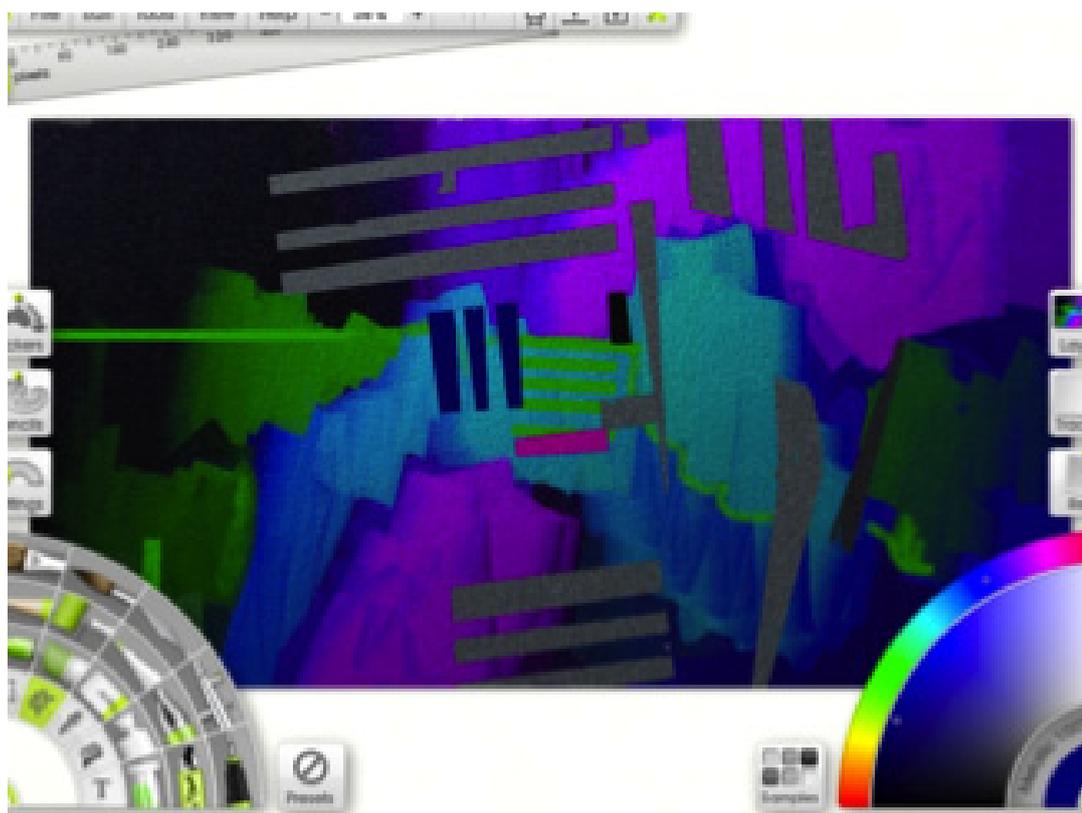


Figura 5. Trabalho criado com o software *ArtRage Studio 3.07*

O desafio proposto pelo ateliê digital é o de estimular o paciente, afim de que ele mesmo recrie e construa respostas próprias, levando-o a perseguir objetivos e superações. Percebe-se que, no ato de apreender, não se deve impor domínios fechados,

porque eles impedem a renovação e o reconhecimento de novas possibilidades e a elaboração de novas ideias. O sujeito que se atrela às coisas do mundo com curiosidade não se acomoda, está sempre recriando. O sujeito da ação é consciente e crítico.

São aproveitadas, no ateliê digital, as ferramentas de tecnologia já existentes no hospital, tais como: computadores, mesas digitais, impressoras, digitalizador e pequenas adaptações como (Figura 6): gabarito para teclado, mouse plano, mouse de cinco teclas capacitivo (um sensor que exhibe uma variação nominal da capacidade em função de uma grandeza não elétrica), mouse de quatro teclas, tecla única, sensor de proximidade, sensor de flexão, *joystick*, *Track-Ball* adaptado, dispositivo sonoro, comunicador pessoal com teclado, comunicador pessoal com varredura. Alguns pacientes precisam utilizar recursos adaptados para acoplagem no corpo, o que permite um melhor desempenho funcional na execução das atividades.

A postura da arte-educadora face ao paciente com lesão medular objetivava despertar nele a adesão voluntária ao programa de artes digitais e, num segundo momento, instigá-lo, para desejar novos passos que promovam a ação. Este agir abre ressignificações, amplia universos ainda não visíveis e não imagináveis. A arte abre estes canais subjetivos e criativos por meio da experiência visual. Quebra-se, dessa maneira, o paradigma de que é o movimento mecânico que gera a ação.

A apresentação, para o paciente, do computador e das possibilidades de viver uma nova experiência expressiva com a tecnologia desperta uma quebra nas resistências provocadas pelas impossibilidades motoras. A viagem inicia-se pelo apelo que a rede provoca com o seu universo comunicativo sempre aberto pela Internet (convencionou-se chamar de Internet a rede mundial de computadores e terminais digitais interconectados por meio de cabos, ondas de rádio e outras tecnologias).

Desta forma, o ateliê digital aprofunda a noção de arte digital, para, finalmente, explicar o sentido cunhado “ateliê digital” pela arte educadora.

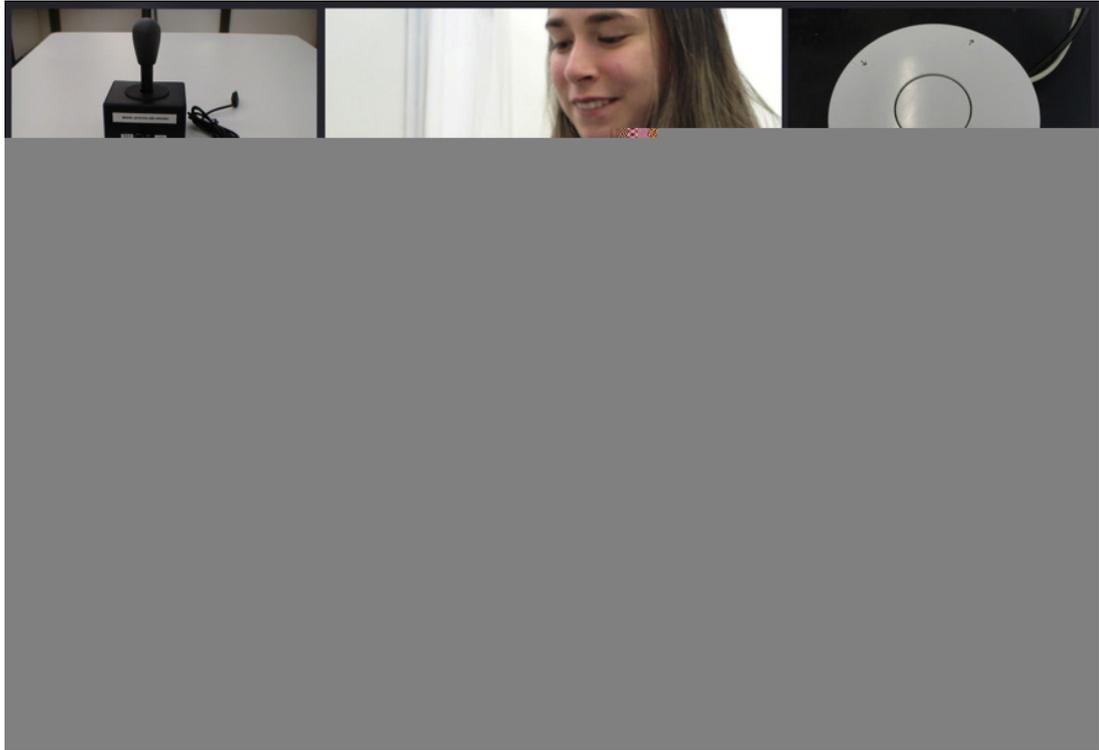


Figura 6. Adaptações. Da esquerda para a direita de cima para baixo, *joystick*, sensor capacitivo, mouse pé, mouse 5 teclas, mesa para mouse pé, mouse 5 teclas capacitivo, mouse plano capacitivo, no centro adaptação para máquina fotográfica. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah.

1.6. Encontro da Arte no Hospital

Dentro da programação do hospital foram desenvolvidos para os pacientes e para equipe de profissionais, palestras e seminários, para aprofundar as razões da necessidade da arte dentro do hospital. Uma descrição como os planos se abrem por meio da arte.

Neste contexto, é de suma importância a interação do corpo para se entender que a ideia para se materializar e se concretizar apresenta-se de formas diferentes e em vários planos. Quando imaginamos, empregamos um pensar específico que, por sua vez, necessita de uma matéria específica para se concretizar. Toda ideia precisa de um meio para existir; por meio da imaginação criativa, hipóteses se configuram, determinando o tipo de materialidade em que ela vai se propagar. Com o pensamento específico nascem formas significativas que potencializam a nossa capacidade de comunicar conteúdos expressivos. Ligam, interligam gestos e sentidos que ampliam o sentido de vida e de existência, convertendo-os em forma simbólica.

Segundo Dewey (2010) a arte é a natureza transformada pela entrada em novos relacionamentos, provocando novas respostas emocionais. Ela remodela profundamente o material da experiência no ato expressivo. Este ato a que Dewey se refere não é exclusivo do artista ou de qualquer outra pessoa. Quando a arte exerce o seu papel, ela modifica profundamente a experiência da comunidade e da vida.

Quem se permite entrar no jogo da construção de uma imagem sabe que as regras nunca são fixas; que existem alguns princípios necessários para nortear o que ainda poderá ser. Esta operação transforma o já existente e amplia a noção de vida. É necessário ter clareza da finitude do jogo e que desta latência surge a mediação com o espectador. Estas experiências induzem o sujeito a outros pensamentos, abrindo espaço e lugar para significados que podem levar a tantos outros. Pensar visualmente é pensar com os elementos da linguagem, com categorias como forma, configuração, cor e composição que, exploradas e trabalhadas em sua especificidade, possibilitam a escrita básica a ser usada na expressão e comunicação visual.

O desenho é que permite ao artista penetrar na intimidade do real, tocar-lhe o cerne, estripá-lo, reestruturá-lo, transformá-lo. E além disso, saber desenhar é um modo de possuir a realidade, de poder inclusive inventar-lhe sucedâneos. O desenho estabelece relação entre o mundo objetivo e a imaginação, entre a realidade e o sonho. Entre o universo individual e o universo social (GULLAR, 2006, p.120).

O pensamento visual não deve ser confundido com um simples arranjo de imagens. É isto que ocorre com frequência na análise da construção da imagem, ou seja, pensa-se o objeto gerado, recorrendo equivocadamente ao pensamento verbal analítico, confundindo-o com um mero construtor que reproduz uma imagem. Para que ocorra o pensamento visual é fundamental uma mente complexa para estabelecer relações com o mundo e pensá-lo.

O pensamento visual está atrelado aos sentimentos que respondem a impulsos imediatos, fazendo parte de um organismo, sendo sempre essência mental como qualquer outra percepção. Quando estamos diante do objeto ou envolvidos no fazer, sabemos que só será possível perceber ou dialogar com o objeto significante por meio do acesso efeti-

vo a um elemento contido nesta coisa. A percepção necessita debruçar-se sobre esta coisa, perceber aspectos externos e internos, muitas vezes fora do mundo sensorial, além de ter que se desvencilhar de conceitos enrijecidos, perturbadores e prejudiciais à compreensão mais objetiva, exigindo do indivíduo uma operação mental mais complexa.

Este ato, o de percepção e diálogo com o objeto, deriva de uma construção aliada a uma intuição do todo, é a ação de “ver essa coisa”, que só poderá ser analisada a partir de suas partes. Não se tem domínio completo de como as pessoas manifestam se não for parte a parte. Estes mecanismos reguladores são um pouco mais complexos, mais efetivos. Quando estamos em ação, muitas vezes não temos conhecimento de como emergem e de onde surgem. Este ato é reconhecido por nós como sendo a intuição. São mecanismos de preservação do corpo, quando confrontado pela visão ou percepção. Todo o processo de construção que decorre deste ato é desprovido de certezas, sendo guiado mais pela intuição. Não sabemos aonde vamos parar e o que vamos encontrar.

Estudos de Rudolf Arnheim (1984) demonstram que qualquer linha desenhada numa folha de papel, não importando o grau de complexidade, deriva de forças perceptivas. O que significa que, usualmente, uma pessoa com base em conhecimento adquirido anteriormente ao perceber objetos, cores, formas, movimentos e tamanhos, irá apreender as formas ordenando-as (é o sentido de significação).

Perceber não é apenas um arranjo de objetos, significa também reconhecer o já sabido e acrescentar a este uma informação nova. Lidando com pessoas e objetos é que vamos descobrindo o sentido do mundo. Segundo Arnheim (1984), “toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção”.

Segundo o professor e artista Hans Hofman (in CHIPP,1999), a ideia faz um percurso, transforma-se, transporta-se, adapta-se às profundezas do que existe na forma da expressão. Não importa a sua aparência, o que explica que a mesma ideia pode se expressar e ocorrer em diferentes meios e com diferentes aparências.

Este percurso é composto por uma pulsão que incita e pressiona o ser, que impulsiona as emoções a uma ação. A união da emoção com a ação gera o resgate

das experiências passadas que se recriam em novos impulsos. Nessa passagem, o que antes estava gasto de certeza, é renovado, surgindo um novo significado.

A condição básica para que o autor viva intensamente suas emoções, representa o instrumento de alcance espiritual do meio de expressão. Para que alguém possa se expressar visualmente é necessária uma condição: tem que aprender a ver. As imagens que temos na mente e que podem virar ideias, são resultantes de interações de vários “nós” com os objetos que nos rodeiam, interagindo, mapeando e sendo construídas de acordo com a capacidade individual. Esta interação que a arte realiza com o mundo por meio da linguagem, nada mais é que a abertura para o inexplicável universo que tanto nos fascina. Adquirimos mais autonomia quando necessitamos nos comunicar e elaboramos, por meio da linguagem, uma exteriorização do nosso interior. A arte amplia os limites por meio da emoção, transforma o corpo em vidente e simbólico. Por meio de várias combinações conscientes, inconscientes, racionais e sensitivas elaboramos a linguagem que expande, amplia e renova a nossa noção de mundo.

Essa noção de mundo é uma experiência vivida pelo ser de forma consciente e individual. A arte representa, de antemão, um caminhar com o viver. Portanto, por meio da consciência tornamo-nos agentes que relacionam e elaboram novos sentidos. Essa transformação se dá de forma individual, se apresentado como estímulo de comunicação e expressão para a elaboração de ideias. Todo este arcabouço de respostas orgânicas e motoras não está em desarmonia com a execução de ideias. Quando desmembramos o corpo, estamos apenas nos valendo de uma convenção médica, aqui utilizada como facilitador didático.

A arte evoca o que há de mais humano no ser humano, o sentido emocional e estético. Vivencia-se, então, uma experiência nova, reorganizada. Quando se vivencia uma experiência estética⁵ tem-se a atenção redobrada e onde antes era só aceitação, nascem asas. As energias dispersas se intensificam, junto com os sentidos. O que antes era impedimento é agora impulso para possíveis aberturas poéticas. Corpo e espírito sem receio de se desnudar e mergulhar em águas profundas. Este apreender pela expe-

5 - A experiência estética gera um prazer muito além da percepção do objeto singular, ela eleva-se muito além dos limites da percepção. E é intensificada, tornando-se clara e completa.

riência estética só pode ser vivido de dentro para fora. Caminho consciente e prazeroso.

A filosofia e a ciência tentam explicar a nossa existência e a arte abre a porta para outras realidades significativas, fazendo-nos perceber que mesmo que haja uma explicação, continua-se a buscar espaços criativos que são frutos do esforço humano, do espírito e do corpo para existir. Precisamos desta autonomia, da falta de explicação enquanto estética e enquanto linguagem, o que não significa que tudo que se faz tem qualidade ou sentido; nem todo esforço gera um universo expressivo. Cada experiência tem a sua força, propagação e intensidade.

Ao considerarmos as histórias como uma maneira particular de cada ser construir significados que, aliados às tecnologias multimídias, abrem um novo espaço para a aplicação da arte nos tempos de realidade virtual, real. Por este meio um conjunto de novas possibilidades são renovadas, sobretudo na produção subjetiva, cognitiva e afetiva. As tecnologias atuais de imagem digital transformam e abrem um espaço interativo para a arte–educação.

Com um computador ligado a uma rede e com programas digitais, foi possível repensar e ampliar o ateliê digital interativo para e com os pacientes. A ideia de juntar a oficina de arte com as mídias eletrônicas representa o encontro e o desenvolvimento da arte computacional⁶. A utilização de programas digitais e a normatização de exercícios estruturaram a abertura para a alfabetização visual e a sensibilização para os elementos estéticos.

A forma como interagimos com a tecnologia leva em consideração a quantidade de modelos cristalizados e de depósitos de informação que este meio propicia. A emergência de se repensar os modelos tradicionais de aplicabilidade da arte dentro do hospital é o reconhecimento da importância das novas tecnologias de comunicação, promovendo novos espaços para a prática expressiva.

A partir da compreensão da necessidade de inscrição pode-se constatar não importar o lugar em que se está, o que se perdeu, pois sempre pode-se buscar novas

6 - Em contraste com o ateliê digital a Arte Computacional envolve o conhecimento e o estudo dos conceitos, métodos e técnicas computacionais, além de promover ao usuário a informação dos programas, interfaces e conhecimento dos aplicativos utilizados. Conhecendo o termo entendemos que este não atende o trabalho realizado. A proposta da Oficina de Arte Digital dentro do hospital pretende explorar a expressividade visual por meio das mídias eletrônicas. Outros conhecimentos, como o de criação de interface e o de conhecimento de programação fogem aos objetivos propostos.

possibilidades para a existência. Foi com esta intenção que se iniciou o trabalho de inscrição dos sentimentos e do reconhecimento da necessidade de expressão como forma inelutável do ser. Assim, conseguimos realizar a paixão pela criação de um mundo a ser explorado e reinventado a cada click do computador. É neste contexto de perdas pessoais que se alinhavam algumas possibilidades da tecnologia e da arte.

O que se tem na atividade de arte é um processo que nasce do conhecimento construído criticamente. Esta atividade permite passear por novas realidades no ato da criação; o paciente se transforma e transforma o que está a sua volta. Nós, como seres históricos, com identidade cultural - respeitada a dimensão individual, trabalhou-se, com o paciente, os conhecimentos e experiências vividas por eles, tentando superar a dicotomia entre teoria e prática, em que toda prática deve presumir um saber.

Nesta pesquisa, cunhar a importância da arte e do esforço para sistematizar uma conduta para o aprendizado visual dentro de um hospital é reconhecer a necessidade de se elaborar conhecimento para o ensino da arte em locais e espaços ainda sem essa tradição. Introduzir os pacientes na alfabetização visual é fazer despertar neles a reflexão sobre janelas que se abrem por meio do universo digital.

Como o computador e seus recursos tecnológicos têm sido utilizado basicamente, como pesquisa de dados, conversações interpessoais e facilitador de acesso a alguns meios de informação, foi preciso incutir e trabalhar nos pacientes a possibilidade e o desejo de utilização desses recursos como ferramenta de trabalho, capaz de ampliar e transformar o ser, seus afetos e sua subjetividade.

Sabedores de que seus corpos não têm mais as mesmas formas de outrora, perdidos ficam os limites entre o real e o virtual. O que é possível ser mudado neste corpo, sem saber se mudamos de identidade ou se caímos na ficção científica de corpos mutantes. Individualmente os artistas continuam trabalhando e criando trajetórias, como alguns artistas que se deparam com um mundo da arte em mutação, marcado pela incerteza e pela diferença. Com a possibilidade de implantes, diagnósticos, operações a distância, técnicas de computação que criam clones virtuais, (com) próteses ópticas e tácteis, podemos viajar por mundos virtuais. O tempo na tela de vídeo surge pela ima-

gem e não pela superfície, ponto a ponto, pois a imagem só existe no tempo. A cor se converteu em pixel, a percepção se deslocou para uma continuidade temporal, capaz de imprimir um ritmo em tempo real. O fluxo destas imagens permite produzir formas sintéticas com o conhecimento da matemática. A possibilidade de comunicação que a tecnologia propicia para o campo artístico depende do investimento da intervenção do artista para criar novos paradigmas, sem estabelecer a dependência da arte à tecnologia.

Estas janelas que se abrem pelo ambiente digital, por meio de navegações em imersões em ambiente virtual, em instalações, interfaces interativas conduzem para o mundo da cibercultura. Com a tecnologia e a ciência é possível estender a memória orgânica por uma de silício feita para o computador, implantes com chips embutidos na pele transmitem por sinais de satélites, que conseguem identificar qualquer coisa em qualquer lugar do planeta. As máquinas e suas tecnologias computacionais alteram o corpo que passa a ser conectado. Nesta perspectiva, os movimentos podem ser vigiados. De posse das informações, empresas, capitais, fabricantes de chips: oferecem, cadastram, mapeiam preferências, endereços, movimentando um negócio milionário por meio da internet. É neste movimento contraditório que os artistas tecnológicos vão experimentar e programar este meio físico e imaterial.

É neste emaranhado de possibilidades que artistas digitais exploram este meio, cuja característica é o contato rápido com várias comunidades criativas. Trabalhar com o computador permite uma nova possibilidade na elaboração de imagens, dentro de uma lógica um pouco diferenciada dos métodos tradicionais, pois uma ideia pode ser repetida múltiplas vezes. Cada software tem a suas especificidades, ficando à escolha a cargo de cada profissional. Alguns artistas preferem eles mesmos criarem os seus softwares. Por isso, aproveitando as aberturas advindas da tecnologia, explorar, em nível gráfico, o computador junto com a rede abre uma dinâmica nova para arte-educação, permitindo uma reformulação em como elaborar e apresentar os elementos estéticos com participação dos alunos. Com o computador o aluno pode parar, descansar e depois voltar; com seu trabalho gravado ele pode retomar modificar, continuar e ter tempo para pensar em outras possibilidades imaginativas.

2 CAPÍTULO II: Metodologia Desenvolvida

2.1 Método

O presente capítulo apresenta o local do estudo, a Rede SARAH de hospitais de reabilitação da Associação das Pioneiras Sociais (APS), o tipo de estudo nessa pesquisa junto com; o esclarecimento dos critérios de seleção dos participantes, a descrição dos instrumentos e materiais utilizados, como também a descrição dos procedimentos de coleta e análise de dados. Apresenta uma visão do desenvolvimento expressivo associado a uma visão gráfica da evolução do processo estético dos pacientes.

Nesta pesquisa foi utilizada a metodologia de estudo de casos: conhecimento e análise do trabalho desenvolvido pelos pacientes, por meio dos elementos que compõem o leque de possibilidades e troca de informações e conhecimento, tais como blogs, conversas interativas no MSN, desenhos realizados no ateliê digital ou durante as aulas *on-line*.

2.2 Ateliê digital

Sem cavaletes, simplesmente com as telas dos computadores que irradiam luz uma sala onde se misturam todas as idades, para manipular, experimentar e produzir universos sensíveis. De segunda a sexta o ateliê abre suas portas (Figura 7) e atende

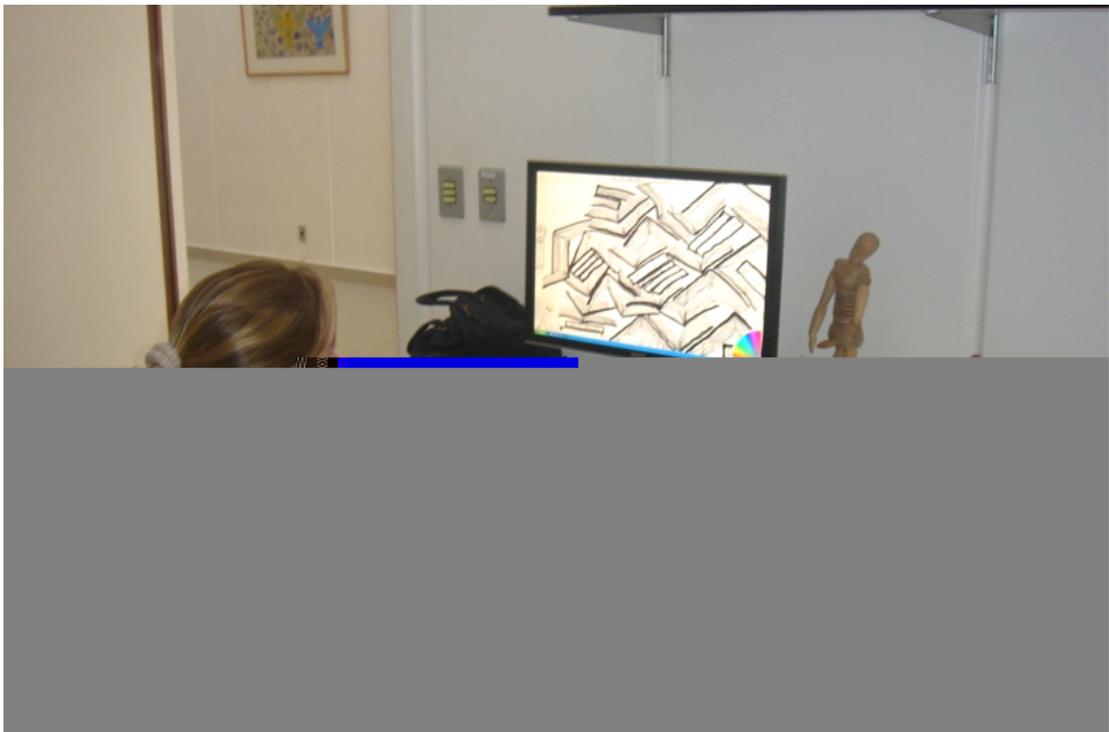


Figura 7. O ateliê digital no CINR Lago Norte em 2008. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah.

todos os programas do Hospital, lesões cerebrais, ortopedia, pediatria e lesões medulares (entre pacientes internos e externos). Aproximadamente a equipe atende durante a semana cerca de cem pacientes em processo de reabilitação. Nesta sala trabalha-se com ilustração, fotografia, pintura, animação, modelagem e artes digitais.

No ateliê digital, os pacientes são introduzidos ao universo imagético por meio de um *software* canadense que simula todos os materiais plásticos para descobrir o universo simbólico. A escolha deste programa *ArtRage Studio* foi feita por conter todas as ferramentas para a alfabetização visual de um ateliê livre, simulando as texturas de materiais reais além de o paciente ter a disponibilidade de baixar a versão Demo ou opção de comprar. Na atualidade, já existe versão para outros sistemas operacionais o *ArtRage Pro (Windows, Linux e Mac)*. A escolha dos programas que compõe o acervo de opções para o experimento visual tem como base o princípio de atender ao processo criativo e gráfico. Hoje existe um leque de opções de *software* proprietários ou livre. Iniciou-se, no ateliê, com algumas opções que, no decorrer do envolvimento, aprofundamento do paciente e do seu interesse ia-se oferecendo outras



Figura 8. Pacientes em atividade. Na esquerda, paciente em atividade do ateliê digital com sua máquina fotográfica; na direita, a sala do ateliê digital no dia a dia da atividade. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah.

opções para novas respostas neste vasto universo. O paciente tem o direito de optar pelos programas e utilizar as múltiplas plataformas existentes no ciberespaço, significando a existência de várias possibilidades de desenvolvimento de um trabalho.

O ateliê é um espaço para o encontro expressivo onde a vontade de superar obstáculos (Figura 8) se rompe pelo universo poético; onde a abordagem com o paciente é uma dinâmica que auxilia na construção de diferentes visões por meio dos seguintes momentos expressivos:

1º passo: conhecer o universo imagético simbólico do paciente;

2º passo: introdução dos programas gráficos e seus recursos específicos que se convertem em um veículo para a experiência estética;

3º passo: apresentar os elementos visuais por meio de exercícios visuais para intensificar a imaginação e não meramente o fazer mecânico;

4º passo: construir um universo expressivo, aprofundando as experiências anteriores, introduzindo novas interpretações e novos significados sobre a matéria e a forma do objeto;

5º passo: produção imagética expressiva acompanhada de novas respostas emocionais, utilizando todos os recursos advindo da rede;

6º passo: estabelecer encontros virtuais para intensificar a qualidade expressiva e do semiconhecimento;

7º passo: a experiência singular expressiva do paciente conectando-se e impulsionando outras histórias expressivas.

A troca dialógica dá-se por meio de ordenações. São estas:

1º passo: pergunta inicial: o que quer? o que sabe? o que espera?

2º passo: contato com a máquina e suas possibilidades, abc da computação.

3º passo: apresentação de programas (*softwares*) que abrem e criam novas possibilidades de expressão.

4º passo: exercícios a partir dos elementos da linguagem visual, alargando a imaginação e ajudando na pesquisa de novos significados.

5º passo: permitir que o singular seja conhecido pelo coletivo por meio de exposição dos trabalhos, como forma de registro e vestígios da arte na arquitetura, além

de calendário institucional e mostras temporárias e permanentes dos desenhos.

6º passo: recursos como *blogs*, *chats*, *MSN*, criando uma maior interatividade. Unidos pela tecnologia.

7º passo: troca de relatos; imagens postadas ajudando na superação de dificuldades emocionais e físicas e proporcionando uma unidade compartilhada.

Para facilitar o controle do corpo, lateralidade, direção, trajetória, localização, velocidade, força, coordenação, resistência e manipulação, com base na experiência da autora que, percebendo a necessidade de um trabalho motor mais abrangente, optou na instalação da mesa digital (*tablet*) para os pacientes com lesão medular alta para promover maior agilidade. Por se tratar de paciente com tetraplegia, em que há ausência de pinça nas mãos, as adaptações foram utilizadas para que o paciente pudesse segurar e preencher com firmeza; essas ações são importantes para que o aluno reaprenda, gradativamente, a dominar o mouse (formato de caneta), necessárias para acionar e direcionar o cursor, para superar outras dificuldades. Alia-se arte à tecnologia em busca integrada do reaprendizado e desenvolvimento motor, respeitando o componente objeto, mão e olho. Para trabalhar a motricidade fina, normalmente é comum apreender objetos com os dedos (pinça), seguido de segurar algo, (Figura 9) (utilizou-se uma adaptação em forma de gota com um adesivo para uma melhora de manipulação); a global envolve ritmo, deslocamento e busca de novas informações; equilíbrio vinculado ao tônus postural, procurando uma economia de energia, para que não ocorra a fadiga em busca da anulação e compensação.

Na busca de ampliar a qualidade do compromisso em desenvolver um trabalho mais comprometido com os anseios dos pacientes, o ateliê se estende com o advento do correio eletrônico estabelece uma possibilidade de continuação do diálogo, permitindo traçar os exercícios conforme a necessidade do paciente. O embate e a busca por uma educação participativa e instigante com os pacientes permitem uma troca alegre, em que ao me desvelar eu também desvelo o outro. É este o contrato de participação que buscamos desenvolver dentro do hospital. Acreditamos que ele só é possível quando o vínculo com o paciente é estabelecido, quando se traça e se estabelece objetivos para e com eles.



Figura 9. Adaptação para mão. Adaptações utilizadas para segurar o instrumento, pela ausência de pinça nas mãos. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah.

O que significa que o conhecimento é um fenômeno que só se materializa quando experimentado na realidade, em uma troca com outras pessoas na interação e numa concordância entre cultura e língua. Os meios tecnológicos com sua interface de interação com usuários e máquinas transformam os meios convencionais da escritura e da narrativa em contextos reais, para uma cultura dos meios eletrônicos, construída pelo visual, sensorial, não linear, virtual. Esse espaço, acessado por meios tecnológicos, promove a interação e potencializa a comunicação e o aprendizado.

No ano de 2002 foi iniciada a oficina prática de artes plásticas na reabilitação infantil, a maior demanda era representada por crianças e adolescentes com paralisia cerebral: em que as principais alterações eram motoras podendo ter outros distúrbios relacionados à patologia, como, retardo mental, deficiência auditiva, problemas sensoriais e desordens comportamentais (BLECK e NAGEL, 1982; AICARDI, 1998). O ato de aprender a significar por outro meio que não fosse o verbal e escrito era um ganho para os pacientes, porém a atividade se mostrou ineficiente por utilizar materiais convencionais. A partir da compreensão de que não era possível determinar se a dificuldade dos pacientes para se expressar era de

cunho motor ou cognitivo (ou os dois), (figura 10) o auxílio do computador e seus recursos facilitaram uma alfabetização visual.



Figura 10. Início do ateliê digital. O ateliê digital iniciou-se no hospital em 2003 para transpor obstáculos físicos e promover a experiência visual para os pacientes com paralisia cerebral (distúrbio caracterizada por alteração do movimento, secundária a uma lesão não progressiva no cérebro em desenvolvimento). Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah.

A decisão de utilizar outro meio foi facilitada por já existir espaço físico, nos quais professores e psicólogos já desenvolviam atividades pedagógicas com o computador (Figura 11). Em 2003, inicialmente, usou-se computadores da IBM 386 com 4gb de memória e com os programas gráficos *Paint* e *CorelDraw*. Os softwares já tinham sido adquiridos pela instituição, viabilizando a atividade. Os programas, por serem vetoriais, podiam ser acionados por um sistema de varredura, construído pelos profissionais da Bioengenharia, permitindo assim o acesso e manipulação. Os exercícios iniciados na atividade eram salvos em pastas do próprio computador, para assim avaliar a progressão; para que os pacientes continuassem em casa, os exercícios eram salvos em disquete. As primeiras máquinas a terem gravadores e leitor de CD foram instaladas um ano depois da criação do ateliê.

Viabilizar um atendimento adequado para estes pacientes exige a pesquisa de uma melhor forma de atendimento. Foi criado um estreito intercâmbio com os setores de bioengenharia e com a equipe de projeto de equipamentos de saúde (EquipHos); destinado a programar e desenvolver protótipos de equipamentos de saúde,

pesquisa e produção de equipamentos para os pacientes, visando simplificar as técnicas terapêuticas como a finalidade de adequá-las à sua área de influência, a fim de promover o desenvolvimento de recursos adaptativos. Na bioengenharia desenvolveram-se atividades de projetos mecânicos e eletrônicos. Os principais dispositivos que os engenheiros mecatrônicos criaram foram dispositivos para aparelhos com processamento embarcado, utilizando microcontroladores. Grande parte destes são interfaces para uso com o computador ou que auxiliam a comunicação. Com uma equipe de técnicos, altamente capacitados, capazes de fornecer e construir as adaptações para o acesso do paciente à máquina, foi possível criar uma nova forma de atendimento.



Figura 11. O ateliê digital em 2003 com os pacientes já participando. Reabilitação Infantil Sarah Centro. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah.

Para possibilitar a aquisição de computadores, ainda incompatível com o orçamento das famílias, o hospital disponibilizou-os por meio de empréstimo. Os pacientes recebiam computadores doados por outras instituições, que eram refeitos pelos técnicos como uma forma de promover a melhora do desempenho educacional.

A rede de comunicação Internet não era de largo acesso em 2003, por isto as primeiras referências do ateliê são fornecidas pelos artistas gráficos, ilustradores, fotógrafos, gravadores e *design* que forneceram uma vasta literatura. Os primeiros exercícios elaborados para a atividade mesclam a criação imagética, intercalando impressos com mídia eletrônica; para transmissão

de mensagens eram propostos exercícios: cartões, cartazes, ilustrações, calendários são as primeiras propostas elaboradas no ateliê pelos pacientes. Assim ao se procurar uma nova forma de atendimento emergiram questionamentos sobre a importância do corpo como potência.

2.3 Casos analisados

Foram estudados três adultos jovens, do gênero masculino, com lesão medular, diagnosticados como tetraplégicos, em processo de reabilitação no SARAH Lago Norte - Centro Internacional de Neurociências e Reabilitação. Os dados sociodemográficos e sobre a lesão medular estão detalhados na Tabela 1.

Tabela 1. Características sócio-demográficas e dados da lesão medular

Dados	Breno	Pedro	Renan
Sociodemográficos	Rio de Janeiro	São Paulo	Rio de Janeiro
Idade	29 (2011)	21(2011)	24 (2011)
Gênero	Masculino	Masculino	Masculino
Escolaridade	Superior completo (Medicina)	Superior incompleto (Desenho Industrial)	Superior completo (Ciências Sociais)
Estado civil	Solteiro	Solteiro	Solteiro
Ocupação	Cardiologista	Estudante	Sociólogo-Mestrando
Lesão medular	Sensitivo- C4 Motor- C7-C8	Sensitivo- C5 Motor- C6	Sensitivo-C8 Motor-C6
Diagnóstico	Tetraplegia	Tetraplegia	Tetraplegia
Tempo de lesão	18/01/2008	17/03/2007	31/12 /2004
Etiologia	Arma de fogo	Mergulho em água rasa	Mergulho em água rasa
Locomoção	Cadeira de rodas	Cadeira de rodas	Cadeira de rodas
Ano internação	06/02/2008	19/10/2007	21/06/2005

A escolha destes três pacientes se deve ao fato de eles serem exemplos de alunos que se mobilizaram e se aventuraram na experiência estética e para quem os encontros criativos ultrapassaram o próprio contexto da reabilitação motora.

Entre tantos pacientes que passaram pela oficina de arte digital, não foi fácil a seleção. Poderíamos ter optado por outros que apresentaram boa adesão, mas com um certo grau de dificuldade, porém, por existirem muitos pacientes em plena atividade e por uma questão metodológica, a escolha destes três pacientes deu-se por serem assíduos às aulas virtuais e por explorarem, em seus trabalhos, de maneiras diferentes, uma intensidade de sentimentos e de liberdade. Como exemplo, a tenacidade, que poderia ser expressa com o emprego de mecanismos resilientes, perante a quebra de barreiras físicas como a apropriação do espaço para o desenvolvimento estético.

A escolha dos pacientes está apoiada também no reconhecimento de que os laços de afeto apóiam a produção, reforçando uma reflexão sobre importância do ato de apreender atrelado à emoção.

O encontro com eles se deu no primeiro momento pela perda (lesão medular), depois pela poesia. São encontros criativos de corpos e mentes pulsantes. Somos todos aventureiros. Deixamo-nos ser afetados pelo ponto, pela linha, pelo desenho e, sobretudo, pela magia que a experiência estética provoca.

Cada paciente participante do ateliê digital cria a sua pasta para que, no decorrer do processo, possam ser acompanhadas mudanças e evoluções. Para não se perderem os trajetos percorridos pelos pacientes, as conversas construídas no percurso das aulas on-line estão presentes neste estudo, costurando o objeto, uma vez que elas mostram claramente como se dá a participação e a troca. É a própria participação do indivíduo que passa a ser o objeto do presente estudo, em que foi empregada metodologia própria para estudo de caso.

Os pacientes foram convidados a participar da pesquisa e depois assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1). O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Associação das Pioneiras Sociais, em atendimento às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução CNS 196/96 – Decreto nº 93933 de 14 de janeiro de 1987) do CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde).

2.4 Materiais e instrumentos

Os dados clínicos e sóciodemográficos foram obtidos do prontuário eletrônico. Para o levantamento dos outros dados utilizou-se um roteiro de entrevista, depoimentos em vídeos, entrevistas online, registros gráficos (desenhos realizados pelos alunos), blogs, correio eletrônico.

Os depoimentos dos participantes foram obtidos a partir de quatro perguntas, apresentadas a seguir:

1. Você pode narrar o que aconteceu no dia do seu acidente?
2. O que significou para você ser internado em um hospital de reabilitação e encontrar o ateliê digital?
3. O que significa este espaço para você?

4. Qual o valor da continuidade das aulas *on-line*?

As entrevistas foram respondidas pelos pacientes no ano de 2008.

A coleta de dados se dá no marco de um trabalho de intervenção durante a internação dos pacientes. Cada um dos participantes desta pesquisa frequentou o ateliê digital, totalizando nove encontros (dezoito horas), três vezes na semana, na primeira internação no Centro Internacional de Neurociências e Reabilitação. Os primeiros registros imagéticos e a evolução do processo criativo foram salvos no servidor no ateliê digital em pastas individualizadas de cada paciente.

Seguindo a continuação do processo de reabilitação, o retorno desses pacientes ao Hospital se deu no marco de um ano. O tempo de internação foi decidido pela equipe multidisciplinar, a partir do estabelecimento dos procedimentos clínicos e dos novos objetivos de reabilitação para os pacientes. Os participantes da pesquisa mantiveram a mesma frequência da primeira internação, três semanas internados frequentando o ateliê digital três vezes por semana, num total de dezoito horas, aproximadamente, de curso.

Os diálogos no MSN com os pacientes e as respectivas transcrições foram integralmente salvos. A seleção e a análise dos diálogos seguem a dinâmica do ateliê, análise dos desenhos e trocas teóricas. Os blogs elaborados durante a atividade são objetos de estudo do crescimento estético da produção de cada participante.

Foram realizadas várias leituras do prontuário dos participantes com a utilização de um resumo da história e metas desenvolvidas pela equipe da psicopedagogia. Os relatos e os depoimentos dos pacientes têm por objetivo complementar os diálogos e as histórias desses participantes, após a ocorrência da lesão medular. A leitura do prontuário nos serviu para conhecer suas histórias clínicas.

Em relação à organização do material, foram priorizados os desenhos que permitiram analisar a evolução motora e expressiva. Formou-se um arquivo de desenhos produzidos pelo paciente e no diário de campo, onde foram datadas e registradas as intervenções e observações sobre o paciente.

O trabalho de construção de dados aconteceu em tempos diferentes para cada caso, interligando-se no decorrer do processo de reabilitação dos três pacientes esco-

lhidos para este estudo. Para reproduzir, de forma fidedigna, o funcionamento do ateliê digital dentro e fora do Hospital, intercalou-se momentos de diálogos acontecidos on-line no correio eletrônico (MSN), ao lado de relatos e depoimentos dos próprios participantes. Os registros imagéticos, construídos no decorrer do ateliê pelos pacientes, estabelecem uma dimensão estética e poética acrescida pelas conversas estabelecidas durante as aulas.

Os pacientes participaram da oficina digital com intuito de buscar mecanismos de aperfeiçoamento de sua capacidade visual e motora, ampliando, assim, seu instrumento de comunicação.

A primeira etapa referiu-se à análise com o paciente, de sua possibilidade motora e à identificação e ajuste de qual seria a melhor adaptação para o seu acesso à caneta digital. Pode ser um engrossador e/ou uma gota, ou até uma adaptação personalizada. Para o paciente, a escolha da adaptação representa o primeiro passo para o reposicionamento do corpo no momento de traçar as primeiras linhas.

Durante os nove próximos encontros que tiveram a duração de dezoito horas, foram elaboradas outras atividades e foram apresentados novos desafios. Nesse período, paciente e educadora reaprenderam as novas dimensões deste corpo, criando e recriando, rompendo barreiras físicas e motoras.

A exiguidade de tempo obrigou-nos a redimensionar o processo educativo; as aulas devem ser dinâmicas e incentivar as singularidades.

Passos da prática da oficina digital:

Objetivo: oportunizar ao paciente, na oficina de arte digital, a experiência visual, levando-o a reaprender a ver e a perceber as outras camadas sutis, motoras do corpo. Desta forma o paciente poderá compreender que o pouco movimento motor de que dispõe não impedirá a inscrição.

O paciente é iniciado no programa *ArtRage Studio3.07* com suas palhetas e ferramentas, quando lhe é apresentado os inúmeros aspectos dos elementos da linguagem visual: o ponto, a linha, forma, direção, tom, cor, textura, proporção, movimento e dimensão. Elementos estes que o paciente começa a explorar e a entender

sua importância para escolhas, para fazer um traço fino ou um mais denso, que são as formas compositivas da comunicação por meio de imagens.

2.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados, respeitando-se as trocas de diálogo em sintonia com o referencial teórico, permitindo compreender os princípios de como acontece a comunicação e a cognição na elaboração de novos universos.

A elaboração dos dados desta pesquisa acontece durante o processo de reabilitação, os encontros com os participantes acontecem em anos diferentes, mas os três pacientes deste estudo encontram-se nos retornos programados ao Hospital.

Para realização da coleta de dados foi preciso traçar alguns recortes, para que fosse possível seguir um roteiro. Os participantes da pesquisa enviaram pelo correio eletrônico a causa da lesão, narrando como e quando aconteceu o seu acidente. A pergunta era realizada pela pesquisadora para que não se perdessem as características e a personalidade do discurso de cada participante.

Selecionou-se, além dos relatos, os diálogos do MSN, nos quais os participantes trocam suas experiências estéticas, como também os seus desenhos, o que promove a reflexão dos caminhos da arte na atualidade. Os diálogos estabelecidos durante a participação nas aulas online, depois da alta da internação, formam o corpo desta pesquisa.

O aprofundamento expressivo do paciente na atividade resulta em uma compreensão da necessidade de incorporação da tecnologia, para promover e intensificar o compartilhamento entre paciente e educadora. Os conteúdos que surgiram no decorrer da atividade, como a elaboração dos *blogs*, dos desenhos e das animações, levam em conta o aprofundamento técnico/teórico dos participantes. Os resultados poderão ser vistos na sua evolução, complexidade e tempo de atividade.

3 CAPÍTULO III - ESTUDO DE CASOS E RESULTADOS: O Caminho Percorrido

As primeiras aulas apresentadas que abrem a sequência deste estudo são do paciente Renan que se internou em 2005. Os outros dois pacientes, Pedro e Breno, se internaram em 2007 e 2008, respectivamente.

Três jovens com tempos e histórias de vida diferentes que se encontram em uma situação adversa e reconstróem um mundo de novas possibilidades.

Metamorfose, transformação deixar o que se foi, tornar-se outro. Lembranças de um corpo que não é mais pleno de movimento. Homem ereto! Homem rodas. Não é comum falar de um corpo, ondas incompletas, com espasmos, movimento interrompido, parcial.

Para que seja possível um maior aprofundamento do estudo, é apresentada a história de três jovens pacientes, seus relatos, prontuários que embasam este estudo, recortes das anotações dos prontuários, ressaltando as características importantes para fundamentar o estudo.

Segue o primeiro estudo de caso, no qual são apresentados os primeiros desenhos e as primeiras falas ao longo do trabalho *on-line*.

3.1 Caso 1: Renan

Seis anos se passaram desde a sua lesão medular. Agora, em 2010, por motivos de esclarecimento para este estudo, o paciente Renan, relata o seu acidente.

— Você pode narrar o que aconteceu no dia do seu acidente?

— *Para começar não sou exemplo para ninguém e depoimentos de superação criam uma falsa áurea angelical e eu não partilho dessa ideia... Sem falar que me vejo obrigado de criar uma ficção da minha vida, elencando e buscando causalidade em fatos que na verdade são aleatórios. No dia 31 de dezembro de 2004, dei um mergulho para comemorar o réveillon numa praia e fracturei a quinta vértebra cervical, o que ocasionou uma lesão na minha medula me deixando tetraplégico. Comecei um processo de reabilitação que acabou me levando ao Hospital Sarah de Brasília. Nesse momento, em função das modificações extremas que meu corpo vinha sofrendo, acredito que o mais urgente na minha*

vida era redefinir a minha identidade, ter consciência da nova posição que eu ocupava. A instituição oferece algumas possibilidades de interação do paciente com seu novo corpo e no meu caso acredito que a oficina de artes foi fundamental. Devido a minha dificuldade motora, um ambiente mais plástico me permitia primeiro começar a reconhecer possibilidades e conseqüentemente expressar em um novo meio coisas que naquele instante eram difíceis de acontecer em outros materiais. Acho q esse ano não devo ir p/ Sarah.

— O que significou para você ser internado em um hospital de reabilitação e encontrar o ateliê digital?

— *Essa poesia abriu portas para uma dimensão do meu corpo que até então estava tão escondida que eu nem lembrava mais... Reaprendi comunicar sentimentos e movimentos que após meu acidente estavam paralisados.*

— O que significa este espaço para você?

— *A oportunidade de me movimentar num universo sem barreiras*

— Qual o valor da continuidade das aulas *on-line*?

— *Manter-me em contato com os estímulos que me deram a oportunidade de me reconstruir de uma maneira mais abrangente. Pronto.*

— Muito, muito obrigada.

— *Foi um prazer.*

Enviado em 30/03/2010.

Os primeiros registros em 2005



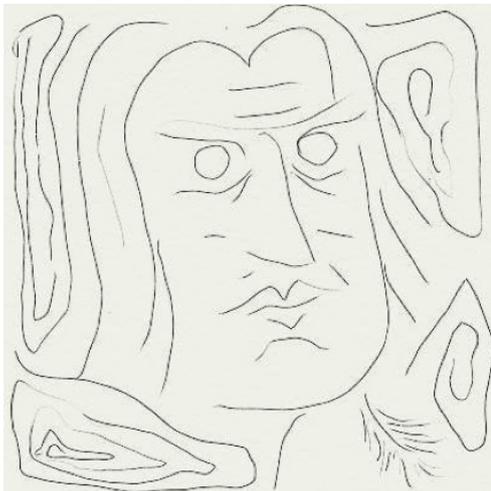
Nesta primeira prancha Renan ainda se encontra reaprendendo a lidar com a sua limitação motora e é a primeira vez que entra em contato com as novas ferramentas virtuais do ArtRage. (Figura 12)

Figura 12. Renan Prestes Primeira Prancha em 2005. Acervo Digital



O manuseio da caneta digital, que facilita a pressão necessária para realização de um traço é uma tarefa que exige muito esforço, determinação e vontade. (Figura 13)

Figura 13. Renan Prestes “Rosto Renan”, 2005. Acervo Digital



O que antes parecia impossível com uma pequena gota (uma adaptação feita em borracha e velcro que possibilita o ato de pinçar) ele vai reaprendendo os movimentos que permitem uma melhor expressividade para os seus desenhos. O primeiro desenho denominado Índio é composto de elementos simples-linha (Figura 14)

Figura 14. Renan Prestes “Índio”, 2005. Acervo Digital



O segundo segue a linha apresentada no primeiro, embora conservando as primeiras características aparentemente simples, é resultante de um grande esforço por parte do paciente. Renan resgata nesta prancha as famosas marchinhas de carnaval, o “Pierrô Apaixonado”. (Figura 15)

Figura 15. Renan Prestes “Pierrô Apaixonado”, 2006. Acervo Digital

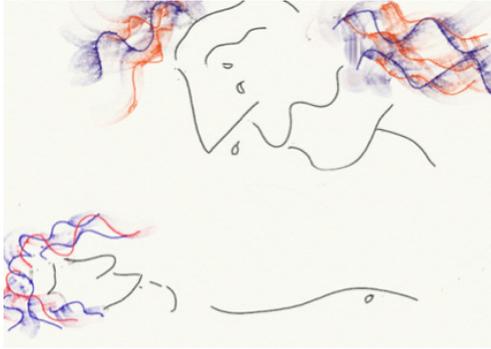


Figura 16. Renan Prestes “Morto”, 2005. Acervo Digital

No terceiro, além do movimento, vemos o aparecimento da cor. A leveza do desenho não corresponde ao nome dado a ele “Morto”. (Figura 16).

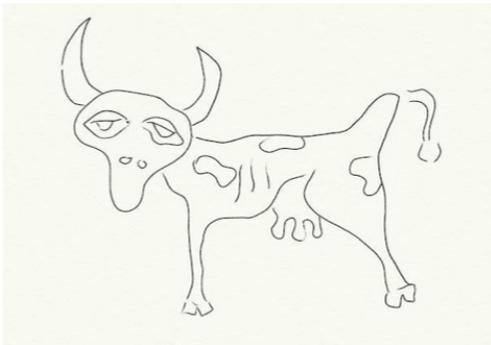


Figura 17. Renan Prestes “A Vaca”, 2005. Acervo Digital

A ideia inicial é retrabalhada aparecendo na sequência com muito mais movimento.

No primeiro esboço, “A Vaca” ainda se encontra rígida. (Figura 17)



Figura 18. Renan Prestes “A Vaca e o Balde”, 2006. Acervo Digital

Renan volta ao tema e cria uma movimentação, tirando a vaca do imobilismo inicial.

“A Vaca e o Balde” carrega uma sutil representação irônica de sua condição, chutando o balde. (Figura 18)



Figura 19. Renan Prestes “A Mãe do Mendigo”, 2006. Acervo Digital



Figura 20. Renan Prestes “Coração”, 2006. Acervo Digital

“Coração” é o nome da prancha. Os dois, coração e corpo, representam uma situação conflituosa, esboçada pelo excesso de traços reforçados e pela cor vermelha. (Fig.21)

Com o prosseguimento da oficina com aulas *on-line*, e com o crescente envolvimento de alguns pacientes e seu interesse na continuidade do trabalho iniciado na internação, a construção de um *blog* foi a consequência natural para suprir a necessidade de reunir desenhos e textos até então enviados separadamente sem criar uma unidade. O *blog* funciona para o ateliê como mais um elemento estético, desde sua paginação às escolhas de desenhos e textos que vão dar o perfil poético. Além de funcionar como um diário, no qual afloram sentimentos e pensamentos que vão se apresentar em momentos



Figura 21. Renan Prestes “Aos 18 anos”, 2008. Acervo Digital

diferentes ao longo do tempo, sendo atualizado quase que diariamente.

Como um ‘pombo-correio’, voamos juntos, com a intenção de estreitar laços que ampliem a noção de corpo e de seus desejos. Treme a tela, muda de cor, sinaliza; estamos online.

A importância do *blog* para a oficina está na sua dinâmica de poder sempre ser renovado, promovendo um movimento contínuo. A motivação é constante e permite um diálogo interativo com outros leitores. O *blog* (Figura 22) exige um exercício constante, em que professora e paciente vão compartilhando e postando ideias, fortalecendo o crescimento da atividade.

Embora aparentemente seguindo os princípios de uma aula de arte tradicional, as produções criadas pelos programas computacionais possibilitam uma nova interface com o universo figurativo. A amplitude deste mecanismo sai do âmbito pessoal para o universal. Trabalha-se com a convicção da importância do acesso ao conhecimento e a sua democratização.



As aulas on-line: recortes das aulas.

Como Renan constrói o blog.

renan diz: o legal é sair fuçando os blogs das outras pessoas

renan diz: p/ nao fazer coisa q ja tem

renan diz: fazer algo original

renan diz: e ter cuidado p/ nao virar uma feira de imagens

renan diz: hj o blog spot

renan diz: oferece mtas ferramentas

renan diz: vc pode colocar muitas informações

renan diz: mas fica disperso

Claudia diz: e cara sabido!

renan diz: vou t dar um exemplo

renan diz: <http://serelepicesemilitancias.blogspot.com/>

(Figura 22)

Figura 22. Renan Prestes “O Saudade Companheira”, 2008

As aulas presenciais durante o período de internação vão costurando elos de afeto, enraizando sentimentos que continuam por meio do correio eletrônico.

Uma das ferramentas das aulas *on-line* é o correio eletrônico que permite aos vários pacientes conversarem ao mesmo tempo, além de poderem se ver por meio da webcam o que elimina a frieza do trabalho criativo solitário.

Abrindo novos caminhos pela curiosidade e pela facilidade da busca da informação, temas mais abrangentes aparecem e resultam em novos conhecimentos e a pesquisa é compartilhada (paciente e professor).



Figura 23. Renan Prestes “Carne de Sol”, 2008. Acervo Digital



Figura 24. Renan Prestes “Flor de Maracujá”, 2008. Acervo Digital



Figura 25. Renan Prestes “Fumaça”, 2008. Acervo Digital

As aulas se sucedem:

Renan diz: pode perguntar q hj to afim de falar

claudia diz: escolha um deles e me fale

Renan diz: ahh

Renan diz: escolhe um q t deixe curiosa

Renan diz: a maioria tem uma historia legal

claudia diz: então

Renan diz: vou começar antes q eu perca a paciencia

Claudia diz: “o incêndio”, Bruno é que escolheu

Renan diz: comecei a dedicar atenção a corpos

Renan diz: de mulheres

Renan diz: o q eh um prazer

Renan diz: arrangei uma modelo!

Renan diz: arranjei

Renan diz: conheci uma menina no orkut

Renan diz: ela resolveu ficar pelada p/ eu desenhar...

Renan diz: hauhuo

claudia diz: ela pousava virtual

Renan diz: pode parecer mentira

Renan diz: virtual

Renan diz: mora na bahia

Renan diz: é fisioterapeuta

Renan diz: os desenhos de nú

Renan diz: depois do da flor de maracuja

Renan diz: são dela

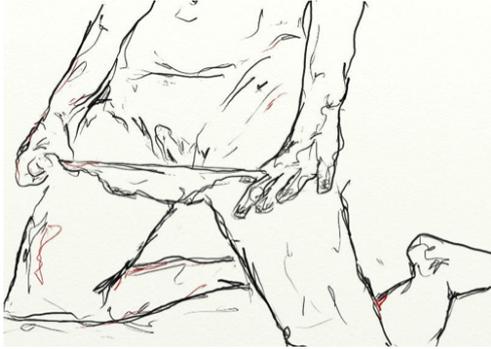


Figura 26. Renan Prestes “O Incêndio”, 2008. Acervo Digital



Figura 27. Renan Prestes “Negra Luz”, 2008. Acervo Digital

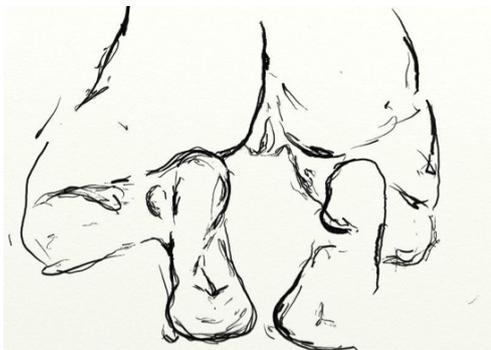


Figura 28. Renan Prestes “Luz Negra”, 2008. Acervo Digital

claudia diz: fantastico nunca pensei em um modelo vivo virtual

Renan diz: chama incendio

Renan diz: pq é o mais sensual

Renan diz: em cima

Renan diz: tem a fumaça...

Renan diz: mas terminei essa serie

Mudando o enfoque:

renan diz: to fazendo uma matéria

Claudia diz: qual

renan diz: sociologia da arte

Claudia diz: já fiz a muito

Claudia diz: gostava

Claudia diz: e ai o que vc tá achando da matéria

renan diz: boa demais

renan diz: o foco é entender a arte como uma ação coletiva

claudia diz: com a importância do trabalho e da transformação em espetáculo!

renan diz: arte é um concreto de socialização

renan diz: das relações

renan diz: quando for aí

claudia diz: to gostando

renan diz: vou te levar uns textos bem legais

claudia diz: fico esperando

As aulas de arte não seguem um padrão rígido curricular; existem algumas experiências comuns a todos nós, mesmo que o contexto e o conteúdo sejam diferentes. Uma experiência, para se concretizar, necessita de um sujeito interagindo com aspectos do mundo em que ele vive. Todo aprofundamento estético ocorrido com este paciente se dá pela busca contínua e não pela ocupação infértil do tempo. Usando o que é característico no ser vivo, o sujeito restabelece a união entre sentido, necessidade e ação, sendo a arte a prova viva deste resultado.

Uma dicotomia muito vivida por nós acontece quando nos negamos a experiência completa por medo da sua intensidade, em que corpo e mente se dividem, promovendo a superficialidade das percepções. Estes impulsos fracionados eliminam a possibilidade de uma plenitude da experiência humana. No caso estudado, a despeito da limitação física e do fato de se tratar de um ambiente hospitalar, geraram-se acúmulos de energia que permitiram o paciente alçar outros vãos, tendo construído um novo alicerce no fazer e na criatividade da arte.

Durante a vivência na oficina, Renan vai ganhando destreza e, ao mesmo tempo, incorporando sensações que o levaram à expressividade e ao prazer estético. O universo novo que se descortina é o universo do prazer. O amadurecimento que se percebe no decorrer da trajetória de Renan (Figura 29), nos seus desenhos, na sua poesia e nas conversas vão desvelando as sensações prazerosas deste corpo diante das coisas do mundo.

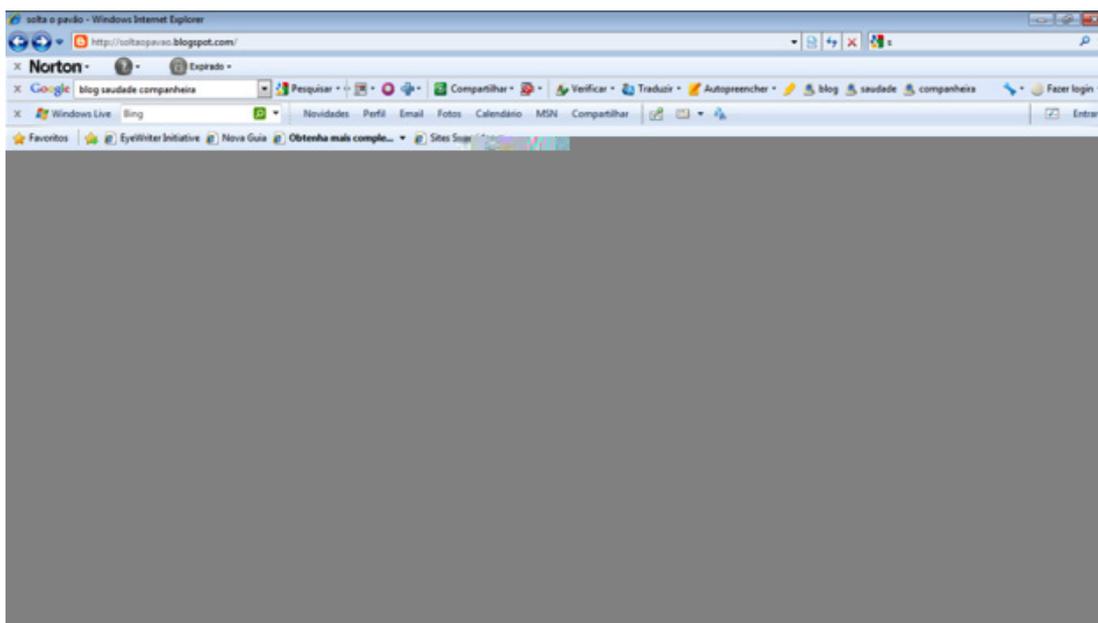


Figura 29. Renan Prestes blog: saude companheira “Solta o pavão”, 2009

Examinando os processos individuais dos pacientes, observa-se, no primeiro estudo de caso, que Renan vai construindo o seu universo expressivo, desfazendo o engano da impossibilidade. A ausência de pressão, a falta de firmeza de apreender os objetos ou o esforço para realizar um traço preciso vão sendo paulatinamente vencidos na remodelagem deste corpo. As dificuldades geradas pela lesão medular, passo a passo, são indicativos para estimular a experiência visual por meio dos exercícios

poéticos propostos pela educadora. A partir de certo momento intensificam, em seu trabalho, as forças perceptivas, onde forma, conteúdo e movimento encontram-se entrelaçados (sintaxe visual). Qualquer dificuldade agora percebida por Renan passa pelo mesmo trajeto de inscrição das lutas travadas pelo mundo físico com o mundo visual. O foco deixa de ser a perda, para ser a força compositiva. Os critérios de reconhecimento da evolução do paciente e de sua riqueza servem como parâmetro para que a educadora reflita sobre a complexidade de significados construídos durante a prática expressiva. A cada prancha, ele revela o poder visual, o amadurecimento esboçando o controle e a força instigante do conteúdo expressivo do seu trabalho.

A comunicação *on-line* reforça a necessidade da continuidade da atividade junto com o envolvimento e a necessidade do paciente em relação ao seu trabalho imagético. Saudade Companheira blogspot.com revela outro lado do paciente: a sua escrita poética e crítica, intensificando a vontade do leitor em percorrer as páginas na curiosidade de novos versos e das ligações e sugestões que Renan costura no decorrer do seu diário. Ele utiliza os recursos do *blog*, mantendo uma paginação preocupada com a qualidade da apresentação, optando por utilizar poucos elementos para não cansar o visitante. A preocupação estética na montagem revela o crescimento do paciente e o prazer dele e da educadora em saborearem juntos este universo. A internet permite a divulgação e a troca entre os pacientes dos desenhos e das escrituras desenvolvidas por eles. Renan agora se encontra cursando o mestrado no Departamento de Sociologia na Universidade Federal Fluminense e acaba de participar de um projeto de um filme, onde participou da produção e edição, cujo argumento do curta *Night Café* realizado em 2011 é concebido em sua monografia..

3.2 Caso 2: Pedro

— Você pode narrar o que aconteceu no dia do seu acidente?

— *Bom... Já fazem 3 anos e meio. Eu estava no terceiro colegial, tinha 17 anos. Fazia duas semanas que eu tinha começado a namorar. O acidente ocorreu em um churrasco que eu e o pessoal da minha sala organizamos para arrecadar dinheiro para a formatura. Fui eu, alias, que criei os panfletos de divulgação do churrasco. O*

churrasco foi lá pelas 2 da tarde. Passei boa parte do churrasco com minha namorada e outra parte no bar, ajudando a servir as bebidas. No final da tarde, depois de ter bebido além do que deveria, resolvi dar um pulo na piscina. A partir daí não me lembro muito bem de como as coisas ocorreram. Sei que fui para um quarto, guardei minha camisa e meu tênis, fui para a piscina e pulei de ponta na parte rasa. Me lembro do momento em que eu estava no fundo da piscina, tentando me levantar. E depois apaguei. Sei que me tiraram da água e me colocaram no chão, ao lado da piscina. Fizeram respiração boca a boca e depois me colocaram em cima de uma mesa. A partir desse momento eu me lembro. Eu não conseguia mexer nada, e nem tinha noção do que tinha ocorrido comigo. Depois chamaram a ambulância, e dois amigos meus me acompanharam até o hospital. Fizeram os exames, eu tinha quebrado a quinta vertebral cervical. Daí nem lembro como foi o resto da noite. Sei que acordei no outro dia sem ainda nem ter ideia do que tava acontecendo comigo. A ficha demorou a cair.

Enviado em 06/09/2010.

— O que significou para você ser internado em um hospital de reabilitação e encontrar o ateliê digital?

— *Calma ai que já te respondo*

— *Estou aguardando, continuo aguardando!!*

— *Voltei*

— *Sim*

— *Bom... esse espaço e as aulas onlines foram muito bom pois me incentivou a fazer as animações e os desenhos que eu tenho feito*

— O que significa este espaço para você?

— *Esse ano devo entrar na universidade daqui. essa semana devo ficar sabendo se vai ter mesmo o curso ou não, porque se não der o numero de pessoas ai não vai ter o curso*

— Que bom. por qual curso vc decidiu?

— *Design*

— Qual o valor da continuidade das aulas *on-line*?

— *Arte em um hospital?*

— Continuo esperando? Ainda estou no Hospital...

Enviado em 06/09/2010

Cada paciente desenvolve o trabalho de maneira diferenciada. O estado inicial do paciente leva a caminhos difíceis de superação e expressão. Alguns são mais verbais, com características de ilustração dominando o espaço usado nas conversas. Uma história inicial introduz Pedro no fazer do ateliê digital e o leva a querer continuar desenvolvendo um trabalho marcado pela ironia e por um humor ferino e ácido.

Pedro desenha uma prancha com pessoas andando. Foi sugerido então que transformasse um dos passantes em um personagem. Surge uma história no qual aparece seu humor cáustico. O personagem massacrado pelo trabalho, pelo olhar do chefe, pelo não olhar do taxista e finalmente pelo olhar da mulher que regula o horário dele e não o deixa dormir na cama do casal. Um sujeito normal e suas circunstâncias.

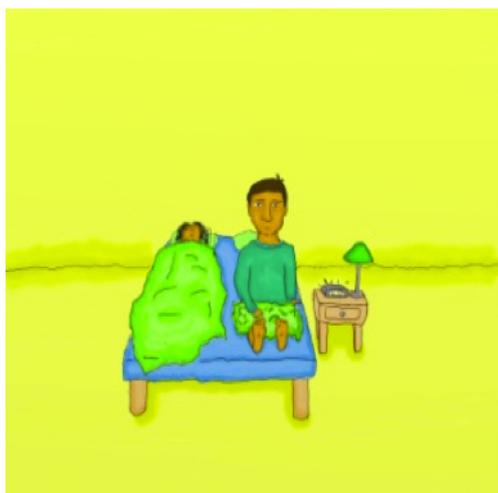


Figura 30. Pedro Justino “História”, 2008.



Figura 31

Encontros com Pedro:

Justino diz: a ordem dos número eh a ordem da historia

claudia diz: Estou emocionada! o cara resolveu trabalhar

claudia diz: pêra! quero olhar agora

Claudia diz: salvei tudo na sua pasta de trabalho

Justino diz: haha

Justino diz: tá

Justino diz: tá

claudia diz: enquanto espera mandarei o blog do Breno e do Renan para vc olhar
(Figuras 30 a 39)



Figura 32



Figura 33



Figura 34



Figura 35



Figura 36

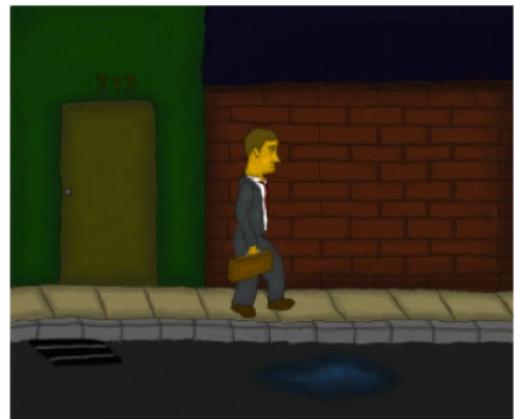


Figura 37

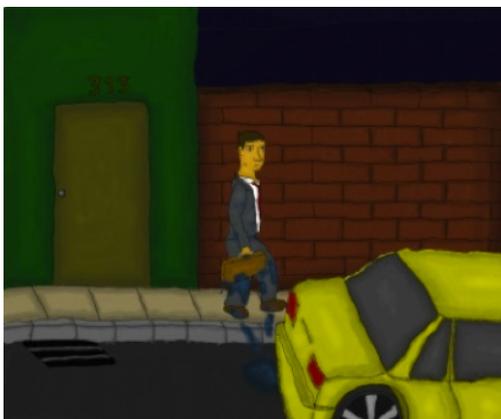


Figura 38



Figura 39

Para continuar desenvolvendo os quadrinhos, Pedro procura outros programas (Flash) que possibilitem a criação de movimento na ilustração. O humor não desaparece das suas criações.

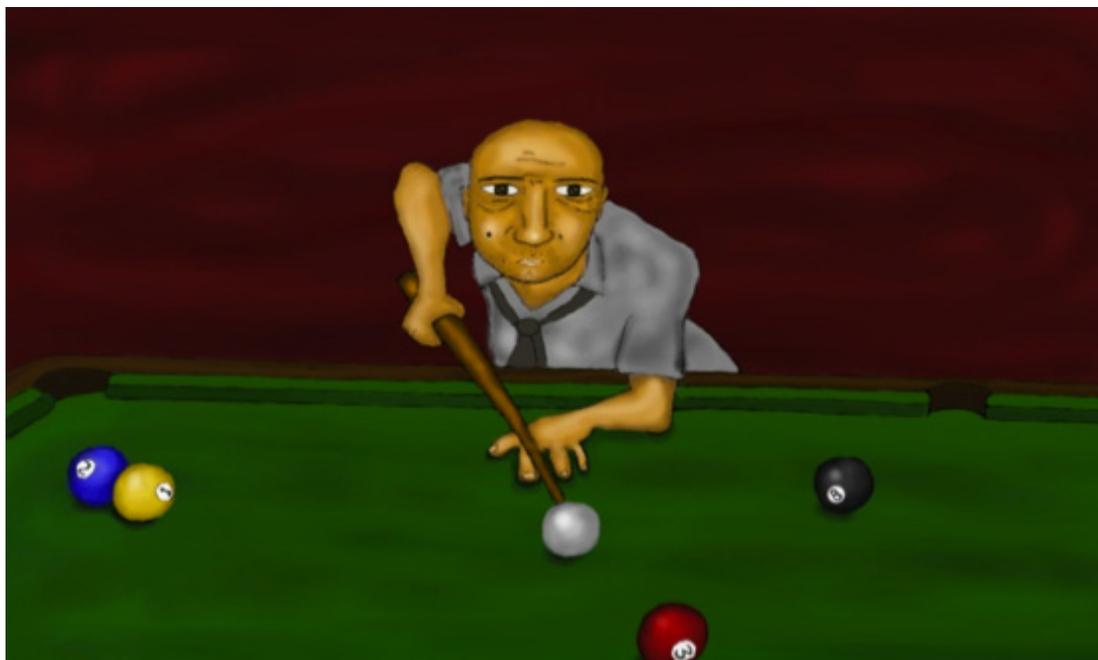


Figura 40. Pedro Justino “Sinuca”, 2008

As animações serão disponibilizadas em um cd anexo a este trabalho.

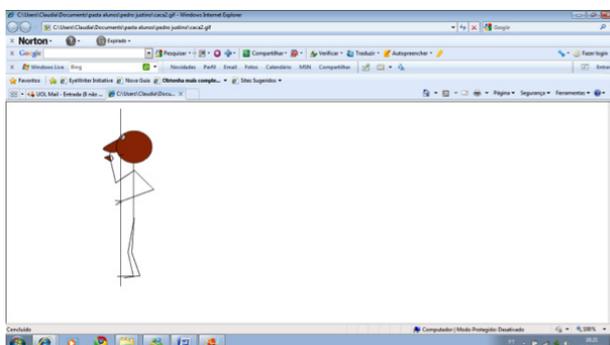


Figura 41. Pedro Justino “Sinuca”, 2008

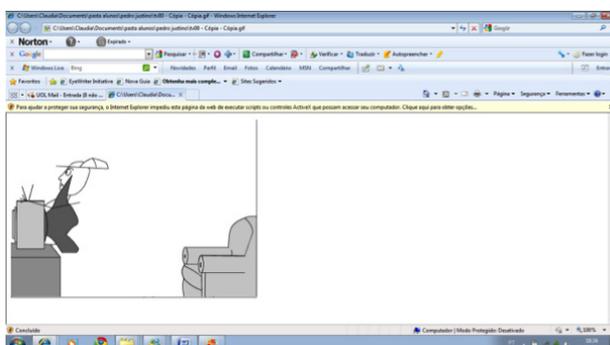


Figura 42. Pedro Justino “Sinuca”, 2008

MSN

Claudia diz: Pedro vc tem mais desenhos novos? quando tiver manda para o meu e-mail

Justo diz: tenho só animação. uma com som. Tem que ser em um computador com flash pra poder ver a animação

Claudia diz: é ótima Pedro não deixe de desenhar é a base do seu trabalho o seu traço

Justo diz: é... esses dias eu tava treinando pra não perde a prática, mas ainda não veio nenhuma ideia boa... quando eu tiver mais ...

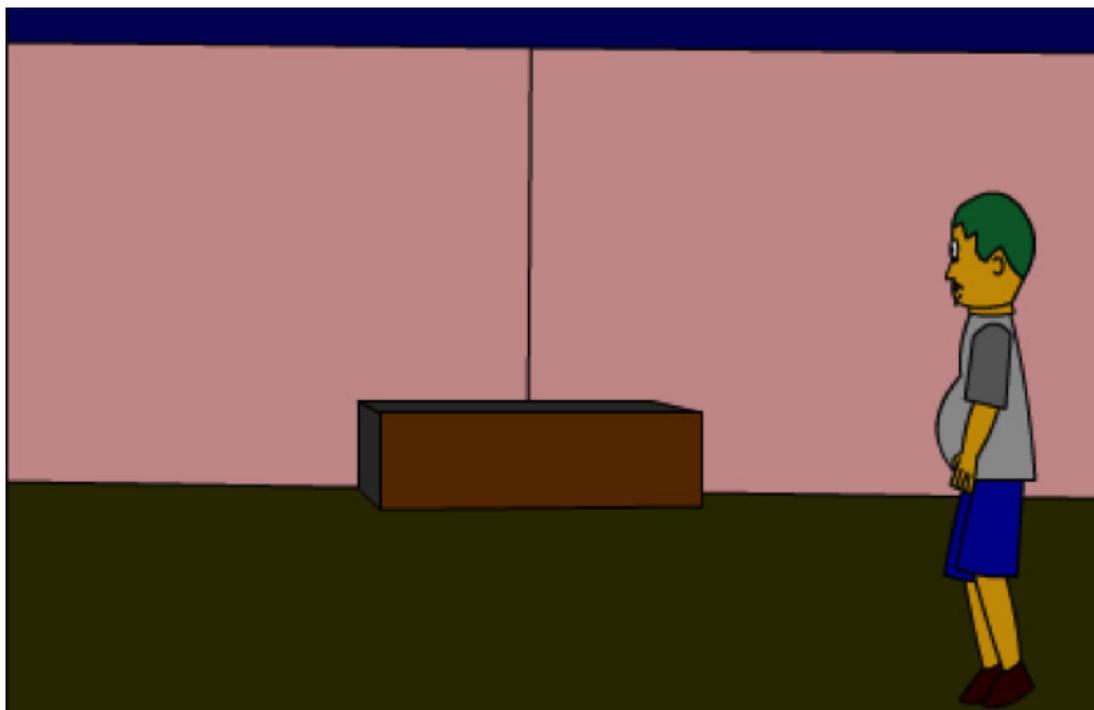


Figura 43. Pedro Justino “Explosão”, 2009 . Animação

A seqüência de desenhos retrata o cotidiano das pessoas e suas escolhas.



Figura 44. Pedro Justino “Bicicleta”, 2009



Figura 45. Pedro Justino “Bêbado”, 2010.

Nos trabalhos que seguem, Pedro mantém o mesmo tratamento dos trabalhos analisados anteriormente.



Figura 46. Pedro Justino “Gêmeos”, 2010

As aulas *on-line* e a troca de informações resultaram na visita a *sites* de exposições. Esta prancha do cérebro é uma homenagem ao trabalho dos artistas Gustavo e Otávio Pandolfo, conhecidos como Os Gêmeos.

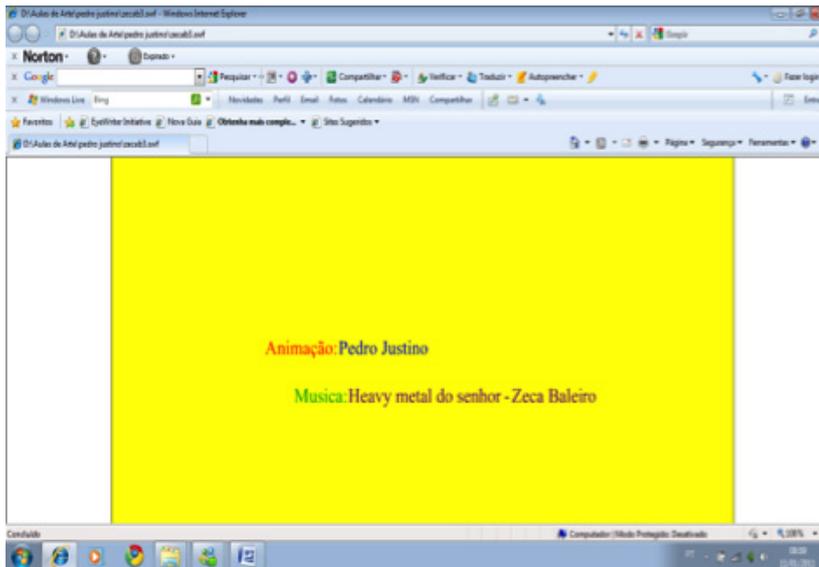


Figura 47

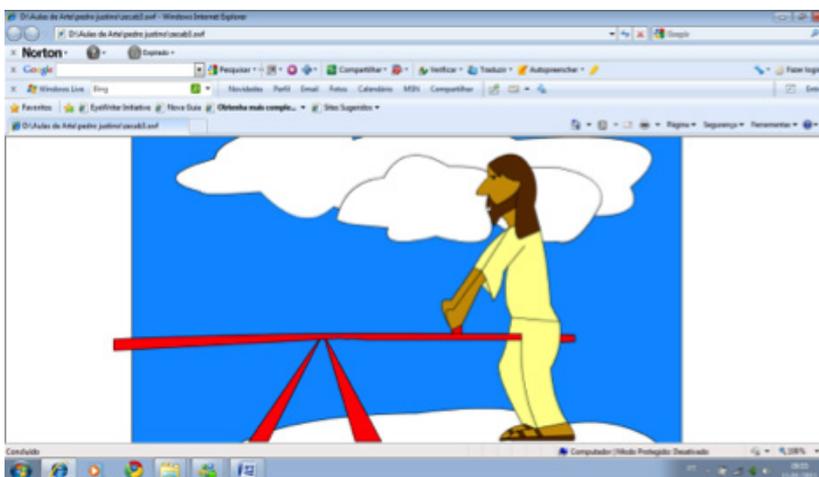


Figura 48

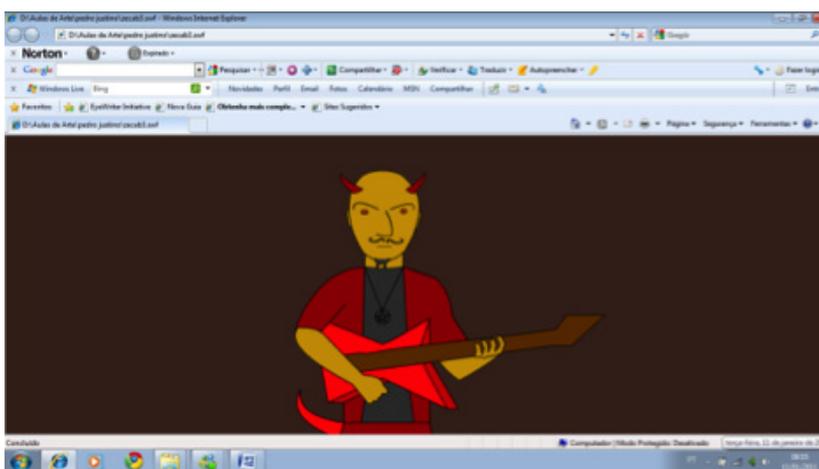


Figura 49

As aulas on-line continuam sem interrupção.

Pedro alia às suas animações sons e histórias retirados de letras das músicas escolhidas por ele (Fig. 47-50).

justo diz: sábado agora vou pra SP num show
claudia diz: legal, este ano quero vc na faculdade.
Vc esta pronto o seu desenho tá muito bom
agora é começa a aprender
justo diz: ah é claro... só falta fazer a matrícula...
claudia diz:que maravilha, fico muito feliz com este garoto talentoso hehehe
Pedro vc tem mais desenhos novos?
Quando vc tiver manda para o meu e-mail
justo diz: tenho soh animação. Uma com som. Tem que ser em um computador com flash pra poder ver
claudia diz: que legal vc voltou a trabalhar
justo diz: eu mando pro seu e-mail ai quando você tiver em outro computador você vê
Claudia diz: ta certo.
Eu te disse que passei no auditório a última animação do menino que entra dentro da tela, os médicos rolavam de rir
justo diz: ah é? serio que gostaram?
claudia diz: sim
Fazer médico rir tem q ser bom kkkkkk
justo diz: pensei que estava meio confusa... não sabia se dava pra entender direito haha... pois

3.3 Caso 3: Breno

— Você pode narrar o que aconteceu no dia do seu acidente?

— *Mais um dia normal pra mim. Acordei cedo para dar mais um plantão de 12hs no CTI do hospital Santa Teresinha, na Tijuca. Me lembro que durante esse plantão tava tudo normal... o CTI como sempre cheio porém tranquilo. Durante o dia me lembro que minha mãe tinha me ligado para avisar que uma Tia-avó minha, que é diabética, estava passando mal com desmaios em casa, e pedi para minha mãe levar ela na Casa de Saúde N. S. de Fátima, porque eu estava de plantão na Tijuca e não poderia ir naquela hora*

atender minha Tia-avó. Lembro também que nesse mesmo plantão eu estava com minha namorada da época, que era fisioterapeuta no CTI comigo, e me chamou para sair depois do plantão, mas eu disse que não daria, porque tinha que visitar esse parente depois do plantão, e que no sábado pela manhã eu ainda passaria a visita no pacientes da Casa de Saúde N. S. de Fátima. Acabou o plantão e fui pra casa, deixando minha namorada ainda no Hospital eu fui embora curtindo um som dentro do meu carro, que eu havia acabado de comprar a umas duas semanas. Lembro que quando estava chegando em casa, na descida do viaduto a um quarteirão de casa, lembrei da minha Tia e decidi mudar o caminho mais um quarteirão para passar e ver se ela estava bem em casa. Quando virei a esquina da rua dela, ao passar pelo bar da esquina lembro inclusive de ter procurado pra ver se tinha algum amigo meu ali, mas como estava cheio não encontrei ninguém e fui procurando uma vaga para estacionar o carro. Primeiro tentei uma vaga na calçada da casa da minha Tia, mas iria ficar travando um portão e decidi parar o carro do outro lado da rua. Foi aí, que eu, quando estava dando ré no carro, ainda com a janela fechada e, o som ligado, virei o retrovisor do carro para baixo, para ver se a roda ia bater no meio fio. Nessa hora vi de relance que um flanelinha estava se aproximando, mas como percebi que não tinha entrado bem com o carro na vaga, resolvi sair e entrar novamente na vaga. Foi aí então que eu só me lembro de ouvir o som de um tiro muito alto e um zumbido no meu ouvido, enquanto via minhas mãos caindo do volante já sem força nenhuma, meu tronco foi caindo pro lado ficando seguro pelo cinto de segurança do carro e, o carro foi disparando pela rua já sem controle nenhum. Nessa hora, muita coisa passou pela minha cabeça, mesmo tendo durado apenas alguns poucos segundos, dei conta que tinha sido baleado e que tinha perdido os movimentos de todo meu corpo. Percebi que ainda não tinha acabado, e, que o carro estava acelerando, descontrolado pela rua e, que eu ainda poderia bater com o carro contra o muro. Lembro que por alguns segundos, pensei que estava morrendo e não queria continuar vivo, daquele jeito, sem poder mexer nada do meu corpo. Fiquei com medo também, de que eu ainda fosse causar algum atropelamento na rua ou, que acabasse colidindo com outro carro que viesse no sentido contrário. De repente, o carro começou a virar para esquerda, em dire-

ção a um poste de luz e, cada vez mais rápido até acertá-lo com força; enquanto eu fui jogado contra o volante e contido pelo cinto de segurança, do carro e, voltei pro banco. De repente lembro-me de ouvir o motor do carro parando, um silêncio muito grande e a rua todo ficou apagada. Não conseguia ver nada de dentro do carro, fiquei olhando pra janela tentando ver se vinha alguém se aproximando mas, não aparecia ninguém. Eu fiquei me perguntando o que tinha acontecido comigo, se eu estava vivo ou, se era assim que a gente se via antes de morrer e sair do corpo. Depois de alguns segundos comecei a perceber que eu estava vivo mesmo, e que, alguma coisa muito ruim tinha acabado de acontecer. Foi aí, que me dei conta, realmente, que eu tinha sido baleado, que a bala tinha acertado minha medula e eu já estava tetraplégico e que, eu deveria ficar estabilizado dentro do carro esperando um socorro pra me levar pro hospital. De repente comecei a ouvir vozes do lado de fora do carro e tentavam ver, através da janela, se teria alguém dentro do carro. Eu ainda tentava fazer sinal com a mão que eu estava vivo ali dentro, mas só consegui mexer o pescoço, e foi então que eles começaram a pedir para que eu destrancasse a porta, mas eu não conseguia levantar o braço. Lembro que tentei esticar o braço até a chave do carro, na ignição, para destrancar as portas mas, o máximo que eu conseguia era levantar o punho, e quando eu tentava gritar para avisar que eu não conseguia me mexer, me faltava fôlego para falar alto e, com tantas vozes já do lado de fora do carro ninguém me ouviria. Foi aí que eu ouvi quando quebraram o vidro traseiro do meu carro, para poder entrar e quando a luz interna do carro acendeu, eles tentavam falar comigo e eu pedindo pelo amor de Deus para não mexerem em mim até o socorro chegar. Nessa hora eu ouvi uma moça que morava na casa onde eu bati me reconhecer dizendo desesperada que era o Dr. Breno, filho da Bernadete. Eu então pedi para ela ligar pra minha casa e avisar que eu estava precisando de ajuda e, quase que na mesma hora, um médico, amigo meu, que morava nessa mesma rua chegou para prestar socorro e ao entrar no banco do carona me reconheceu e começou a organizar tudo aquilo pra poder me ajudar. Ai já ligou para os Bombeiros e desde então se manteve no rádio com o médico do corpo de bombeiros, até eles chegarem ao local. Nesse período, de uns 10 minutos, minha família chegou ao local, desesperada, querendo entender o que estava

acontecendo comigo. Meu pai chegou primeiro, e fui logo dizendo que eu tava bem, mas precisava ir pro hospital, pois, não conseguia mais me mexer. Pedi para que ele pegasse no meu bolso da calça o meu celular e ligasse para o Dr. Marcos, cirurgião torácico do corpo de bombeiro, que era amigo meu. Para o Dr. Dilo, neurocirurgião do hospital onde eu trabalho, e para onde eu seria removido e, para um anestesista, para irem ao hospital me aguardar. Durante todo esse tempo no carro fiquei de certa forma tranqüilo, sem questionar nada tentando ao máximo garantir que tudo pudesse ser resolvido logo. Quando o socorro chegou, foi um momento que eu não vou me esquecer. Durante todo o procedimento para me retirar do carro, eu via o meu corpo se mexendo de um lado para o outro, mas parecia que aquelas pernas não eram minhas, eu não sentia nada, nem tato, nem dor; nada... O corpo de bombeiros me levou para a Casa de Saúde N. S. de Fátima, onde eu trabalho, onde eu nasci e agora, também, onde eu renasci. Ao chegar à emergência do hospital percebi que todos estavam parados aguardando minha chegada. Fui levado direto para o CTI do hospital, onde eu era um dos plantonistas e, quando ia passando pelos corredores olhando para o teto, via uma fila de gente de cada lado do corredor, olhando pra mim meio que sem acreditar que era eu que estava chegando como paciente. Ao chegar ao CTI, onde fui examinado pela primeira vez, já com a equipe do CTI e da neurocirurgia presente; percebia, também, o constrangimento das enfermeiras na hora de me arrumar no leito. Rapidamente fui realizar uma Tomografia e levado direto para o centro cirúrgico, onde me lembro apenas até o momento em que puncionaram minha veia subclávia e fui anestesiado. Depois disso, permaneci de sexta-feira até segunda-feira, sedado e entubado, dentro do CTI; mas também me lembro dos momentos em que me era retirada a sedação para tentar a extubação, e que, a todo o momento, eu queria saber como estavam os resultados dos meus exames para decidir junto com a equipe o que deveria ser feito. Durante os seis dias que permaneci no CTI, que foram os piores dias da minha vida, apesar de ter sido tratado com todo o carinho e sem nunca mesmo ter ficado sozinho lá dentro. Eu tinha pesadelos horríveis, lá dentro, que era necessário apenas eu fechar as pálpebras que eu já via coisas horríveis, como se as paredes e o teto do CTI fossem de vidro e que do outro lado estava cheio de pessoas doentes e mortas

esticando o braço querendo atravessar as paredes. Mesmo tomando ansiolíticos, eu não conseguia ter uma noite tranqüila até ter alta para o quarto particular. Quando fui transferido para o quarto, onde permaneci por mais seis dias, até minha alta definitiva, eu iniciei minha reabilitação com uma equipe de fisioterapeutas que se revezavam indo me atenderem diariamente e que, me estimulavam a começar a me movimentar sozinho. Esses dias foram os dias em que eu senti mais dor, meu pescoço doía dia e noite e não conseguia nem mover ele direito por causa da cirurgia que eu havia sofrido. Durante o dia, eu praticamente não conseguia descansar hora nenhuma, pois tinha fisioterapia, banho e, as visitas que iam se intercalando durante todo o dia, sem nunca conseguir dormir à noite devido às dores que nunca aliviavam. Antes de receber a alta do hospital, na quinta feira, já tinha recebido a confirmação de que após a quarta feira de cinzas, menos de uma semana depois da minha alta, estava com consulta marcada no Sarah em Brasília, e isso foi fundamental pra mim, que mantive todas as minhas esperanças que no Sarah iria conseguir me reabilitar para poder voltar a levar uma vida com mais dignidade, pois até então, nem para comer eu conseguia sem ajuda das pessoas. Foram ao todo 19 dias, desde o meu acidente até eu chegar a Brasília, o que foi fundamental para que eu nunca tenha tido nenhuma complicação, e pudesse me reabilitar tão rapidamente, apesar das limitações decorrentes da minha lesão.

— O que significou para você ser internado em um hospital de reabilitação e encontrar o ateliê digital?

— *Quando a gente entra no Sarah uma coisa que a gente tem na cabeça são as limitações que nos adquirimos após a lesão medular, e a perda da capacidade de realizar atividades das mais simples às mais complexas que não podemos mais realizar, mas depois que a gente começa a ter contato com a arte descobrimos uma nova forma para se expressar e a possibilidade de desenvolver uma atividade que antes da lesão parecia ser improvável.*

— O que significa este espaço para você?

— *Esse espaço representa uma nova forma de expressar meus pensamentos e desenvolver mais habilidade manual.*

— Qual o valor da continuidade das aulas on-line?

— *Fundamental para manter esse desenvolvimento artístico e desenvolver um trabalho mais elaborado. Está mais ou menos respondida ai essas suas perguntas tão complicadas. Depois vc pode corrigir os erros gramaticais*

Enviado em 15/01/10

Como era formado em medicina chegou ao Hospital Sarah já pensando na reabilitação motora. Acabou surpreendido com a oficina de arte e se identificando com as possibilidades que a tecnologia digital apresentou. Depois do grande esforço para concretizar o primeiro desenho (barco) a sua participação o seu entusiasmo aumentaram. É um pesquisador nato, pesquisa na profissão e na arte.



Figura 50. Breno Nogueira “Barquinho”, 2008. Acervo Digital

Esta primeira prancha é o resultado do primeiro contato com as ferramentas do *ArtRage Studio 3.07*

A prancha revela a dificuldade que Breno teve com o manuseio da caneta digital, pois o paciente não possuía a pinça necessária para um melhor desempenho. O reaprendizado se faz a cada traço, conseguido com um esforço não imaginável para as pessoas que possuem o movimento total. “Barquinho” (Figura50)



Figura 51. Breno Nogueira “Barco”, 2008. Acervo Digital

No segundo barco já se passado quatro meses do primeiro barquinho o controle do movimento já está presente o controle do movimento que o paciente consegue realizar com segurança, sem se preocupar com a limitação motora propriamente dita.

A partir da convivência com obra do gravador Oswaldo Goeldi, o aluno toma conhecimento da importância da linha e da complexidade do branco e preto.

Breno começa a fazer a sua própria pesquisa e realizar desenhos sensíveis.

“Pensador”(Figura 52)



Figura 52. Breno Nogueira “Pensador”, 2008



Figura 53. Breno Nogueira “Bondinho”, 2008.

Esta prancha retrata a tensão que vive o cidadão carioca, com uma cena dramática e explosiva, sobre os arcos da Lapa, Cartão postal do Rio de Janeiro. “Bondinho”(Figura 53)



Figura 54



Figura 55



Figura 56. Breno Nogueira “Mão”, 2008.

Estudo de corpo: Breno utiliza o seu próprio corpo para estudar forma e movimento e tensão.

Nesse estudo da mão Breno revela uma expressividade de grande teor estético.

MSN

Breno diz:

O cara com a mão

na testa ficou maneiro

pra caramba...

Eu adorei

O estudo dos pés resulta do silêncio das pernas, que ganham mais volume e intensidades nos claros e escuros.

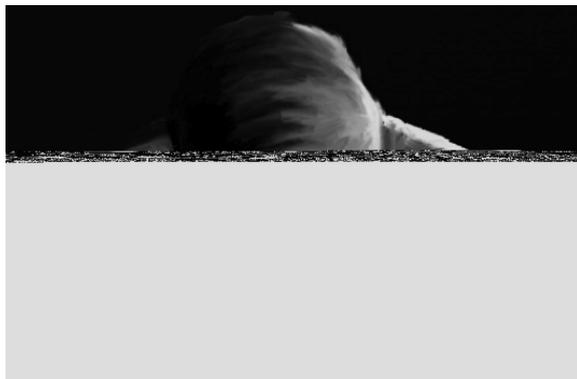


Figura 57. Breno Nogueira “Choro”, 2008.

Acervo Digital

MSN

Breno diz:

gostou do produto dessa canetinha?

Breno diz: To na minha fase branco e preto

Claudia diz:

a caneta não faz nada é o que esta atrás da caneta. Em um canto muito bem escondido e protegido do aluno brilhante



Figura 58. Breno Nogueira “O Silêncio das pernas”, 2008.

Acervo Digital



Figura 59. Mesa digital, 2008. Aquisição pessoal - mesa digital



Figura 60. Breno Nogueira “Novembro”, 2008.
Acervo Digital

Figura 61. Breno Nogueira “Março”, 2008
Acervo Digital



Figura 62. Breno Nogueira “Basquete”, 2008.
Acervo Digital



Figura 63. Breno Nogueira “Desproporcional”, 2008.
Acervo Digital

Breno diz:

Só quero ver se o Sarah Rio vai ganhar alguns dos meus desenhos...

Claudia diz:

oi meu caro aluno cardiologista

Breno diz:

oi

Breno diz:

Como vai professora

claudia diz:

oi na alta do meu cardiologista, estou a falar com o poeta

claudia diz:

interessante que a paisagem passe a mesma carga emocional que as figuras humanas

MSN

Breno diz: Diga ai professora

Claudia diz: não tem nenhum texto

Breno diz: Mas é verdade só sei escrever o meu nome...

Breno diz: Mas ai inventaram o carimbo

Breno diz: Eu só sei escrever coisas

bonitas...

Breno diz: dotrecogina alfa

Breno diz: Levosimendam

claudia diz: então está na hora de colocar estas coisas bonitas com o carimbo

Breno

diz: Dipalmitoilfosfatidilcolina

Breno diz: É o que eu faço

Breno diz: Receita estes negócios e

carimbo em baixo

Breno diz: Hehehehe

Breno diz: brincadeira

Breno transforma seu *blog* Oca do Branco.*blogspot.com* (Figs. 64 66) em uma grande galeria de desenhos.

Breno pesquisou para o *blog* um nome que tivesse relação com a cidade em que nasceu, o Rio de Janeiro.

Oca do Branco-Carioca (4 significados: *de cari+oca-casa do branco *aldeia, morada dos índios carijó *nome de fonte localizada no Rio de Janeiro, famosa pelo poder de dar boa pele a quem nela se banha *nome de rio).

Figura 64. Breno Nogueira “Oca do Branco”, 2008.

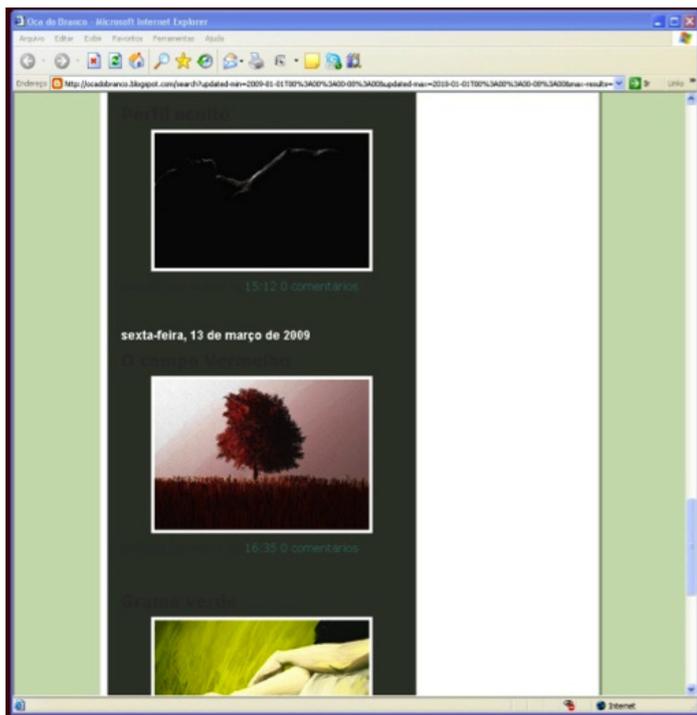


Figura 65. Breno Nogueira “Oca do Branco”, 2008.

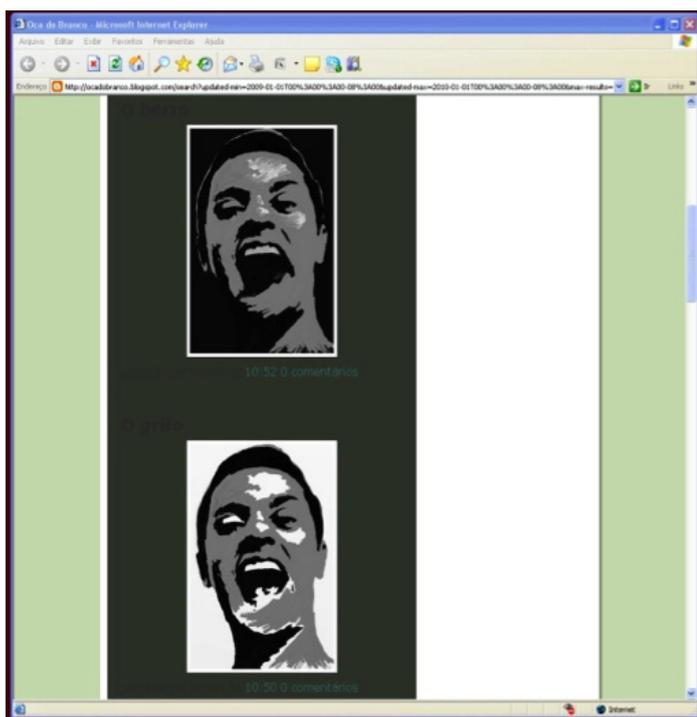


Figura 66. Breno Nogueira “Oca do Branco”, 2008.

Os vôos alcançados pelos pacientes sempre são visões singulares, moram sempre em um corpo particular e assenta no que a arte promove; abertura e prazer para novas possibilidades. Saborear os finais de tarde na frente do mar, leve como um barco que não sabe o seu peso por ser sustentado pela densidade da maré é a primeira prancha que Breno traça.

Formado em medicina como cardiologista e já tendo trabalhado em um hospital, Breno vem a procura de uma reabilitação eficiente e objetiva. Conhecedor das sequelas geradas pela lesão medular, acompanha todos os procedimentos e propostas sugeridas pela equipe. O seu tempo é para encontrar e fortalecer seu corpo para o retorno da sua independência. Quanto a ter qualquer envolvimento com outras áreas é para ele distante dos seus objetivos traçados. Já participando do ateliê digital a sua primeira tentativa é a de desenhar um barquinho que, apesar de sua dificuldade para segurar a caneta digital e para traçar com precisão, já possui intensidade e turbulência. A precisão é obtida no desenho do segundo barco, só que a carga emotiva do primeiro é mais significativa.

O médico recém-formado vai ignorando as suas primeiras metas e vai se abrindo com toda força para a poesia. Breno vai conseguindo, gradualmente, em cada desenho domínio e técnica para a construção de imagens visuais. Pesquisa a melhor mesa digital e a adquire. Mergulha nas obras de gravadores brasileiros, utilizando poucos elementos em seus desenhos, torna visível a linha e captura o essencial com sobriedade e muita emoção. Produz uma série sutil, onde se encontra o branco e o preto como força compositiva. Utiliza de outros meios visuais para interagir com seus desenhos, como a câmera fotográfica. Breno percebe que não pode submeter seus desenhos a soluções aparentemente fáceis do clicar e da mera reprodução de ambientes. A câmera é um instrumento que oferece a produção criativa e experimental; as opções compositivas representam também um outro passo para seu trabalho enquanto meio estético. Em alguns momentos, percebe-se em seu trabalho a união da fotografia e do desenho e, em outros, se distancia. Breno constrói o seu *blog*: *Ocadobranco.blogspot.com* onde reúne seus desenhos e emprega uma atitude de galeria. Hoje, Breno emprega sua poética não mais na construção de desenhos e sim no seu dia a dia, dirigindo seu carro, pulando de asa delta, frequentando a praia e trabalhando como cardiologista.

4 CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO: Uma Reflexão

Neste capítulo são descritos princípios, métodos e as formas de validação de uma pesquisa qualitativa dialógica, e uma visão de várias disciplinas, tais como, neurociência, filosofia, arte e tecnologia.

Pois há dois silêncios: um silêncio pode não ser nada além da ausência de barulho, pode ser inerte; porém, na outra extremidade da escala, há um nada que é infinitamente vivo, e todas as células do corpo podem ser penetradas e vivificadas por essa segunda atividade do silêncio. O corpo então sabe a diferença entre relaxamentos - a suave moleza de um corpo exaurido de tensão a dizer a si mesmo para relaxar e o relaxamento de um corpo alerta quando as tensões são afastadas pela intensidade do ser. Os dois silêncios, inseridos dentro de um silêncio ainda maior, são pólos distintos (PETER BROOK 2000, p.170).

4.1 A utilização do computador

Buscou-se estudar os pacientes acometidos por uma lesão medular alta, cuja escolha se fez pela urgência de se refletir sobre a finitude, sobre os desejos e obstáculos a que este corpo está submetido. O corpo ‘metade’ nada mais é do que a expressão dos percalços vividos por ele e pela alma e os obstáculos a serem vencidos. O esclarecimento sobre o que ocorre quando se tem uma lesão medular é apenas para que se tenha uma visão mais apropriada sobre o que seja a perda de movimentos.

Este estudo não vai se prender à questão da limitação motora, mas ao potencial criativo que ultrapassa qualquer limite físico. Somente na plenitude do ato de aprender, reaprender e compartilhar conhecimentos, a base educacional acontece de maneira sistemática e progressiva. Foi a partir desta visão que, gradualmente, rompeu-se duas grandes barreiras: a física e a sócio- cultural, cada uma moldando e impulsionando a sua maneira o fazer estético.

O discurso teórico impôs um aprofundamento da afetividade como constructo da arte, da ciência e da educação, rompendo possíveis dicotomias de como é construído nosso conhecimento.

Neste sentido não estamos usando o conceito de alma na acepção de parte imortal do sujeito. Neste estudo, alma é a expressão de sentimento do ser humano, natureza moral e emocional de uma pessoa, condição essencial do ser humano de imaginar e se reconhecer a si mesmo. Na realidade é a maneira que o cérebro identifica tudo o que temos em nós mesmos.

Optamos por repensar e produzir novos e expressivos movimentos no fazer arte e na convivência com os pacientes, bem como pela sistematização de conteúdo. O ateliê digital tem que ser um lugar de permanente troca de conhecimento e busca do que a tecnologia pode oferecer de mais sensível e contemporâneo: a alegria das descobertas permeando as dificuldades e a procura por sua transposição. A emoção vivida em cada conquista e em cada desafio fez-me perseguir, durante doze anos, uma convivência produtiva e inquietante.

Foi de acordo com uma perspectiva filosófica, científica e estética que nasceu o ateliê digital dentro do Centro Internacional de Neurociências e Reabilitação, na unidade de Brasília (DF) da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação em 2003. Com a integração de todos os recursos humanos e tecnológicos, conseguiu-se desenvolver um ateliê digital. O trabalho do ateliê resulta da iniciativa da arte educadora com o apoio de diversos membros da equipe de reabilitação, entre os quais da bioengenharia, comunicação visual, *design*, arquitetura, informática. Este apoio técnico foi o que permitiu a criação e confecção das adaptações para as diferentes dificuldades apresentadas pelos pacientes, sem as quais não seria possível alcançar os objetivos propostos. É toda uma equipe empenhada neste sentido mais amplo de reabilitação.

Das aulas do ateliê digital participam pacientes, inseridos no programa de reabilitação, proposto pela Instituição, que objetiva a maximização do potencial motor comprometido pela lesão medular. Sabe-se que toda perda sofrida pelo corpo afeta também a alma e, assim, consciente dos percalços a que todos estamos sujeitos, compreendemos que a arte impulsiona e possibilita a ordenação de novos sentidos para a nossa existência.

Essas considerações levaram repensar e produzir novos e expressivos movimentos no fazer arte e na convivência com os pacientes, bem como na sistematização de

conteúdos. Quando a prática e o conhecimento já adquiridos não são suficientes para apresentar para o aluno a grandiosidade do mundo das imagens e o prazer da elaboração e da construção imagética, cabe ao educador rever os seus limites teóricos e práticos e tentar ultrapassá-los. Quanto de fato uma perda motora, ocasionada por uma lesão medular, pode impedir ou gerar limites para a participação em aula e para o aprendizado da linguagem visual? Trabalhar com um conceito ampliado de corpo, com a importância de um eu singular e tendo a arte como potencial do paciente, revelado no fazer arte significa a ampliação do sentido de corpo como potência. São os fragmentos discursados que costuram as noções da singularidade. Nesse caso, não se busca o confronto entre razão e emoção, pois o que se pretende é aprofundar a noção de corpo e mente, expandido pelo ato poético. Amplia-se o movimento deste corpo e estendem-se todas as possibilidades para que o indivíduo possa romper obstáculos perceptivos, motores, sensíveis e afetivos. O que antes era impedimento, agora janelas virtuais sensíveis.

A globalização e a abertura do mercado interno no país facilitaram e estimularam as pessoas a adquirirem computadores pessoais, a fim de terem acesso rápido à era da informação. O “boom” tecnológico provocou também uma mudança nos relacionamentos interpessoais. Com o acesso à internet, aos sites de relacionamentos, as pessoas incorporaram um novo meio de comunicação e uma consequente mudança de “timing”. Esta otimização do tempo se refletiu nos relacionamentos interpessoais, alterando diretamente o acesso à informação, ao entretenimento e ao aprendizado.

Transcritos do *Windows Live Messenger* programa de comunicação instantânea pela *internet*, os diálogos estabelecidos com os pacientes são apenas uma parte desta teia que, gradualmente, seria descoberta. No decorrer da atividade, no seu dia a dia, cada paciente estabelece o seu ritmo e tempo para participar do ateliê digital, sem obrigatoriedade de seguir uma grade que cadenciaria as atividades, como acontece nos ‘cursos ministrados à distância’. Isto porque, não cabe, na proposta de reabilitação pela arte, uma normatização ou um ‘engessamento’ de seqüências, mas uma prática que respeite os conhecimentos adquiridos anteriormente, resgatando as origens culturais do conhecimento, influências, desejos e motivação para com o mundo expressivo.

A prática educacional do ateliê digital baseou-se nos princípios do educador Paulo Freire, (1977) sobretudo, com aqueles que ele rompe a concepção de uma educação verticalizada, para substituí-la por uma relação dialógica, em que o papel do educador e educando são constantemente alterados, promovendo uma troca constante.

Os diálogos surgem em função dos desenhos realizados pelo paciente. Estabelece-se, assim, uma conversa na qual ele apresenta suas dúvidas e reflexões diante das suas sensações, aflições e, sobretudo, diante da exposição desmedida da própria imagem que ocorre nos dias de hoje. Algumas pistas sobre o seu fazer e os caminhos subterrâneos em que o corpo mergulha vão sendo desvelados pelo processo criativo. Isso permite uma discussão atualizada sobre o efeito da educação e da arte, sem esquecer a necessidade do fazer como fator preponderante em qualquer discussão sobre o tema.

A apresentação da possibilidade da linguagem como um meio para o paciente surge conforme a sua evolução, a sua curiosidade e sua necessidade. Os artistas, as correntes e discussões filosóficas são, gradualmente, apresentados conforme os exercícios sugeridos aos alunos. Com acesso fácil, o paciente encontra em um arquivo a pasta Arte Imagens, em que o universo da arte com seus artistas é apresentado ao paciente, de acordo com as necessidades e na medida da ampliação do seu mundo imagético.

Foi com esta convicção de que é necessário apresentar o universo imagético para o paciente para que ele pudesse aprofundar o seu processo de significação que aproveitamos e o envolvimento em tempo real e ampliamos e intensificamos pelos novos recursos advindos da tecnologia *on-line*. Recursos estes que impulsionam o processo educacional, fazendo com que lancemos um olhar mais acurado e produtivo sobre o uso da rede no aprendizado expressivo e na produção artística. O estilhaçamento do tempo pelo fluxo de informação faz repensar a necessidade do constructo pela ação, de forma a intensificar a emoção com o uso dos novos recursos lançados pelos meios eletrônicos.

O computador, a televisão e a internet são os canais, cujo alcance não foi superado por nenhum outro instrumento humano historicamente registrado. Os impactos dessas tecnologias no comportamento ainda estão sendo estudados, principalmente, os que produzem modificações comportamentais e relacionais dos indivíduos

e das instituições. O filósofo Bernard Stiegler (2007), em seu livro: Reflexões não contemporâneas declara que a sociedade hiperindustrial promove um controle sobre a cultura, por intermédio dos meios tecnológicos que estimulam, no comportamento dos sujeitos, uma necessidade de consumo. A produção industrial gera uma padronização nos produtos conduzindo a perda das singularidades.

Quando Stiegler (2007) aborda a perda das consciências em uma sociedade massificada, em que a repetição envolve a morte dos desejos, demonstra o quanto também é necessário criar mecanismos para romper este círculo entre mercadoria e sujeição aos modelos desta sociedade. Há necessidade de romper e procurar outras formas que não sejam a do enquadramento dos desejos.

Há uma necessidade natural interna que move o ser para fora, ao encontro dos outros. O ser materializa-se por meio do pensamento, mas não se totaliza separado da vida da linguagem, do amor, do desejo e do prazer. Por isso, uma impressão é sempre uma expressão interna, que carrega um esforço pessoal e que se desenvolve com a realidade externa. A comunicação, então, sempre depende de outro e ela é sempre o gesto velado deste corpo. A linguagem se manifesta por palavras, linhas, que os disponibiliza por meio de inúmeras significações, como vestiários, mobiliários e tantos outros vestígios do passado, redesenhadas num presente contínuo por sujeitos pulsantes em um mundo sensível de gestos humanos.

Com a internet, insere-se no cotidiano, novas possibilidades de relações humanas de comunicação, motivados pelos novos meios alternativos na construção experiencial. O nascimento de outro meio midiático, diferentemente dos meios de comunicação em massa, evidencia, na contemporaneidade, a importância de uma construção participativa na elaboração da informação. Os *blogs* representam a utilização de ferramentas que carregam conteúdos bastante pessoais e informações bem específicas. Nasceu, a princípio, como um mero diário virtual pessoal, transformou-se e estendeu-se para outros fins. O público que participa na produção compartilha de informações em um ciberespaço sem fronteiras. A comunicação de conteúdos pelos meios midiáticos promove uma mudança nas ordenações e produções simbólicas,

gerando conteúdos sempre abertos para novas experiências, onde não há fronteiras físicas. Ela se atualiza periodicamente de forma cronológica; surgem artigos, opiniões, fotografias, desenhos de pessoas de toda uma comunidade.

Hoje é possível usufruir destes portais como mais uma forma de sociabilidade entre professor e aluno. Com este novo contorno, a sociedade contemporânea propõe e se constitui na cibercultura com uma estética híbrida. A tecnologia do ciberespaço é alimentada pelas redes de informática, pela realidade virtual e pela várias mídias; ela é a convergência entre o tecnológico e o social. A expressão artística na rede não ocupa um único lugar: ela acessa os intervalos, o não visível contido na teia, provocando a autonomia do sujeito – seja ele espectador ou ator – na criação. É com a proposição de iniciativas de criação que se promove a construção de um processo dialético entre o indivíduo e a estrutura tecnológica que ora se impõe. Uma destas iniciativas pode vir a capacitar o indivíduo para a formulação de estruturas de significâncias singulares, como para uso da tecnologia na produção pessoal e a produção pessoal para o entendimento do aparato tecnológico.

As práticas expressivas são desenvolvidas visando ampliar o sensível e o cognoscível, possibilitando a tomada de consciência do desejo e do sentido dos agenciamentos generalizantes do ser, promovendo a singularidade na construção de ações e significações. O “tempo” se vê alterado pela velocidade ocasionada pelos avanços tecnológicos. Estas mudanças e tantas outras promovidas pela ciência e pela tecnologia vão, também, penetrar na maneira como o sujeito se relaciona com a sociedade.

Na arte, veremos que a ciência e a tecnologia serão parceiras das mudanças. Na interação entre os sujeitos, ocorrida pelo uso da *internet*, o tempo dobra-se e desdobra-se nas possibilidades e potencialidades de cada criação e de cada intervenção.

Vive-se um tempo comum, nos diálogos e nas trocas *on-line*, mas vive-se, também, o tempo individual, contado não pelo relógio no canto do monitor, mas no percurso e no método de cada indivíduo na realização de seus trabalhos.

Esta compreensão do alcance da tecnologia e de como ela invade o nosso tempo fazendo romper os limites de espaço físico interessa-nos como educadores.

4.2 Alfabetização visual

As tarefas propostas representam apenas uma pequena parte da atividade da oficina de arte digital. A busca da pessoalidade é sempre o objetivo maior; os exercícios propostos não devem ser interpretados como uma padronização da mensagem visual. Cada paciente deve buscar a sua mensagem.

A informação visual nos chega por inúmeros meios: pelas forças cinestésicas, pela percepção e por fatores de natureza psicológica que complementam os caminhos visuais. Reaprender a ver implica rever os dados visuais para alcançar camadas mais profundas, desde as mensagens mais complexas às mais simples, muitas vezes, com padrões extremamente requintados de execução.

Sentimos como o ambiente exerce uma força diante da nossa maneira de ver, apesar das influências o caminho subjetivo envolve um processo individual.

Na presença de todos estes sinais, existe também um vasto universo simbólico, exigindo aprendizagem para compor materiais e mensagens. A experiência nos mostra que, além do visual, o aprender pode vir pelo olfato, pelo som e por sensações psicológicas diversas. Somos governados pela experiência. O nível representacional é acionado por muitos canais sobre os quais não temos controle do todo. Às vezes, quando se observa o movimento tortuoso de uma linha, pode-se ligar este fenômeno a uma lembrança do movimento frenético das luzes vistas de cima de um prédio.

Como nos diz o psicólogo Arnheim (1984), as sensações que o mundo exerce sobre nós é um processo experimentado pelo corpo que extrai por meio da experiência visual dos estímulos, dos símbolos, da língua, do ambiente o seu significado. É assim que uma pessoa aprofunda as suas propriedades visuais particulares, seus mecanismos e estratégias até a completude do ato de ver, porque a experiência visual é sempre dinâmica; existem tensões psicológicas que coexistem independentemente da percepção, tais como a cor, direção, tamanho, localização ou configuração.

O fazer artístico transporta o ser para um dinâmico canal de comunicação que é infinito de possibilidades. Sentir e perceber os pequenos, mas significativos movimentos, criando momentos mágicos no ato da construção expressiva.

Os olhos tornam-se guias deste novo reaprender motor. A cada desatenção do paciente diante da tela, deflagra-se a perda de controle no ato de uma composição, uma simples linha, tortuosa ou aveludada.

Neste capítulo são descritos princípios, métodos e as formas de validação de uma pesquisa qualitativa dialógica, e uma visão de várias disciplinas, tais como, neurociência, filosofia, arte e tecnologia.

O trabalho empírico, desenvolvido no decorrer da formação profissional, permitiu à autora estabelecer relações entre sentido e o ato de apreender que requerem reconhecimento e a construção de novos significados no tempo da elaboração do processo criativo. Mediante esta prática, optou-se pela abordagem qualitativa devido à necessidade de narrar o processo e o engajamento dos pacientes na produção de sentidos, a partir da interação e da descoberta do universo poético expressivo com o uso da tecnologia.

Nesta relação entre paciente e educadora ocorre a construção de conhecimento, na qual tanto pesquisadora como paciente tornam-se sujeitos da pesquisa.

A abordagem qualitativa permite fortalecer o trabalho sintonizado com o compartilhamento de conhecimento, possibilitando a interação com os outros e suas diferenças. Os esforços realizados pelos pesquisadores são os de possibilitar que as produções científicas correspondam o mais próximo possível do desenvolvimento humano. A metodologia está relacionada à escolha teórica quanto ao processo de construção de dados, enfatizando a interdependência entre teoria, dados e métodos com a perspectiva do investigador (VALSINER, 1989; WINEGAR, 1997; CRESWELL, 1997).

Nessa perspectiva, a coleta de dados no processo de aprendizagem visual é uma forma de estabelecer uma interlocução criativa dos pacientes com o meio. Para isto, considera-se as narrações que surgem durante as aulas um constructo para elaboração de um *corpus* de pesquisa coerente com os objetivos e aspectos metodológicos adotados. Desta forma, é reiterada a importância da linguagem na educação, como constitutiva da análise da construção do conhecimento.

O enfoque que se buscou na análise de discurso baseou-se no que Rosalind Gill, propõe no seu livro:

É proveitoso pensar a análise de discurso como tendo quatro temas principais: uma preocupação com o discurso em si mesmo; o segundo uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; uma ênfase no discurso como uma forma de ação; a terceira é a orientação da função do discurso, mas como uma prática em si mesma e uma convicção na organização retórica do discurso; o quarto é a análise do discurso, vê a vida social como sendo caracterizada com conflitos de vários tipos. O termo ‘discurso’ é empregado para se referir a todas as formas de fala e textos, seja quando ocorre naturalmente nas conversações, como quando é apresentado como material de entrevistas, ou textos escritos de todo tipo (GILL, 2003, p. 245).

Nesta perspectiva dialógica, analisa-se no discurso de cada paciente, os respectivos parâmetros expressivos de cada paciente.

Neste trabalho, afastou-se uma certa rigidez existentes nos modelos cognitivos atuais, em busca de uma compreensão subjetiva da importância da linguagem poética na perspectiva dialógica, como nos aponta Bakhtin Voloshinov, em *Estética da criação verbal*, “*na passagem do interiormente planejado para a sua concretização, o discurso insere-se nas regras da enunciação, determinadas não apenas pelas regras lingüísticas, mas, sobretudo, pela social imediata*” (VOLOSHINOV, 1992, p.112).

Quando se fala em relação humana, não é possível reconhecer uma total independência com o outro, quando se reconhece o jogo de paixões inter-humanas, tecidas nas relações reais. Ao reconhecer os estados naturais humanos, de forças às vezes contrárias e outras aliadas, em que se busca o encontro com o outro, necessitando sempre de um acordo no qual a união conduza a uma interdependência construída.

Quando se trabalha com a abordagem dialógica, entende-se que os elementos formadores do discurso sempre são construções e interpretações da narrativa. Deste modo, sinaliza também que nem tudo pode ser transparente nesta comunicação, pois, muito do que se diz nem sempre significa o que foi dito. A linguagem muitas vezes produz efeitos diferentes do pensado ou imaginado, escapando ao controle rigoroso do sujeito da comunicação.

Esta interlocução apresenta-se como a melhor maneira de fazer educação, ciência e arte, para alcançar os objetivos propostos. O fato dos pacientes continuarem a dialogar nas aulas *on-line* assume um significado que ultrapassa o limite hospitalar, pois dissipa o

sentimento de paciente dentro do espaço hospitalar. Assim é gerada uma abertura não esperada por seu potencial sensível que se expande por meio do fazer imagético.

Por meio dos novos universos sensíveis, a emoção e o sentimento aparecem alinhando as narrativas nas aulas *on-line*, nos *blogs* e nos desenhos. A materialização da expressão se faz no encontro com o outro, permitindo traçar e estabelecer um novo paradigma para as possibilidades da arte educação, partindo-se das considerações sobre a importância da arte e da tecnologia como abertura para o universo poético, ou seja, um processo de construção conjunta de conhecimento.

4.3 Compartilhando e integrando ideias

O educador Freire discorre sobre como o sujeito trava relações com o mundo pelos atos de criação e recriação, acrescentando uma marca ao que ele faz ao mundo natural, sempre em sintonia com sua realidade cultural. Dessa forma, o sujeito da ação trava uma relação específica, dele para com o objeto, resultando em conhecimento que se expressa pela linguagem.

Acontece, porém, que a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação (FREIRE 1977, p.106).

Contribuir para novos diálogos na área da educação é proporcionar uma transferência de conhecimento, possibilitar a outros profissionais que repensem a sua prática de ensino, criar espaços ainda não pensados e normatizados para novas aberturas poéticas. Na contemporaneidade, temos os meios de comunicação e a tecnologia conectando culturas, povos, territórios até então longínquos. Toda essa nova tecnologia minimiza as distâncias, permitindo o entrelace de várias vozes, nesse trânsito, nesse ciberespaço rizomático. Hoje, o universo tecnológico se abre a todos as áreas, tornamo-nos dependentes dessa conexão.

Este estudo opta por uma educação para a liberdade, como diria Freire, para um homem-sujeito e não um homem-objeto. Quando pensamos em educação estamos seguindo os pressupostos teóricos deixados por Paulo Freire, voltados para uma

prática libertadora. As relações que estabelecemos como educadores dentro e fora de uma instituição hospitalar, visa possibilitar que corpos e mentes ressignifiquem, verdadeiramente, a própria noção de corpos e mente, para sair da opressão que deforma e limita, por desconhecimento, as aberturas e as possibilidades deles.

A abertura para a consciência do corpo deve constituir uma preocupação para nós educadores, presos ainda a modelos pedagógicos centrados no acúmulo de informações que afastam o prazer como mote para o aprendizado. Qualquer que seja a estratégia para despertar o processo criativo na educação passa pelo reconhecimento de que o encontro com o outro é uma licença, na qual os dois devem estar abertos para o reconhecimento da pluralidade das relações travadas entre si.

Uma escola, para Freire, deve sempre refletir sobre as questões da construção do conhecimento. Para dialogar com os professores sobre o papel do educador em uma escola democrática, Freire escreve no livro *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar* (1993), que o ensinante quando ensina certo conteúdo têm que fazê-lo com competência, ética e que este tem o dever de se capacitar para iniciar sua atividade docente.

Presenciamos, no nosso dia a dia, a difícil convivência com esta situação de precariedade e de desrespeito à existência. Defender o direito do sujeito a uma expressão individual é constatar a pobreza ainda vivida por tantos povos. É preciso insistir em pesquisar e ampliar o campo da arte-educação, na esperança de que todos possam experimentar o universo imagético em um mundo de tantos não-sujeitos. Julgamos que o ensino da arte resgata a identidade cultural, possibilitando assim, uma abertura para o corpo e mente. Valorizando e respeitando o contexto a que este paciente está atrelado, o seu cotidiano se amplia por meio da arte, novas possibilidades surgem, promovendo a experimentação por uma prática estética, onde o sujeito transcende e amplia a sua consciência crítica.

Na prática diária com os pacientes, os princípios de entrelaçamento com aspectos individuais e culturais já constituíam uma atitude profissional empiricamente adotada que foi solidificada na criação do espaço aberto pela oficina de arte digital

em um ambiente hospitalar, procurando ir ao encontro das iniciativas que mudaram o ensino da arte no nosso país.

Freire e Augusto Rodrigues (FREIRE, 1993, ZOLADZ, 1990) ampliam, transcendem e rompem os muros rígidos e automatizados do aprendizado escolar, desvinculados do conhecimento pessoal. Eles recuperam na prática o prazer em ressignificar novos conteúdos singulares.

Na criação da Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, idealizada pelo artista e professor Rodrigues em 1948, a artista Lúcia Alencastro Valentim e a escultora norte americana Margareth Spencer mudaram o panorama da educação cultural das artes e sua acessibilidade. A Escolinha de Arte permitiu o encontro feliz da educação com o fazer arte. Realizou-se a melhor das fusões. Augusto Rodrigues percebeu o desconforto, o afastamento e a falta de vínculo promovidos pela educação tradicional. Ele acredita que a comunicação engloba a ideia de totalidade e percebe nesta reflexão um duplo sentido, de que a cidade é o resultado das atividades desenvolvidas pelo indivíduo ou pela coletividade. Entrevistando Rodrigues, Rosza W. Vel Zoladz em seu depoimento e seguindo o seu pensamento, num segundo movimento, tudo é englobado, ninguém fica de fora:

Ai sim, é levar o diálogo até as últimas conseqüências. E o que é o amor? É a troca. E só nela o amor se dá. O ódio se desenvolve rapidamente. O amor exige entrega para fazer-se compreendido. Além disso, o amor exige um aprendizado. Dá a impressão de que estou falando de coisas que não têm relação umas com as outras, Mas têm muita (ZOLADY, 1990, p. 25).

Rodrigues captou por que a educação, da maneira como é praticada, é responsável pela dificuldade que as pessoas têm de amar. “*Para entender o que é o amor, é preciso aprender o seu significado*” (ZOLADZ, 1990, p.25). Para ele, a cidade até pode induzir os cidadãos a uma troca entre si, como se fossem mercadorias, mas o que realmente promove a paz é o fazer. Assim, quando os cidadãos estão compartilhando ou trabalhando, eles fortalecem os laços de afeto que os ligam às pessoas aos lugares em que viveram. Segundo Rodrigues, a intensidade das experiências é que vão marcar o homem criativo.

Portanto, a criação da Escolinha de Arte vem mais uma vez referendar

o encontro desse amor a que ele se refere, um processo educacional que respeita as crianças, promovendo o enriquecimento e a transformação das suas capacidades imaginativas. Rodrigues obteve o apoio de intelectuais, artistas e educadores, que se debruçaram na ideia de uma educação libertadora, contribuindo para a criação da escola. Convergindo e concretizando com o que ele havia idealizado. “*A ideia veio por um processo de reminiscência de viver numa escola repressiva, onde a palavra liberdade estava destituída pela monotonia de memorização, de repetição e da imposição de tudo já preestabelecido (...) (ZOLADZ, 1990, p. 32)*”.

Este autor reflete sobre a ação e os laços de afeto como parte do processo de crescimento, enfatizando a necessidade do fazer, como motivador para a necessidade do aperfeiçoamento da existência. Significa que o processo do fazer exige um lugar e o encontro com o outro, que nada mais é que os laços de afetos. Quando ocorre este fluxo de aproximações, previsíveis e imprevisíveis é que se dá o encontro. As grandezas destes encontros dependem da possibilidade de mergulhos desse corpo com suas emoções. Por vezes, este corpo vive na ação um impedimento para novas aberturas, deixando de ser um veículo de ação, bloqueando a possibilidade de abertura para outros espaços.

Aproveitando um trecho do livro: *O artista e a arte*, poeticamente em que Rodrigues dialoga com Zoladz, sobre o corpo:

[...] Estou dizendo com isso que a descoberta do corpo vai além da constatação física.
[...] São a emoção, a afetividade, que fazem ouvir o pulsar do coração, que ocorre quando, em algum momento, nos detemos para ouvi-lo. Eu as ouço assim, batendo junto com o meu coração. Só me dei conta disso ao lembrar o que, um dia, me disse Mestre Vitalino, o ceramista das figurinhas em barro que mostram a gente sofrida do nordeste: ‘Para se fazer alguma coisa é preciso entrar na cadência (ZOLADY, 1990, p. 56).

Neste período de tanta velocidade, o afeto não tem sido a prioridade. Os jovens usam um termo que se tornou corriqueiro entre nós, “*a fila anda*”, as coisas e as pessoas se tornaram vazias, passageiras. Para não perdermos nada, acabamos vivendo um empobrecimento com histórias produzidas artificialmente pelos meios

de comunicação. Velocidade em comer, em andar, em chegar, em entregar-se às gulseimas do sistema, afogando o passado na passagem para o futuro. Esta perda recai neste mesmo corpo esvaziado de possibilidades expressivas criativas. O tempo contemporâneo atropela, esmaga e impede com facilidade o entrelaçamento dos afetos.

Vamos aqui aprofundar o que representa o afeto neste corpo para melhor compreender a importância da dinâmica das aulas *on-line*, realizadas pelo correio eletrônico, que integram e entrelaçam este estudo.

Os estudos do neurobiólogo Antonio Damásio (1996) são valiosos para esta pesquisa pois esclarecem como o nosso organismo toma contato com as coisas do mundo e como a emoção é importante para a produção da razão.

De acordo com Damásio (1996), a emoção não é uma abstração mental, é todo um processo envolvendo o corpo e o cérebro. Na realidade é uma sequência de dois processos: ter uma emoção e depois senti-la. Sendo as emoções conjuntos complexos de reações químicas e neurais, elas formam um padrão. Todas as emoções têm algum tipo de papel regulador a desempenhar, levando, de um modo ou de outro, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo em que o fenômeno se manifesta. As emoções estão ligadas à vida de um organismo e seu papel é auxiliar o organismo a conservar a vida. A lembrança de um acontecimento ou de uma situação poderá provocar alterações físicas no corpo, como coração acelerado, suor, mudança de pressão arterial. Estas mudanças no organismo acontecem quando se tem uma emoção. Quando o cérebro registra as alterações no corpo, elas são resultantes de sentir a emoção ou ter um sentimento.

Os sentimentos são revelações do estado de vida do nosso corpo, alicerce fundamental na constituição da tomada de posição humana. Os sentimentos regem os estados conscientes, impulsionando e ajudando nas escolhas da nossa autopreservação. A consciência amplia o impacto dos sentimentos na mente, dando sentido ao eu, permitindo assim que o sentimento da emoção se torne conhecido pelo organismo que experimenta tal emoção. Ter consciência é perceber a nossa unicidade e a impossibilidade do outro viver as nossas experiências.

A base para que seja possível a construção da nossa identidade pessoal é definida

por Damásio como sendo a consciência nuclear que abraça o sentimento, tornando-a conhecedora dela. A consciência, para ele, é um fenômeno de primeira pessoa. Afirma-se assim que tanto a consciência quanto a mente se relacionam com comportamentos que podem ser observados por outros. Consciência e emoção não se separam; se isto acontecesse fatalmente teríamos uma deficiência do ser pleno, como vemos em muitos casos narrados na literatura como a clássica história de Phineas P. Gage⁷ em 1848 que deixou de ser ele mesmo.

É importante considerar a consciência como não sendo o eu. Por intermédio dela pode-se compreender como o organismo humano, por meio do cérebro, refaz na mente a imagem de um objeto. Também a consciência permite explicar como o cérebro pode produzir um padrão neural, no ato de conhecimento do objeto, gerando o sentido do eu. A consciência permite que sejamos potencialmente atores, espectadores e proprietários da cena do mundo. A consciência nuclear é uma das formas de organização que temos e que, em conjunto com a consciência alargada, permite-nos saber o que aconteceu no instante anterior. Ela dá significação ao aqui e agora.

Hoje já é possível descrever as origens biológicas do pensar da progressão do eu, do eu nuclear e até a do eu autobiográfico. Damásio considera a estabilidade, entre tantas outras, como a característica comum a todos os tipos de eu. O eu necessita de uma estabilidade, uma continuidade de referência, sem que com isto signifique que estamos falando de um ser imutável que, no decorrer do tempo, não se modifica. A estabilidade acompanha, nos níveis mais simples e nos mais complexos, o relacionamento dos objetos no espaço ou, quando vivemos situações com uma carga emocional intensa, precisamos da estabilidade para nos referenciar.

Quando buscamos perceber o que está por de trás do eu, deslumbramo-nos

7 - Phineas Gage é um capataz da estrada de Ferro Rutland & Burlington que tem como encargo a responsabilidade de guiar um grande número de homens com a tarefa de assentar os trilhos da ferrovia. A estratégia para vencer as escarpas é explodir as rochas para abrir caminhos mais rápidos. O responsável por este ofício deve fazer um buraco colocar a pólvora e o rastilho e cobrir com areia. Com a ajuda de uma barra de ferro inseri-la e com uma sequência de pancadas fazer explodir as rochas. No comando desta tarefa, que ele dominava com competência, Gage se distrai, acontece um erro de procedimento, com explosão de uma carga uma barra de ferro que entrou pelo sub-maxilar e saiu, transversalmente, pela área fronto-occipital trespassando o seu crânio. Este incidente aconteceu em 1848 e é narrado por seu médico. Gage depois deste trágico acidente adquire novos traços de personalidade, sofrendo uma mudança radical, conquanto familiares e amigos não mais o reconheçam. A história de Gage revela, um século antes dos primeiros estudos, que o cérebro é o alicerce da linguagem, da percepção e das funções motoras, que no cérebro existem sistemas dedicados ao raciocínio, em particular as dimensões pessoais e sociais do raciocínio. Gage nunca perdeu a consciência, sobreviveu razoavelmente, e lúcido, vários anos, contudo, todo o seu temperamento (tranquilo), e o seu comportamento social se alteraram drasticamente, dando origem a um indivíduo

com o indivíduo singular, fundamental para a conservação do *milieu* interno⁸ e da manutenção da vida. Um organismo, para manter a vida, precisa de uma fronteira que define o corpo, precisa viver a urgência de se estar aqui, sendo esta a relação de fronteira que separa o nosso mundo interno do mundo externo. (DAMÁSIO, 2004). O tempo inteiro o mundo se modifica e nos modifica, nós que estamos dentro de um corpo estável com amplitude limitada, mas com possíveis representações dinâmicas movendo e alterando este corpo.

O nosso corpo vive uma estabilidade necessária, desde quando ainda somos tenros até o crescimento, o corpo se altera muito pouco; os sistemas e órgãos quase não se modificam. O organismo já nasce equipado com um sistema de regulação automática e, quando surge uma ocorrência ameaçadora ao corpo, o organismo busca rapidamente corrigir. Junto com as mudanças externas que o mundo sofre, mesmo às vezes sofrendo profundas e avassaladoras alterações, o nosso corpo segue com sua capacidade de mudanças limitadas, embora mantendo-nos com uma mente, dentro de um corpo destinado a servi-la (vida), ciente da sua efemeridade.

É em consequência desta interação que se alteram os comportamentos externos. Damásio explica que o alicerce é a consciência nuclear, e que a consciência alargada seria o esplendor, pois é uma função caracteristicamente humana. “*O aqui e agora permanece claro, mas está ladeado pelo passado pela quantidade de passado que for necessária para iluminar efetivamente o agora, e, de forma não menos importante, está ladeado pelo futuro antecipado*” (2004, p.227). Significa dizer que é com a consciência alargada que se pode inventar e abrir a porta da criação. Toda a criação humana tem origem no ponto de transição em que começamos a dar forma à existência, guiada pela descoberta parcial dessa mesma existência.

Assim, o corpo se abre para um diálogo forte com a vida, que se revela por meio de janelas, busca viver as aberturas sem perder o senso geral de equilíbrio, o que nem sempre será possível. O desequilíbrio pode em muitos momentos representar uma

8 - O termo *milieu* interno foi cunhado pelo biólogo francês Claude Bernard em, 1865, para designar o interior do organismo. Ele observou que o perfil químico do fluido interior do qual vivem as células é muito estável e que varia muito pouco, apesar das mudanças externas. (2004, p.167)

perda do fluxo contínuo para novas possibilidades, como também gerar mudanças de paradigmas. Somos presença e, mesmo depois da morte, continuamos presentes, pois o que para nós era importante continuar a existir mesmo na nossa ausência. Além disso, afetados pela presença do outro e pelas coisas da vida, necessitamos de novidade para que, com ela, possamos acessar o imprevisível, para dar sentido à vida.

A condição de se viver a alteridade é saber que, neste mundo de novos devires, estar em contato com a vida é estar em contato com questões sobre a natureza e a sua existência. O conceito de ser humano não preenche a magnitude da nossa existência, pois é na lacuna que o outro nos preenche. A identidade é isto o que falta, que existe mas não é visível; ela é a falta de imagem que nunca se esgota no eu. É com a abertura da caixa de Pandora que se abre a reflexão da necessidade de não se perder as aberturas, estes eus que se contemplam, manifestando a grandeza de se estar aqui. Além disso, abrimo-nos para outras janelas em que dimensão humana se faz pela ordenação dos dados sensíveis, que estruturam os níveis do consciente, para podermos com o mundo dialogar.

Em seu livro *Em busca de Espinosa. Prazer e dor na ciência dos sentimentos* (2004), Damásio demonstra como tomamos contato com as coisas do mundo e como nos apercebemos deste ato.

O filósofo Spinoza (in DAMÁSIO, 2004) já se opõe ao dualismo entre corpo e alma e reflete sobre a importância da diferença entre o que é uma ideia e o que de fato é um afeto. Ele vai nos apresentar a forma de se pensar corpo e alma sem que precisemos fazer a separação entre eles. Segundo Spinoza não é possível diferenciar a natureza entre corpo e alma, pois eles constituem um único ser; se o corpo sofre a alma também padece, não existindo, dessa forma, um corpo sem alma e se este corpo sofre uma transformação, igualmente, a sua alma também a sofre. A alma é o espírito do corpo e não existe corpo sem alma.

O que acontece é que nós, como seres humanos, vivemos uma luta entre transcendência e realidade e acabamos relutando em aceitar a nossa fragilidade enquanto matéria, enquanto seres humanos finitos e acabamos sempre buscando em outros e nas coisas um ideal que não existe. O caminho mais ético é o de aprendermos a viver sendo o que so-

mos e não tentar buscar na transcendência um mundo fantasioso que não existe.

Aprender a viver os nossos próprios problemas é, assim, buscar um equilíbrio para aprendermos e sermos mais saudáveis. Os problemas sempre existirão e nem por isso devemos deixar de ser felizes. O mais importante nesta maneira de se entender a existência é saber perceber e discernir os problemas reais e importantes, pois nos defrontaremos com muitos que não o são. O verdadeiro problema traz sempre uma nova possibilidade, e viver é compreender e saber problematizar; enquanto houver sentido continuaremos vivendo a vida. A motivação para viver é o que Spinoza chama de potência de existir, o que impulsiona para fora, sempre modificando a ideia deste corpo. Pensar é sempre um exercício, uma pulsão inconsciente.

Atualizando as reflexões de Spinoza, Damásio complementa com as suas pesquisas o entendimento de que é nos encontros que os corpos se relacionam, surgindo então nossas identidades por meio de tantas outras identidades existentes. É assim que nos constituímos e nos preenchemos. Esta é a potência de existir, que alguma coisa pode nos acrescentar e nos afetar. Este é o poder de ser afetado que está diretamente ligado às relações. Então é neste entrelace que as relações se preenchem e que se dão as afecções e afetos. Percebemos o afeto, como quando estamos amando, com saudade ou angustiados. Somos capazes de pensar sobre o amor, mas ele não é representável, ele não é palpável, ele não é e ao mesmo tempo o é.

Assim o afeto é o que entendemos como fundamental para a nossa existência, é o querer, a potência que é aumentada quando agimos, e na qual encontramos força para existir, mas que também sofre diminuições contínuas. As afecções diferenciam-se do afeto por ser uma passagem, uma ação de uma coisa sobre a outra, necessitando sempre de um contato, de uma mistura, em que um acaba absorvendo o outro.

Os sujeitos buscam superar obstáculos que fazem parte da sua existência. Abertura para a vida consiste em ampliar o próprio horizonte, sempre adequando o agir do indivíduo com sua potência singular. Isto gera uma força produtiva que se manifesta na política, nas paixões, na existência, tanto individual como coletiva, produzindo uma tensão que faz mover o ser para busca do infinito e do eterno. Assim

como Damásio, promoveu-se a emoção a referencial deste estudo, junto com o reconhecimento da prática poética expressiva.

Os estudos nos mostram o ato de conhecer e viver como o modo de adaptação ao meio. Somos seres sociais que se recriam a cada encontro e é neste domínio que as relações são cunhadas e fundadas pela emoção, dando origem ao amor. O amor é o que promove a história da hominização, preceito para uma dinâmica corporal de condutas e convivência social. O amor pensado não como sentimento, mas como elemento para a convivência, como lugar de recriação para a vida, como a aceitação de um outro junto a nós; como acoplamento das relações que fazem surgir o humano e, conseqüentemente, o social. Esta é a ligação. O outro é a abertura, é a mistura necessária, é o que permite a nós, viver nesse mundo, criado junto com outro.

Com esta deferência ao amor nas relações sociais, consideramos a educação como espaço das relações dos indivíduos, respeitando as origens históricas e culturais de cada ser. Os espaços educativos representam esta interação, onde o humano se reconstrói pela ação e pelo compartilhamento.

A vida é o centro sistêmico para que ocorra este processo que dilata o ser e o expande na cultura. O que significa que a ação é sempre uma construção que se desenha simultaneamente de forma autônoma e partilhada. A relação do sistema com o meio cria a linguagem que é uma construção. A troca do ser com outros seres.

Nessas coordenações consensuais acontecem os processos de relacionamento humano que traduzem a forma de como este ser está sempre se refazendo. Este é o poder que a linguagem exerce no constructo educativo - o diálogo. Este espaço do ser, da ação com a linguagem, geralmente, lida com elementos objetivos e comuns de uma comunidade. Em alguns momentos, esses conhecimentos encontram-se fechados, impedindo, por vezes, que surjam novos espaços de ações.

É neste pulsar que os encontros com os alunos se estabelecem, sempre havendo a mistura, o novo. Um e outro, com histórias comuns. Histórias a serem contadas e compartilhadas. O meu corpo finito se encontra com a história de um outro, redesenhando novas tramas. Esse é o grande patrimônio da educação.

Para que se tenha a dimensão do outro como processo vital para nossa exis-

tência no mundo e para que se possa mais do que simplesmente aceitar a nulidade, é necessário explorar um pouco o que constitui esta necessidade de compartilhar. Para que haja a troca, enquanto sujeitos de ação temos que ter construído um mundo, felizes ou não é esta vida a que estamos nos referindo só diz respeito a nós.

Para tanto é necessário que o conhecimento não se limite ao processamento de informações, de um mundo já existente anterior ao observador. Somos seres autônomos, não recebemos passivamente informações e comandos vindo de fora, mas, ao mesmo tempo, dependemos de recursos externos para vivermos. Tornamo-nos dependentes e autônomos, numa dinâmica circular: tenho que me observar enquanto observo o mundo o que representa a necessidade de compartilhar, não havendo hierarquia no mundo e nas pessoas. Este processo circular não separa a cooperatividade da interação, como condição para a existência.

Visto que a reflexão faz nascer um mundo que emerge pelo fazer humano e para que isso ocorra, é necessário conhecer o mundo e reconhecer que não podemos separar nossa história das ações biológicas e sociais. Este fenômeno segundo Damásio é a raiz mais profunda do nosso ser cognitivo.

Somos movidos por interações, por um sistema autopoietico⁹ fechado em sua organização autoprodutora e automantenedora, que para se expandir necessita compartilhar, ato que só acontece com a troca com o outro. Esta interação entre os seres acaba constituindo o ciclo que alimenta o nosso sistema social. Para que ocorra esta interação é fundamental uma estabilização biológica, estabilização esta, que para nós humanos, realiza-se pelo fenômeno amor. O compartilhar depende da dimensão do outro como companheiro, em uma dimensão de abertura para com a nossa vida. Quando fazemos uma escolha perante o outro estamos referendando uma conduta ética, que nada mais é do que a justificação das relações. A aproximação e a subordinação promovem a autonomia, formando assim a individualidade que delimita a nossa conduta e o vínculo que estabelecemos com o outro.

Hoje já é possível compreender a grandeza destes enlaces, por ser o corpo o único que

9 - Para Maturana e Varela, "autopoiese" é formada por uma rede de interações moleculares que continuamente produz os seus próprios componentes que participam das interações e transformações internas da unidade.

tem uma existência singular, sendo sempre protagonista desta história também singular. As possibilidades que este corpo vive, fazem aflorar várias perguntas sobre a sua essência que é melhor investigada por meio de um estudo fenomenológico em que o homem é concebido na sua integralidade, como nos propôs Merleau-Ponty. O filósofo rebate os enganos da ciência e da filosofia que apresentam mente e corpo de forma dicotômica, em que o corpo é materializado e destituído de sua subjetividade. Ele toma a experiência corporal como originária, redescobrimo a unidade do mundo com o mundo sensível. O corpo passa a ser simultaneamente vidente e visível, e é neste movimento que o corpo se lança para novas situações abstratas e atua com certa independência das obrigações impostas pelo nosso cotidiano.

A neurobiologia, em suas pesquisas, pôde confrontar o dualismo até então estabelecido com o entendimento de que os fenômenos mentais são estreitamente dependentes de uma enorme variedade de circuitos cerebrais e que, para se abordar o problema da mente e corpo, é necessário mudar o entendimento sobre este binômio.

Voltando ao filósofo Maurice Merleau-Ponty (1994) examinamos a separação sujeito-objeto, subjetivismo e objetivismo e a resposta para estas dicotomias. Só será possível encontrar e compreender como se realiza o *ser-no-mundo* se buscarmos a relação com o mundo que nos constitui e que por nós é constituído.

A nós, enquanto sujeitos, cabe compreender que não estamos presos como vítimas de um destino, onde se executa a vida, mas que somos como um prolongamento do corpo, em que a razão abre trajetos. Trajetos esses que, em conjunto com os sentimentos, nos permitem desejar e viver devires. Um e outro, construindo cesuras, pensamentos.

Segundo Damásio, os sinais do cérebro¹⁰ no corpo têm múltiplas formas de expressão que sinalizam que cérebro e mente são servidores de um corpo singular, dotado de sentimentos e ações múltiplas e diversas.

A modificação de se pensar no corpo como um organismo complexo possibilita compreender como o cérebro depende das operações regulatórias as quais, por sua vez, necessitam da criação e da manipulação de imagens mentais. Estas imagens mentais são

10 - "[...]o cérebro é um supersistema de sistemas. Cada sistema é composto por uma complexa interligação de pequenas, mas macroscópicas regiões corticais e núcleos subcortais que, por sua vez, são constituídos por circuitos locais, microscópicos, formados por neurônios, todos eles ligados por sinapses." Damásio, A.R. O mistério da consciência, São Paulo: Companhia das letras, 2000, p. 54.

o que chamamos de mente; ou seja, são ideias ou pensamentos. A percepção de objetos ou de estímulos internos e externos sempre requer imagens. Quando falamos de imagens, que acontecem no nosso exterior, estamos falando das imagens visuais, auditivas, táteis, olfativas e gustativas. Dentre as internas estariam a dor, o medo, o desejo e a paixão.

A ideia de ‘ideias de ideias’ é importante por diversas razões. Por exemplo, formar ideias de ideias abre caminho para a representação de relações e para a criação de símbolos [...] Em o mistério da consciência, sugeri que a espécie mais básica do self é uma ideia, uma ideia de segunda ordem. Por que de segunda ordem? Porque essa ideia tem como base duas ideias de ‘primeira ordem’. Uma destas ideias de primeira ordem é a do objeto cuja percepção estamos construindo; a outra ideia de primeira ordem é a do nosso corpo à medida que é modificado pela percepção do objeto. A ideia de segunda ordem é a ideia da relação entre essas duas outras ideias. Objeto de que se tem percepção e corpo modificado pela percepção (DAMÁSIO, 2004, p. 228).

Estas imagens são sondas sensitivas, capazes de serem manipuladas na nossa mente e utilizadas para representar relações espaciais e temporais com os objetos. O mapeamento que o cérebro faz não é um processo passivo no qual mente, organismo e cérebro podem agir separadamente.

A interação entre as imagens existentes na mente e no corpo vai, ao longo do tempo, estruturando os processos cognitivos que envolvem o sentir e o pensar. Portanto, só haverá a permanência da vida na continuidade da aprendizagem e da transformação. É neste movimento que ocorrem os fluxos que conduzem aos sentimentos. O que é ilustrado por Damásio ilustra este fenômeno por meio da seguinte citação: “um sentimento é uma percepção de certo estado do corpo, acompanhado pela percepção de pensamentos com certos temas e pela percepção de certo modo de pensar” (2004, p.92).

É para o cruzamento entre sujeitos cognoscíveis, atrelados pela emoção, entrelaçados corpo e mente que se desloca este ser para a elaboração de mundos imagéticos construídos com a tecnologia.

O filósofo Pierre Lévy, em seu livro *Cibercultura* (1999), afirma que o futuro dos sistemas educacionais está na transformação de sua relação com o saber, porque os resultados das pesquisas científicas renovam, velozmente, o aprendizado e os saberes e forçam um aprendizado constantemente atualizado.

Na tecnologia digital, encontram-se novas formas de acesso à informação, novas maneiras de raciocínio e conhecimento compartilhado com grande número de pessoas. Diferente dos antigos suportes como a televisão o rádio e outros, Lévy, (1999) assinala que as novas funções da rede digital ou como ele diz pólos funcionais referindo-se à capacidade de composição de dados, de programas, de produção e representações visuais, transmissão, armazenamento, sons, recepção. A informação surge advinda de qualquer ponto do planeta, tornando rapidamente acessível qualquer ação; o acontecimento é atualizado a todo segundo alargando a informação de forma instantânea. A capacidade maior desse meio é abreviar e encurtar as distâncias, eliminando as fronteiras, os limites ideológicos, reconfigurando a utilização de uma linguagem universal (computadores) com o dispositivo tecnológico. A valorização tecnológica ainda é um campo de muitos debates e deve estar apoiada em um contexto, permanecendo ainda nos dias atuais um tema polêmico e complexo.

O que se procurou na Oficina de Arte Digital foram as novas formas artísticas relacionadas aos computadores e às redes, a interatividade permitida e a continuação sem limites da atividade *on-line*. A informática fornece linguagens acessíveis e de imediata compreensão. Além disso, por meio da interface digital, o campo do visível é ampliado, permitindo ao usuário uma melhor conexão com o ambiente físico e humano.

Vivemos numa rede contínua de interação histórica, física, cultural e social. O mundo se reconstrói a cada experiência vivida e não o contrário. O reconhecimento é uma das formas de compreender a plenitude da vida. A intensidade dos encontros *on-line* com os pacientes rompe a fragmentação imposta pelo tempo da internação. Uma presença virtual que se embaralha em sentimentos, laços, trocas, entrelaçamentos visíveis e verdadeiros.

Como diz Levy (2000), estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e, cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço no plano econômico, político, cultural e humano.

A abertura de um espaço de comunicação, em uma escola ou em um hospital, serve para estabelecer o respeito, em seu sentido mais profundo, pela vida. No fundo

estamos sempre falando sobre a existência e a sua delicadeza, mesmo com todo o caos, vontades, trajetões, desencontros e perenidades. Vida aqui para ser reinventada em contínuo movimento de reconstrução. As instituições, como escolas e hospitais, deveriam servir como espaço e instrumento de transformação do ser.

A dissolução dos afetos no ser introduz um afastamento, um esvaziamento e um embrutecimento das instituições diante e para com a vida. Excluir os afetos é apontar as pessoas, destituí-las de sua condição humana e transformá-las em objeto fictícios, criando personagens: o deficiente, o louco, os “anormais”, com o intuito de controle e de neutralização, como mecanismo de efetivar e exercer o poder econômico social sobre elas.

No dia-a-dia as marcas singulares representam uma necessidade de encontro das histórias de um mundo de sonhos, desejos, medos, expectativa, fantasias. Os encontros, em um hospital, acontecem sempre com uma carga de tragédia muito forte, transparecendo, sempre, a sensação da presença de “inimigos imaginários” a fim de justificar e driblar as dores que este corpo e alma vivem. A ideia de descontrole sobre a nossa existência, ativa a perda de vontade diante da vida e de conspiração diante do imprevisível. Vivemos a ilusão de que temos liberdade de escolha, apesar de a realidade nos impor, em muitos momentos o contrário: somos muito mais limitados do que gostaríamos e imaginamos. Muitas vezes, a procura da fuga da realidade leva o ser a buscar uma transcendência fantasiosa diante dos percalços que precisa enfrentar pelo corpo e pela alma.

As fatalidades da existência humana e a barbaridade de alguns fatos podem levar a uma nulidade do ser diante da vida. Ao contrário do que se pensa, negar a existência é também uma forma de refletir sobre as possibilidades de se estar aqui. O retorno ao fazer vai depender de quanto este corpo e alma têm de força para se reinventar. A curiosidade para o ser é também condição inelutável para qualquer giro na alma. O acesso ao real é o dínamo para a construção e ressignificação dos signos junto as suas possibilidades simbólicas. Construção de caminhos para criação de outros sentidos.

A verdade é que quando falamos de vida não excluimos os obstáculos que ela nos apresenta. Eles existem e não podem ser vistos e sentidos como um ponto em dissonância

com a vida. Precisamos exercitar o conceito de transformação e não de medo e horror quando este corpo e alma vivem uma dimensão não prevista para esta vida. O sentimento de ódio, pavor, incapacidade, de “se eu não tivesse” são as “armadilhas imaginárias”. Porém, estes sentimentos são comuns a todos nós. Partilhar com o paciente a sua história é também uma forma de revigorar o sentido de sua existência. Educador e paciente tecem, ao mesmo tempo, antídotos que revigoram e aprofundam o sentido da vida.

O processo criativo permite-lhes abrir a caixa de “possibilidades imaginárias” que, por meio dos sentidos e das potências, são descobertas e que são capazes de formar, transformar, reelaborar e inventar-se em outras histórias. Histórias reescritas, rearranjadas articulando o aprendizado como procedimento que provoca arrepio, excitação, bem-estar e poder. Todos esses componentes impulsionam e produzem confrontos com a convenção, com o já rotulado. Dessa forma, o processo criativo desprendido de preceitos e pré-conceitos, deverá desarrumar essa caixa imaginária, provocando tensão, mudanças; transformações.

As histórias dos pacientes ficam conhecidas durante o processo de interação e, para que o mergulho seja profundo, é necessário tempo e meios para haver troca nas relações de proximidade entre eu, tu, ele. O acesso à tecnologia revigora a lembrança de sonhos, prazeres, saudades, encontros e reencontros, potencializando-os. Assim, abre-se uma porta para a empatia e a amizade. Desta forma, o educador aliado à tecnologia, como nos diz Levy, (2000) constrói, na diversidade do tempo hospitalar, uma dinâmica de atendimento singular, crítico, dinâmico que acaba por despertar a criatividade do paciente.

As histórias, neste caso, são comparadas a carretéis de linha que se encontram e se embolam, representando o estopim para a inicialização do fazer expressivo. Ir além e se reinventar são, portanto, o que a arte promove e possibilita. Ela expressa todo um movimento para a vida em um hospital e sua função é também a de retirar o selo de perda e de estranhamento de um corpo, fisicamente, lesionado.

O estudo preconiza o valor da vida no seu sentido mais amplo - o da potência. A vida com uma participação plena preparada para uma reconstrução e criação. Vivenciar junto com uma equipe o universo hospitalar é contemplar os problemas e as dificulda-

des de manter uma atividade de arte dentro de um hospital. Rompendo paradigmas não só conseguimos criar o ateliê digital como mantê-lo com o advento das aulas *on-line*.

Transcritos do programa de conversa, os diálogos estabelecidos com os pacientes são apenas uma parte desta teia que, gradualmente, seria descoberta.

Nos primeiros encontros entre os pacientes e arte educadora, houve uma troca de relatos sobre as causas e impactos das lesões de cada um, momento em que se iniciam os primeiros e sutis laços de afetividade.

Os diálogos nascem, assim, dos esboços de pontos sensíveis que fazem surgir os universos imagéticos singulares. As propostas eram feitas à medida que o trabalho ia crescendo em intensidade e expressão. Os conteúdos foram apresentados com certa particularidade, conforme a adesão e o engajamento do paciente. A ideia de utilizar o ‘Messenger’ visou assegurar a continuidade do desenvolvimento do trabalho, antes realizado presencialmente.

Não há estabilidade quando o que está em jogo são sentimentos difusos e permanentes. A cada tentativa ele pode se ampliar ou adormecer. Uma conversa, uma letra D faz emergir a língua, a não língua, o que está por de trás dela, o que ainda não pensei e que com o outro vou refletir.

Os pacientes são apresentados à sala. Os computadores já fazem parte de suas vidas, não gerando nenhuma estranheza, mesmo para aqueles que ainda não o possuíam. O impasse em participar do ateliê, se existe, dá-se pelo temor dos pacientes, por acreditarem que, sem esse domínio motor, estariam impossibilitados de acessar os programas gráficos e, dessa forma, incapazes de se expressar com plenitude.

Outra resistência frequente refere-se à suposição de que a sua participação no ateliê depende do pré-requisito “dom artístico”. Suposição esta muitas vezes desfeita durante o contato do paciente com a atividade. A atitude buscada não é a de contemplação do fazer visual, mas a valorização da tentativa na busca de vivenciar um processo expressivo que passa pela reflexão sobre ele, sua elaboração e construção.

Quando o paciente se posiciona em frente do computador, a fim de executar os primeiros exercícios visuais, é o momento de poder observar e verificar as limitações

geradas pela lesão medular. É também aquele (momento) de traçar as formas e estratégias para a facilitação da execução de tarefas. A partir daí dispomos das adaptações existentes e possíveis na Instituição, objetivando o melhor desempenho do paciente.

O acesso ao computador talvez seja a parte mais simples. O mais desafiador para o paciente é aprender a controlar a execução mecânica do movimento, e também fazê-lo compreender a importância do movimento, mas só terá valor se ele reaprender, ao menos, a ver. Isto implica reconhecer e querer compreender o mundo sob outros ângulos, com também compreender que os sentidos (cheirar, ouvir, sentir, compreender) promovem as aberturas para as experiências. Para isto é necessário estar alerta, com os olhos abertos e ver atentamente, perscrutar, expandir e aprofundar o olhar, transformando o conteúdo. A resistência não ocorre neste caso pela perda, mas pelo desconhecimento da potencialidade do corpo lesado frente às possibilidades poéticas.

A mudança de olhar gera uma nova realidade para muitos dos participantes. Este é o papel da arte dentro de um Hospital de Reabilitação, instigar a reaprendizagem de sentir o que nos liga às coisas do mundo. É importante que haja essa compreensão de que o nosso ser precisa estar aberto ao tempo desta existência, um tempo onde não há começo, apenas diferentes momentos e realidades. O que significa que somos atores e que a integração com o universo poético sempre aponta para as nossas lacunas. Efetivamente, necessitamos do corpo para viver laços de afetos com milhares de sons, imagens, relatos e opiniões apreendidas pelas camadas interiores, externadas e modificadas sempre com o outro, pelo fazer poético.

A dimensão buscada nesse estudo se faz no nível do sensível, em que a interlocução deve estar comprometida com a certeza de que, para acessar os caminhos da criação, precisamos de tempo, curiosidade, troca e muita paixão, sem que com isto tenhamos que negar a necessidade de continuar investindo na pesquisa para estabelecer outros parâmetros de aplicabilidade da educação e da arte nos dias atuais.

A partir das observações dos pacientes durante a execução de seus trabalhos no ateliê digital, foi possível respeitar o tempo deles para fazer, desfazer, parar, salvar, atualizar seus desenhos sempre que necessário evitando que eles produzam além do que o seu corpo pudesse aguentar. A possibilidade de recomeçar está sempre aberta.

No ateliê digital optou-se por softwares já existentes no mercado. O paciente deve aprender a utilizar esses programas, pois assim ele pode acessar qualquer computador residencial, escolar ou comercial. Para cada paciente adequar-se-ia ou construir-se-ia uma adaptação para a região mais funcional de seu corpo naquele momento: perna, braço, queixo, pé ou cabeça. Quando se menciona “naquele momento” quer se dizer que, com a prática e o uso contínuo do instrumento, muitas vezes o paciente acaba explorando o corpo e tendo um domínio melhor da funcionalidade de uma outra parte do seu corpo, o que permite a utilização de novas adaptações tecnológicas, que também podem ter origem em decorrência das atualizações tecnológicas.

A apresentação de alguns programas gráficos e a sistematização de exercícios para o aprendizado estético servem para que o paciente, progressivamente reaprenda os elementos da linguagem visual e aprenda a trabalhar com ela no quadro de suas limitações físicas, incentivando-o a uma viagem por meio da experiência visual.

Se, no primeiro momento, a questão era a ausência de movimento ou o reaprender o controle do corpo, com os recursos tecnológicos rompe-se este obstáculo.

Os pacientes não apresentavam nenhum impedimento antes da lesão medular, vivenciando a “plenitude” do corpo sem sequelas. Muitos não experimentaram “fazer arte” naquelas condições; após a lesão medular este fazer exige duas novas aprendizagens: a de um novo corpo e a de uma nova linguagem de expressão.

Observa-se então que a ausência e/ou restrição de movimentos físicos não impede os processos subjetivos e criativos que necessitam de caminhos para serem materializados.

A descoberta do potencial deste novo canal de comunicação vai ampliando o autoconhecimento dos pacientes, assim como sua interação com o mundo, favorecendo o resgate da auto-estima e do desejo de expressão. Aquilo que foi revelado no decorrer da atividade já existia anteriormente, estava apenas aprisionado.

Para se desenvolver um trabalho eficaz na área da arte-educação, é necessário buscar sempre a melhor maneira de respeitar as peculiaridades de cada indivíduo. No caso dos pacientes é fundamental procurar a melhor metodologia de trabalho para que surja a vontade de participar da atividade, sem que os impedimentos motores sejam entraves à experimentação desse novo mundo.

A participação do ateliê digital está dentro da grade de atividades dos pacientes que estão em processo de reabilitação, sendo que cada participante tem o direito de fazer uma aula experimental, para depois decidir se deseja participar. Não ateliê digital atende-se sete alunos no mesmo horário.

A partir dessas observações romperam-se noções introjetadas, culturalmente, que cerceavam o processo educativo e limitavam tanto o educadora quanto o paciente na vivência desse corpo real.

Quando nos deparamos com o corpo real, finito, que se quebra, com ausência de sensação esfinteriana, tátil, pensamos sempre no outro; em algo estranho a mim mesmo que seja próximo. Isto não é no meu corpo.

Foi com essa preocupação que se procurou criar uma nova rede que enriquecesse o processo de aprendizado e aproximasse mutuamente educadores e “alunos”. Conectados por um simples correio eletrônico (MSN) ampliou-se a comunicação, respeitando as características do meio, que funciona com um labirinto. Da mesma forma, com os recursos do meio eletrônico conhecimentos foram trocados, acesso a espaços não pensados, desordenados mas interativos.

Toda a riqueza que se buscou para a atividade foi para manter um fluxo ininterrupto que alimentasse a todos os envolvidos com a educação. Muitas das questões levantadas nesta pesquisa ficaram abertas para ser pensadas e repensadas, pois somos conscientes de que este universo da arte e da tecnologia não se esgota.

Na tentativa de reabilitar pacientes que estiveram na oficina de arte digital, foram utilizados outros instrumentos e meios que possibilitaram o exercício da atividade “arte”. O material tradicional para desenvolvimento das linguagens visuais como tintas, pincéis, suportes variados tornou-se impeditivo para pacientes com maior comprometimento motor.

Inserir novos meios e instrumentos para os pacientes é uma forma de explorar a arte na contemporaneidade. O acesso ao computador transforma cultura e a arte. A internet e os *softwares* de arte permitem uma nova pesquisa sobre a educação e experimentação estética. Os computadores com novos formatos diminutos, peso e preço,

tornam-se cada vez mais parte do nosso dia a dia, quase extensões do nosso corpo. Os computadores despertam os interesses de crianças, jovens, adultos e idosos e estão presentes em muitos lares, apesar da grande exclusão digital no país.

A informação até então localizada e restrita passa a se apresentar em âmbito global, conduzindo e reconcertando espaço e tempo, onde as práticas se aceleram, encurtando tempo de distância entre os corpos. Socializamos e interagimos com o outro sem precisarmos de sua presença real física e, a qualquer momento, podemos estar conectados por meio virtual.

O ateliê digital criado pela arte-educadora se apropria deste meio, ampliando os encontros, para trocas simples e complexas do universo imagético e estético. Não é um modelo pré-fixado por não existir nenhuma literatura correspondente ao tratamento de reabilitação por meio da tecnologia em arte como é feito neste estudo. Sabedores de que a convivência pessoal-presencial é de pouca duração, aproximamos a interação com o paciente, diversificando o processo de reabilitação.

Quando da criação do ateliê digital, aproveitou-se uma estrutura tecnológica já existente no Hospital o que permitiu um novo olhar sobre o processo e reabilitação. Alguns problemas se apresentaram e foram resolvidos com a participação da equipe multidisciplinar, permitindo a continuação e a prática do ateliê.

O resultado da junção entre imagem e ferramentas digitais resultou na criação de calendários, exposições, blogs, calotas personificadas (criadas para as cadeiras de roda pelos próprios pacientes) e tantos outros objetos e peças expressivas.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, como a impressão com uma *plotter*, foram abertas outras possibilidades de apresentação dos resultados, ampliando-os de tal maneira para que se tornassem impactantes. Existem softwares que permitem que desenhos e fotografias se misturem, gerando universos interessantes. Muitos pacientes já utilizavam esta ferramenta em suas fotografias pessoais, para retocar um olho, uma sombra ou outros traços. Os novos recursos rapidamente são incorporados e alimentam os exercícios, como se viu na primeira mostra (Fig.66) de trabalhos dos alunos do ateliê digital em que se utilizou a impressão dos desenhos com uma *plotter*.



Figura 67. Primeira mostra de arte, 2005. Fotografia: Acervo Foto Imagem Sarah

A contestação a esta pesquisa poderá ser feita por educadores que desconheçam as ferramentas tecnológicas e também que não tiveram pacientes com as dificuldades apresentadas neste recorte. Para se chegar à prática atual, fez-se necessário muito estudo e pesquisa das diversas possibilidades tecnológicas na atualidade.

Estes novos meios tecnológicos, aliados à arte, apresentam para nós educadores um vasto campo de estudo, desde os jogos interativos, as salas de arte digitais, aos museus com cavernas digitais, instalações mediáticas e objetos interativos. Fascinantes meios para serem desvendados e desfrutados por todos nós. Diante deste universo evidencia-se uma investigação criteriosa e não é mais possível abdicar destes dispositivos que fazem parte de uma complexa rede social que transforma a cultura, que cria novas práticas no campo da tecnologia, da arte da reabilitação, gerando novos conhecimentos.

A revolução tecnológica, com base na informação, modifica as novas formas de se elaborar e agir, pois a comunicação se altera com a velocidade. Os primeiros meios de comunicação (televisão, rádio, imprensa...) deram partida para a era da informação e para a do digital, beneficiando todas estas mudanças na sociedade de hoje. Lucia Santaella em *Cultura e artes do pós-humano* diz que o que impressiona não é o fenômeno em si mais o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas gerando impactos psíquicos, científicos e educacionais. Ela esclarece que, mesmo em países em desenvolvimento, como o Brasil, com dificuldades para inclusão de todos nos novos meios, não consegui-

ram ficar à margem, nem fora da revolução digital. (SANTAELLA, 2004).

Nesta pulsão de novas recomposições emergem potências criativas, desfazendo por algum momento as dúvidas e incertezas diante da existência. Este encantamento que a arte digital promove leva à dimensão de que podemos nos redesenhar e nos inserirmos em novos espaços. A produção artística, localizada no território da “www”, libera a cada segundo novas produções. O alcance da rede abre novos nichos estéticos e faz emergir outras interpretações estéticas no domínio da *Net.art*¹¹. Atualmente, existe uma extensa produção na *Net.art* com artistas importantes e muito significativos. Na impossibilidade de relacionar todos eles, são citados alguns, como forma de apresentar significativas representações.

O pesquisador Lieser, em *Arte digital novos caminhos na arte* apresenta-nos, em seu livro, os primeiros artistas digitais que, progressivamente, como este espaço, foram se consolidando conforme a intensidade das transformações sociais e comunicativas, mudanças tecnológicas que acontecem pela experimentação, abordando todas as características sociais e contemporâneas, conhecido atualmente como *Net.art*. (LIESER, 2010). Um dos artistas que se dedica a analisar, de forma crítica, as grandes indústrias alimentícias é Heath Bunting (2010, p. 2010,32, 163, 164, 169, 172, 181, 184, 187) que, em uma exposição em que são apresentadas todas as folhas comestíveis e disponíveis em Bristol (Inglaterra), mostra o afastamento do ambiente natural que a industrialização provoca, ensacando os vestígios. A artista russa Oliana Lialina, (2010, p. 32, 113, 114, 116, 117, 118, 164, 184) pioneira na *Net.art*, desenvolve um trabalho com um estilo narrativo poético em seus online-newspaper interativos, em que aproveita e reproduz jornais, retocando com humor símbolos e animações.

Toda a mobilidade promovida pela rede permite revelar sempre outras proposições no campo da arte, uma cultura dinâmica em um circuito aberto. Lieser demonstra que estes novos atores vivem e se outorgam em espaços modelados pela diversidade, como nas imagens minimalistas do artista britânico Julian Opie, (2010, p. 92, 93) com suas formas simples, apoiados em criptogramas: as fotografias são reelaboradas no computador.

11 - A *net.art*, constitui um campo da arte digital, obras de arte que só se encontram na internet ou que foram concebidas e criadas para ela. Lieser, W. *Arte Digital*. China:h.f.ullmann, 2009.

Os *softwares* expandem a linguagem, diversificando-a e mesclando-a, neste universo complexo que é o meio tecnológico. Este meio age e estrutura novas possibilidades para todos os usuários. A cada clic na máquina, o usuário se apropria e estende sua linguagem, interagindo com infinitos sujeitos no ciberespaço.

Esta materialidade tecnológica abriga, de todos os cantos, comunidades que se agrupam por interesses comuns, dinâmicos e misturados, o que significa que o modo de fazer arte se altera e que os usuários surgem de qualquer canto e formação.

Esta nova geração, advinda com os meios tecnológicos digitais, vem subverter a visão pessimista de Virilio e Baudrillard (1996, 2004), na qual os meios podem deflagrar somente relações de afastamento e de desencantamento do fazer criativo. A proposta que nos move é a da manutenção dos afetos que interagem com a arte e a tecnologia, desafiando o tempo que levava o usuário a uma vontade zero. A perda de curiosidade e o esvaziamento da potência estão na representação deste sujeito contemporâneo e não nos recursos que ele utiliza. A educação, a arte e a tecnologia consideram os saberes constituídas neste “cibermundo¹²” como possibilidades de recriação deste próprio sujeito.

Para Baudrillard (2001), é difícil pensar em parâmetros ou modelos preconcebidos devido à rapidez das mudanças dos contextos de uma sociedade globalizada, em que a fragmentação é a constante. Não é possível conceber a arte sem seu conteúdo humanístico, descolado da experiência humana, pois tudo o que o homem cria, elabora e inventa é perpassado pelas incertezas da vida. Não se pode imaginar a arte se manifestando fora de uma sinuosa existência e do espanto que nos causa. Desse paradoxo resulta a capacidade criativa.

A ausência de memória provoca a perda do eu e de novas possibilidades rizomáticas criativas. Os vestígios representam os fios que nos ligam a tantas outras sintonias, mantendo-nos conectados a tantas outras histórias, numa eterna troca simbólica. É o que Rodrigo Duarte chama de uma geração de logotipos: “*A luta pelo logotipo é uma luta contra a ausência de vestígios: tanto da própria pessoa como do seu mundo circundante.*” (2001. p, 119)

12 - Segundo Lucia Santaella “o ciberespaço encarna o mundo virtual que surge das informações trocadas pelos homens na rede de comunicação”. Culturas e artes do pós-humano. São Paulo: *Culturas e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulu, 2004.

Examinar esta questão abrange compreender como se organiza uma “sociedade de controle”¹³ dos desejos, das transformações da percepção, da busca de si, do desejo de corpos anormais e normais, das mutações, da genética, da violência e das transgressões dos olhares saturados pelos séculos XX e XXI.

Somos e, ao mesmo tempo, não somos nossos olhos, não mais visualizam o esgarçamento que o tempo provoca em nossa pele e em nossos corpos. Paredes deterioradas pelo tempo, neutralizadas pelo meio, colocadas ao avesso. Somos personagens ou máscaras retocáveis, elaboradas por uma rede de programas que alteram continuamente o tempo. Nascem e morrem a cada segundo novos personagens e novas realidades atemporais.

Quando não se percebe como se dá em nós o embate ou o conflito diante dos fragmentos difusos do tempo, às vezes, proclama-se a morte do sujeito e, em outros momentos, a morte do objeto; o que se quer, de fato, a morte dos dois? O tempo dissolvido ou a falta de esperança no nosso presente, leva-nos a pensar sobre dois fenômenos: o esquecimento e a perda da memória. Aceleração, ritmos difusos, fragmentos, memórias involuntárias e trauma: é neste movimento que são geradas outras aberturas.

O romancista Marcel Proust (2001) em seu livro *Sobre a leitura* celebra os momentos que tiram o ser do cotidiano, revigorando-o e resgatando o que foi vivido na carne. Estas memórias são as janelas para o nosso espírito, janelas que despertam nossos sentidos para outros espaços, ainda não imaginados, não visitados. A leitura ou a poesia fazem romper o mundo preguiçoso. O objeto, o livro, a pintura, o filme, desafiam o nosso espírito, estimulando-nos a recuperar a nossa capacidade criativa. Saímos do mundo cotidiano e social, das normas e valores que enquadram o sujeito que aceita e se sujeita às verdades de um mundo esvaziado de sentidos particulares. O ‘outro’ é aquele que desestabiliza, que deve existir para romper as ‘falsas muletas’, apoios sociais que empobrecem o olhar e a alma.

Neste sentido, Merleau-Ponty (1994) explica que o ser tem toda uma vida pela fren-

13 - O poder, segundo Michel Foucault (2000), não existe. O que há são relações, práticas de poder, para ele materializar-se necessita de diferentes formas: como pela ciência. É necessário que passe a integrar parte do próprio ser de cada indivíduo. O dominado deve considerar natural ser subjugado, precisa acreditar que é real de fato. Por possuir essa eficácia produtiva, o poder volta-se para o corpo do indivíduo, não com a intenção de reprimi-lo, mas de adestrá-lo. No entanto, todo poder pressupõe resistência, o que representa que não está em uma pista de mão única.

te, embora os caminhos possam ser diferentes e nunca possam estar, pois nada está completamente definido. E aqui se dá o encontro apoteótico do corpo com a sua ressignificação.

É no momento da experimentação estética que nascem as dúvidas e incertezas dos pacientes. A discussão é alimentada pelas dúvidas, pelas incertezas e pela procura de um conhecimento e, ao mesmo tempo, permita a fluidez de novos conhecimentos. Os temas vão sendo naturalmente apresentados pelos desenhos ou por um comentário sobre o que seja a arte, seu valor de mercado, ou sobre um artista, ou ainda uma exposição local.

A tarefa mais difícil da arte é sondar as superfícies e ir aprofundando o desejo e a curiosidade, fazer com que a atração pela vida leve ao estético. Pela estética, viajamos pelas ideias de uma época. Os sentimentos individuais levam-nos à identificação com os demais, fundindo-nos naturalmente com o social.

Uma intensa e profunda realização para a vida se dá pelos laços e pela potência que carrega o ser para processos criativos, que desestabilize as certezas. Os signos, indiretamente carregam as emoções, por meio da expressão, ativando nossas faculdades sensitivas e assim resgatando o prazer em jogar com a imaginação. Quando nos permitimos jogar, surgindo representações que são tiradas da existência, estas sim reguladas por aparatos subjetivos que direcionam as representações objetivas, com as quais é possível a vida existir.

A arte, enquanto fenômeno, ativa todas as faculdades simpáticas (homeostase), ampliando, renovando e conduzindo para a renovação da vida. Conseguir usar a emoção para representar imagens visuais, auditivas, táteis ou olfativas é acender todo corpo para a própria vida. Quando escutamos uma música, ela pode despertar aromas, sensações e conduzir nossa consciência para o estético e para a amplitude da vida. Para que isto aconteça nossa consciência tem que estar completamente submersa na melodia, na harmonia, pulsando. O corpo e a alma por inteiro experimentando os aspectos únicos da obra.

A perplexidade diante do tempo tem se tornado, para a nossa sociedade um reflexo do que as duas grandes guerras Mundiais e as guerras atuais fizeram com a natureza e os indivíduos. Veja o que acontece na mente de quem só assiste, pelos meios de comunicação, aos fatos narrados por “grandes autômatos da oratória televisiva”. Todas as cenas, mesmo que repetidas por vários canais de televisão, logo se apagam da

memória. A consciência dos fatos some e torna-se uma síndrome lentamente esvaziada, não fixando o sentido deles, a história que vivemos; são como degraus de escadas rolantes a história dos homens, mulheres e crianças ocidentais. Tudo se torna corriqueiro, mesmo os temas fortes da vida, como as cenas de guerra e de catástrofes que se misturam aos programas de ensinamento mercadológicos. Costura-se um leitão para a Páscoa, ao mesmo tempo em que se costura um nariz para a estética do momento.

Os meios técnicos de produção provocam uma uniformização, gerando a cada passo uma pseudo-evolução técnica, um empobrecimento dos materiais estéticos e do conteúdo das expressões. Neste sentido, compreender os efeitos da indústria da cultura, algumas vezes devastadores, sobre os indivíduos e suas comunidades, talvez permita entender o processo de afastamento do fazer, do transformar e do reproduzir suas próprias expressões. Modelando todos, tornando-os espectadores com a ilusão de participarem de uma história esvaziada de seus significados a indústria da comunicação promete, ou melhor, vende a ilusão de uma maior participação na vida cultural e o sentimento de estar conectado com o mundo, que foi além das fronteiras do seu bairro e da sua cidade, que foi mais longe do que se poderia imaginar ou desejar.

A cultura destituída das suas origens, privada da sua reinvenção diária no fazer das comunidades, esvazia-se e, por sua vez, os signos se uniformizam e produzem efeitos efêmeros e até artificiais. Dessa forma surge o sujeito sem direito a um tempo do qual a sua sensibilidade possa decifrar o mundo mágico. O objeto, a obra e a expressão não têm lugar na memória, nem na história do processo civilizatório. É o novo agora, velho daqui a pouco, perde o seu valor afetivo e só mantém o de revenda.

Segundo Jean Baudrillard (2001), com as tecnologias digitais, está se vivendo uma retribalização, o que significa uma mera circulação de informações, em que o “cibermundo” em tempo real leva o usuário a uma vontade zero. Perde-se assim a curiosidade e a consciência como percepção fundamental e como fenômeno que nos comunica a necessidade de existir. Com esta visão pessimista sobre o mundo da cibercultura, Virilio e Baudrillard (1996, 2001), antes de constituírem os novos meios como mais uma possibilidade, deflagram os perigos a que hoje estamos expostos. Estes dois teóricos alertam para a maneira como o meio estimula a

informação pela informação e o perigo do que fazer com este excesso de informações.

A compreensão do poder da tecnologia e da forma como ela invade o nosso tempo, fazendo romper os limites do espaço físico, interessa-nos para rever a visão caótica do ser que se sujeita passivamente à mídia. Neste ponto, aderiu-se à visão de Paul Virilio (1996) que vê a tecnologia suscitando uma superindividualização do sujeito e a mediação pela tecnologia reforçando uma padronização e uma dinâmica de substituição da experiência concreta, fazendo-nos sentir que a mediação tecnológica em si é causadora dos males que sofrem as cidades, as escolas e todas as instituições. A questão das padronizações das solidões assistidas, dos conteúdos “enlatados” agregados à globalização desvia a atenção da necessidade do domínio dos processos e o do esvaziamento de um aprendizado que potencialize o ser criativo e transformador.

A mudança das tradições transmitidas pelas gerações anteriores perde-se nos tempos atuais na fluidez das coisas da nossa sociedade, causa e desperta o olhar perplexo do afastamento das pessoas com o fazer e com a perda da curiosidade diante do universo virtual, real, criativo e subjetivo.

O espírito da filosofia cartesiana da dúvida e da desconfiança provocou uma insegurança nos conceitos advindos da tradição. A ciência da modernidade tornou-se ativa em descortinar o conhecer, em contraponto com a tradição de perceber o mundo inativo e contemplativo. As coisas já não podem ser sustentadas só pelo que parecem ser. A fé incondicional em um Deus como verdade mudou. A ciência tornou-se ativa, modificou-se a cada hipótese de trabalho, e estes resultados só são válidos se, de fato, funcionarem. O que significa que o conhecimento humano e seus artefatos prescrevem e sua validade depende de uma sociedade sempre, sempre em mutação.

Evidentemente que corpo e ciência estão hoje prisioneiros de um conhecimento que tem que nutrir a economia. Saber e poder mobilizam, controlam e modificam o conceito de vida. A imagem do corpo e o seu funcionamento começam a se alterar com as novas invenções produzidas nos modernos ateliês: relógios, fontes, pistões e outros. A física hidráulica aprimora o seu campo e altera, igualmente, a noção de corpo real. Estas mudanças modificam a imagem deste mesmo corpo e não há como não haver mudanças

na estrutura sem haver mudanças subjetivas. Como somos seres culturais, altera-se para nós, ao longo do tempo, a noção de corpo. Com a evolução do conhecimento humano, tornamo-nos geneticamente sociais, com características específicas. A mente humana elabora, para cada objeto, sua representação, fazendo surgir assim um signo, nascido da necessidade de compartilhamento de comunicação. Todo o nosso desenvolvimento intelectual depende de um corpo com capacidades e de um eterno entrelaçamento com o social.

4.4 Arte e Novos Paradigmas

Do século XIX para o XX houve muitas transformações sociais, culturais e econômicas e, nas artes, ocorreram algumas mudanças radicais. Essas mudanças retomaram o tema da existência humana e a função da arte na atualidade, fazendo retornar os debates calorosos entre artistas, críticos, filósofos e sociólogos.

Quando se debruça sobre a obra de Pablo Picasso, percebe-se o longo trajeto do artista: dos temas literários à quebra do tema, do impressionismo ao cubismo, daí para abstração geométrica, à procura de novos sentidos para a realidade. A cada tentativa de romper ou responder algumas perguntas sobre o papel da linguagem ou sobre sua verdadeira função, sua essência e aparência, significado ou autodestruição, acaba-se voltando à pergunta inicial: “a arte é meio?”

Como querer que um espectador viva o meu quadro como eu o vivi? Um quadro me vem de longe; quem pode dizer de quão longe ele veio, como o adivinhei, como o vi, como o fiz? [...] Como penetrar nos meus sonhos, nos meus instintos, nos meus desejos, nos meus pensamentos, que levaram tanto tempo para amadurecer e vir à luz, e principalmente como apreender o que coloquei neles, talvez contra minha própria vontade (in CHIPP, 1999, p. 276)?

Gullar (2006) aborda um tema muito recorrente no meio artístico: a desintegração da linguagem plástica e a banalização do instrumento de expressão do artista. Ele constata que este fenômeno de menosprezo pelos instrumentos de expressão fez com que os artistas tivessem que trabalhar com o mundo objetivo. Assim ele se vê diante de matéria bruta; terra, pedra, água e as tentativas de transformá-las em linguagem. É nesta profusão de tentativas solitárias que muitos artistas se aliam ao discurso para melhor explicitar sua obra. O crítico (curador) e o artista passam a ser

irmãos siameses, estabelecendo uma aliança. Muitas vezes o artista se transforma em teórico e o crítico em artista. Para Gullar, isto gera uma crescente confusão no terreno dos conceitos sobre arte. De acordo com ele, *“Como a linguagem da arte foi desintegrada, um conceito duvidoso de ‘liberdade criadora’ se sobrepõe à realização objetiva dessa liberdade, que é a obra”*. (2006, p. 77)

Há dúvidas sobre o que sejam os trajetos da arte na atualidade. O sistema de produção de bens transforma em mercadoria qualquer valor de cultura. Tudo nesta indústria é fugaz, transformando-se em mais uma opção para o entretenimento. Pessoas entre afoitas, os olhares sedentos e insaciáveis por mais novidades. A arte vive este dilema: o de perder o seu próprio significado, preservando falsos vestígios. A destruição ou falência do ser criativo ocasiona a perda da curiosidade em experimentar o desconhecido, em ousar. Faz-se necessário romper com a falsa sensação de segurança vivida nesse momento de acomodação, sobretudo, a acomodação em corpos massificados. Quando se reflete sobre as contradições e sujeições, na atualidade, aos bens supérfluos, não significa ir de encontro aos afoitos, que insistem em proclamar a morte da arte. Para o crítico Ronaldo Brito no livro *Experiência crítica*, é importante não confundir: *“A transformação da linguagem não é reflexo das lutas sociais é ela própria uma luta dentro da ordem simbólica”* (2005, p. 87).

A contradição instaurada no circuito da arte é abordada nas aulas on-line e é vista por Renan como um conflito com o qual ele percebe que o fazer e a reflexão são reduzidos à condição de mercadoria. O termo pós-moderno, para o paciente, carrega o sentido do esvaziamento do fazer arte e menospreza o motivo pelo qual ele vivencia o processo expressivo. Os pressupostos presentes na arte contemporânea acabam por provocar uma desconfiança e uma confusão no paciente, porque a destituição do objeto gera um conflito que já estava codificado e estabelecido como características das artes plásticas, provocando em alguns momentos, no caso de Renan, uma resistência e, até mesmo, uma dificuldade em estender conceitos ou outras formas de janelas.

As reflexões de Renan são complexas, mas já demonstram uma transformação do paciente diante da sua prática; até pouco tempo, ele ou qualquer um de nós, precisa-

ria de ferramentas físicas para poder desenhar. Incorporou-se, sem dificuldade, os computadores, tablets, os programas, a rede de informação e tudo de novo gerado por este meio. A linguagem neste meio, ainda em constante construção, não se vê presa a perfis rígidos: o artista, o aluno, o paciente e todos os outros usuários podem se revelar no novo sujeito que nasce por este meio e constituem aspectos importantes para se estudar.

A linguagem se vê dentro de uma trama híbrida, ligada ao seu passado, mas com força própria. Todos os participantes desta complexa estrutura, em que a mensagem age no sistema, produzindo novos sentidos pela prática conectada na comunicação por redes, estão em constante mudança. É o próprio sujeito que se torna múltiplo, fragmentado sempre em processo, confabulando sempre projetos novos.

Um desenho pode ter transformado o fundo ou o traço em um clicar; o mesmo pode ser projetado em 3D ou em laser ou com uma *plotter*. Estabelece-se em segundos a dimensão na hora da reprodução. Um exemplo disto é o desenho que Renan faz para o artista Athos Bulcão, de uma fotografia tirada por ele mesmo, como se vê nesta prancha que segue abaixo (Figura 68).

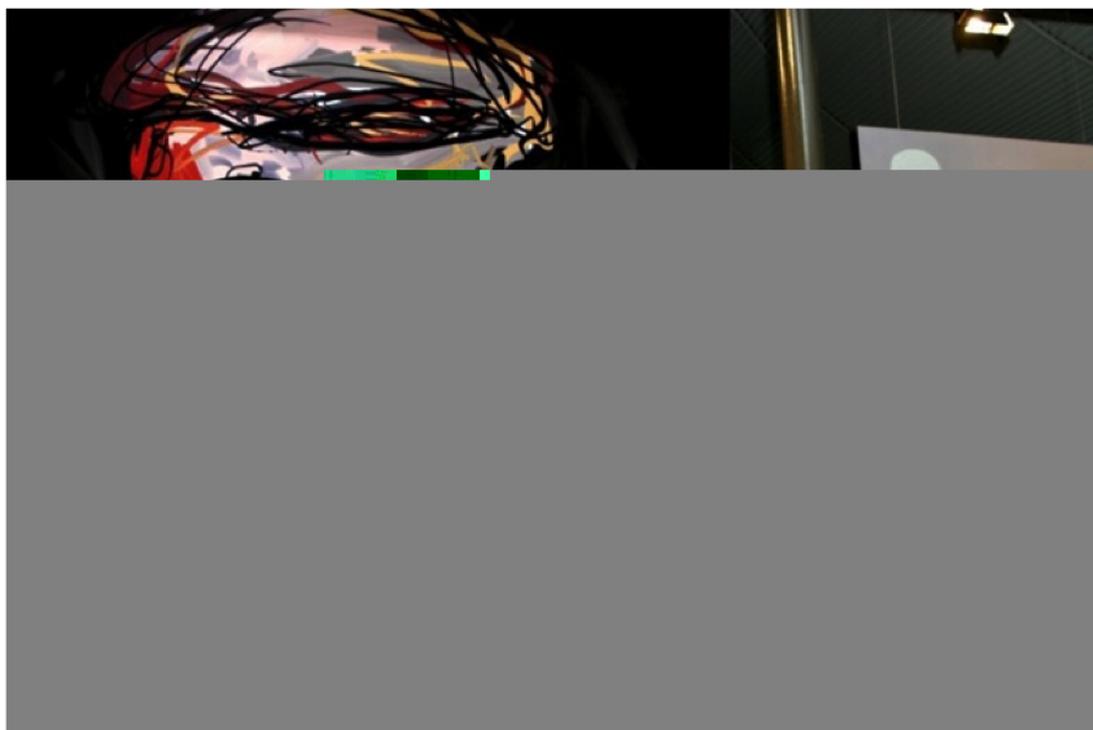


Figura 68. Homenagem ao artista plástico Athos Bulcão, 2006.

O desenho do aluno Renan Prestes - uma homenagem ao artista plástico Athos Bulcão, que se encontra em frente da obra (o artista Athos Bulcão morreu no dia 31 de julho de 2008).

As misturas dos universos são uma característica do meio. O ateliê integra o que não era possível antes da digitalização. O paciente pode iniciar pintando com uma pena de nanquim, depois digitalizar ou fotografar, incluir texto com programas especializados, apresentando a convergência e o desenvolvimento da multimídia, representando a fusão de vários campos do saber tradicional.

Neste hibridismo de linguagens, o ateliê vem confirmar a importância das identidades singulares, reconfiguradas pelos meios tecnológicos e responsáveis por uma ordem simbólica nova. Esta pesquisa está centrada na discussão de que o enfoque deve ser marcado na perspectiva dialógica, em novas significações são produzidas, orientando uma prática que explora o cotidiano. Quando se fala em significação, referimo-nos ao que é gerado pela cultura e que, muitas vezes, está impregnado de “crendices” sobre as possibilidades do corpo. Falar em dialogismo é dizer que o discurso está submetido e impregnado com o jogo do poder, por isso sua dimensão política. Esta dimensão das vozes que circulam dentro deste espaço, como em uma escola de um hospital, muitas vezes, impede os alunos, os pacientes de dizerem o que querem, quando querem e como gostariam. Para Bakhtin (1998), o estilo é definido dialogicamente, ele não é do sujeito, ele é de todos, pois nasce pelas relações dialógicas. Ele revela o lado direito e o avesso. O estilo é um componente do gênero que está dentro do gênero, podendo surgir os estilos que fazem nascer o sentido de personalidade. Para Bakhtin, “é o mundo no qual se orienta o ato sobre a base de sua participação singular do ser”. (2003, p.84) Avança-se um pouco mais sobre o que seja o dialogismo, para ampliar e mostrar o percurso traçado pelos três estudos de caso, ampliando sua significação. Esse eterno retorno tende a promover novas ideias sobre o objeto da pesquisa.

4.5 Corpo e afeto

A validade desta pesquisa insere-se no contexto do ato do movimento criativo. Tanto a parte teórica quanto a prática têm como unidade o processo criativo.

Amplia-se agora a ação para o ato que assume um pensamento ou uma prática responsável e assinada. No ato, o paciente se revela, arriscando-se a construir e fazer nascer outro universo, no ato único de se recriar descobrindo sua responsabilidade

no ato de criar. Viver esse processo é sempre uma significação em busca de um equilíbrio do sujeito que se revela. O paciente passa a assinar o que ele reconhece como verdade, pois ele a reconhece como sendo ele.

Assinar representa legitimar o meu pensamento naquilo que somente eu penso e posso viver. Esta inscrição é o que se quer, enquanto educadores, atestado nesta pesquisa, quando se relembra o processo experimentado pelo paciente, no momento em que se apropria do seu contexto e o transforma em poesia.

O ateliê aprofunda o paciente-autor com sua voz, reconhecendo o seu conhecimento como sendo a mola para a sua existência. O ato do autor produz sentido e não existe motivo nem justificativa para recalcar as possibilidades que advêm dessa personalidade. Não há de ter consciência deste ato, mas é preciso vivenciá-lo. Esta relação vale para contextualizar que o correio eletrônico aproxima o afeto, como ligação com o fazer, negando a passividade como ato de viver.

Enfatiza-se, pois, a importância do sujeito no processo de crescimento e da sua descoberta, que só é integral se, de fato, for absorvida de forma significativa. O papel do educador é orientar e potencializar, no paciente, a consciência e a importância de viver esta experiência expressiva. Nós, educadores, temos consciência de que vamos encontrar preconceitos de formação que dificultam o processo e o mergulho profundo na espontaneidade. Estes limites pessoais são muito mais trabalhosos do que as limitações físicas, pois muitas vezes são veladas e não são externadas pelo paciente.

Quando o paciente rompe sua rigidez ou preconceito, tem-se a abertura necessária para se iniciar um saboroso trabalho.

Para o dialogismo, o conceito de subjetividade está sempre relacionado a um conjunto de relações sociais de que participa o indivíduo. Nós, enquanto sujeitos, não somos totalmente autônomos e individualizados; o outro sempre se constitui em uma relação significando que o dialogismo tem como natureza o modo real da linguagem, que constitui o próprio modo da linguagem.

As conclusões e dúvidas esboçadas pelos pacientes permitem uma reflexão de como a arte é um meio que promove prazer, potencializando emoções muitas vezes difusas.

A simples aparência das coisas não é o que o move o ato da criação. Romper passa pela compreensão de um caminho crítico sem modismo. Alguns limites estéticos acabam sendo apoiados pelo gosto¹⁴ e por isso esquece-se de que a linguagem é uma construção simbólica. Pensar com a linguagem para ir além dela mesma é, muitas vezes, penoso, pois deparamo-nos com os limites das regras e com nossos próprios limites.

O espectador ou o usuário é preso pelo lado sensível da obra e não por sua história. Há uma interseção entre usuário e espectador que está incrustada nos contextos culturais, históricos, políticos, sociais e interpessoais. É neste contexto que mente e memória se materializam e os signos representam a convergência, complementando as intenções. A noção de signos, inventados socialmente como instrumentos do pensamento, foi retirada de Vygotski (1962). As palavras apreendidas por uma linguagem, chegam por meio de regras que acaba-se por aprender na prática discursiva. Uma vez que este ciclo acontece por meio da ação, a regra vai manifestar o significado da ação.

A experiência de apreensão, comum a todos, permite afirmar que a qualidade da obra não se prende a uma época e nem ao fato dela carregar o humano do seu autor, mas ao fato de ela sempre abrir novas possibilidades aos sentimentos vividos e reinventados a cada nova leitura e em cada novo leitor/espectador. Atrever-se a um diálogo com o autor é evocar sentimentos humanos particularizados. Não se pode confundir o poder da linguagem com o motivo de sua existência. A necessidade do desejo de comunicação move-se para além da língua e é com ele que se abre e se constrói sentimentos além do código da linguagem. A experiência criativa e estética transforma e confronta também o nosso mundo, abrindo novos espaços.

Agora podemos ir ao encontro do filósofo Walter Benjamin (1975), quando ele esclarece que os caminhos que cruzamos não devem ser entendidos como um acaso, pois sempre carregam um vestígio. Ele reconduz o termo expressão e mimesis não a uma imitação da natureza, mas como algo inerente ao querer, como processo que implode, sempre deixando impregnado o passado no presente. Os conteúdos expressivos de uma obra sempre envolvem o universo subjetivo, só que, para isto se tornar comuni-

14 - A definição de apreensão estética e o conceito de gosto são encontrados na discussão epistemológica na estética crítica Kantiana. Revista sociedade Kant Brasileira. Rio de Janeiro; Ricardo Terra Universidade de São Paulo, 2001.

cação para o outro, é necessária uma articulação objetiva, levando a obra a interagir, o que não significa que a objetivação reduza o seu conteúdo expressivo.

O grau de realização artística passa por critérios da linguagem ou carrega em sua estrutura a necessidade de adequação para cada realização singular, possibilitando assim uma análise da forma e do conteúdo de uma expressão. Estas mudanças que acontecem na percepção e no sentir face a uma obra de arte fazem surgir uma nova maneira de se perceber a arte. As transformações sociais podem indicar as causas das mudanças, ressaltando desta forma como o sujeito se relaciona com o objeto.

4.6 O retorno à oficina de arte digital

No livro *Artes plásticas no século XX*, Maria Lucia Bueno (1999) mostra-nos que, com o crescimento e o progresso econômico, o mercado de arte se amplia. No plano comercial, a arte se ajusta a este mundo dos produtos comerciais e industriais. Muitos artistas se mostram atraídos pela nova realidade, consolidada a partir de 1939 na sociedade de cultura de massa norte-americana. Surge neste período uma tendência: a desterritorialização no modernismo, em que as fronteiras foram se dissolvendo, concretizando o universo da globalização, sendo, em geral, as viagens destinadas à busca de outras fronteiras, de outras identidades, de outras possibilidades de viver no mundo. A arte moderna está ligada ao conceito de cultura de massa e ao desenvolvimento tecnológico.

No livro *Mil Platôs*, Gilles Deleuze e Félix Guattari reforçam esta tendência quando afirmam:

Código e territorialidades, descodificações e desterritorialização não se correspondem termo a termo: ao contrário, um código pode ser de desterritorialização, uma reterritorialização pode ser de descodificação. Há grandes lacunas entre um código e uma territorialidade (1995, p.70).

Paralelamente a estas mudanças, rompe-se a certeza de que a realidade exterior não é capaz de abarcar toda a complexidade da realidade interior. Os limites estabelecidos por alguns pensadores entre sujeito e corpo¹⁵, em que o corpo é um pedaço de matéria, um feixe de mecanismo, é alterado na virada do século, onde se dá o aprofundamento do corpo animado.

15 - Foi nesta época que Sigmund Freud iniciou os primeiros estudos sobre o inconsciente. O inconsciente fala por meio do corpo, o que leva a um aprofundamento da imagem do corpo na formação do sujeito, daquilo que virá a ser o "eu-pele". (Courtine, 2008, p. 08)

No momento desta transitoriedade do mundo contemporâneo, Renan começa a ampliar e re-alimentar-se de outros repertórios. Vai ao encontro dos sociólogos que irão desvelar e retroalimentar sua busca de aprofundamento de conceitos do seu repertório sobre o fazer e o construir poeticamente. Neste movimento, ele consegue motivar as aulas on-line, provocando uma vontade, na educadora, em buscar também, nesta literatura, outros cruzamentos.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989) acrescenta a essas mudanças ocorridas um novo conceito de convenção de qualidade que emerge no novo mundo, a originalidade compreendida no sentido mais amplo: o da autenticidade e da inovação. A pintura tem o papel de afirmar a singularidade e a particularidade, diferenciando-se assim da fotografia. O princípio que separa fotografia da pintura é aquele em que a pintura é única, não podendo ser reproduzida e que permite a liberdade de composição. Estes dois pressupostos passaram a constituir fundamentos econômicos de mensuração da obra de arte no mercado. O valor da obra não acontece sem a concretização do artista que a faz, do gênio. Para Bourdieu (2005) é o comércio de coisas que não têm comércio.

Breno procurou conteúdos diferentes, mergulhando na fronteira entre desenho e fotografia percebendo que a cópia de uma foto empobrece sua expressão, refletindo assim nas possibilidades de como aliar fotografia e desenho, respeitando suas particularidades. Criar estados complexos de sentimentos sem que pareçam apenas uma cópia fiel de um objeto, destituído de sentimento, é necessária uma personalidade para se desenhar verdadeiramente. Breno compreende que não é possível ter controle de todas as etapas no ato da criação. Ele percebe que, quando abusa do recurso fotográfico em seu desenho, esvazia a sua força simbólica; o objeto da criação não pode ser tratado como uma mera habilidade mecânica. A apreensão da realidade deve somar-se à expressão, amplificando as emoções. Os desenhos criados são simbólicos e, ao mesmo tempo, reais. O fazer mecânico não evoca afeição nem emoção, por isso a criação crava a singularidade.

Levando em consideração as novas possibilidades dos *softwares*, Pedro segue na fronteira do cartunista, desenhista, ilustrador, misturando som, movimento e

imagem. Ele desloca os seus primeiros trabalhos e cria histórias, aprofundando o conhecimento produzido, inicialmente, pelo universo bidimensional, expande e absorve novos programas, onde incorpora o movimento em seu trabalho.

No entanto fazer com que o paciente se interesse pela descoberta de outro meio de expressão é o ponto importante nesta parte da pesquisa: estabelecer a natureza das mudanças que se manifestam nas reflexões dos pacientes, ultrapassando o motivo que os levou ao hospital, que eles mesmos não imaginavam transpor. O ateliê digital, combinado com o correio eletrônico, produziu um resultado que revigorou o entrelaçamento pessoal e reflexivo. A arte busca estender os limites que vão contribuir para produzir resultados que, muitas vezes, não podem ser traduzidos ou simplesmente mapeados por uma máquina.

O ateliê digital expande o movimento pelo maquinário tecnológico, melhorando o êxito do organismo em procurar mecanismos para expandir tanto o desenvolvimento refinado do movimento, como incluir neste corpo o que Damásio elucida em seu livro *E o cérebro criou o homem* (2011, p.72) “A evolução de uma política de respostas capaz de levar organismos a um estado homeostático não é menos espetacular”. A luta pela vida.

Espera-se ter mostrado, nesta discussão, uma unidade entre cérebro, mente e corpo que sempre necessita de incentivos, ainda mais vivendo um desequilíbrio intenso como o ocasionado por uma lesão medular. O ateliê digital propiciou a experiência pelo prazer, resgatando mecanismos que já estavam contidos no próprio corpo.

O problema encontrado em criar um ambiente propício à poesia não segue o paradigma biomédico, que convencionou a saúde e bem estar do corpo ao seu funcionamento orgânico, esquecendo que o tempo de reabilitação não deve estar preso ao quadro clínico. Ter uma visão global do paciente passa pela compreensão da amplitude que, nós profissionais, temos sobre corpo e mente. A interação dessas áreas, ainda hoje, apresenta certa dificuldade de interação, apoiada em falsas hierarquias (médico, enfermeiro, fisioterapeuta, psicólogo...), dificultando a noção de saúde dentro do corpo hospitalar. A interação com todas as áreas exige de todos nós um esforço para quebra dos muros pessoais, presos, muitas vezes, a convenções.

O Hospital Sarah agrupa todos os profissionais, compreendendo a extensão do significado vida, cabendo a todos eles encontrar um equilíbrio para empenhar a força de trabalho para todos os indivíduos que necessitam de reabilitação. Para que haja uma interação verdadeira entre as áreas de atuação, há que aprender a respeitar as diferentes possibilidades para que a diversidade contribui de maneira eficaz. O conhecimento teórico-prático do ateliê digital cunha a construção do conhecimento e o diálogo para ampliá-los e capacitar o retorno do paciente ao seu cotidiano. A linha teórica que seguimos, como arte-educadores, no Hospital Sarah tem o enfoque de não estar preso à doença; a arte se encontra dentro de um hospital, mas poderia estar dentro de um museu ou de uma escola; a atitude de considerá-la como uma abordagem terapêutica é aqui um engano elitista, de afastamento da arte na vida dos sujeitos. Um hospital deve ser também um espaço de co-existência da poesia, de um ato político e sócio-cultural, em prol da educação e da inclusão.

Iniciou-se este estudo pela reflexão sobre o corpo, sobre sua finitude, para depois, no decorrer dos capítulos, ir se costurando a criação do ateliê, levando o leitor, a primeira vista, a pensar que o trabalho buscava somente uma discussão sobre o processo de reabilitação. O motivo de não se iniciar a pesquisa pelo ateliê digital se deu porque a construção do conhecimento “corpo metade” aconteceu na prática da atividade de artes, nas enfermarias, o que representou reconhecer o profundo desconhecimento e incertezas da educadora do universo hospitalar.

Compreender o universo traçado nesta pesquisa requereu ir em busca da trajetória da mudança sofrida pelo corpo e as pelas complexas significações deste corpo e seu potencial aliado como o computador, redes de comunicação e arte. Não se pode negar que a alteração do molde tradicional do ateliê para o digital só foram possíveis pelas novas condições impressas pela cultura digital. Estes meios antecipam o futuro do próprio corpo e de como ele pode se relacionar com o mundo.

O ateliê digital contempla conhecimento, procedimentos e demandas, respeitando sempre o contexto em que cada paciente vive. A introdução deste meio para reabilitação só se configurou quando, de fato, foram estilhaçados muitos enganos de formação sobre as modificações extremas a que o corpo está sujeito a viver e a sofrer.

O “tronco cerebral” desta pesquisa começa pelo aprofundamento sobre o fenômeno corpo e alma, para assim relacionar o paciente com uma prática que o atingisse, com amplitude, os desejos perseguidos por eles. Apesar de hoje já ocorrer a familiaridade com os componentes eletrônicos, celulares, computadores, internet sabe-se, também, que todo este compartilhamento carrega a intensidade consciente ou inconsciente dos seres humanos que com eles se relacionarem.

O mundo real expandido pelo virtual possibilita, atualmente englobar uma extensão e amplitude do movimento. Jogos interativos que capturam movimentos do corpo acompanham o movimento do jogador na tela, por meio de sensores de capacitação de movimento. Os últimos lançamentos do mercado apresentam jogos que não mais utilizam controles e passam a utilizar o corpo inteiro: braço, perna, dedos reconhecendo também a voz. O movimento do corpo é capturado por um sensor de movimento, podendo o usuário controlar, capturar e desencadear uma ação com o movimento corporal. Os sensores, antes utilizados nos laboratórios de movimento, servem também para mapear os movimentos faciais para os jogos, permitindo criar personagens ou recriá-los, virtualmente, à sua própria semelhança. Para nós, profissionais que trabalhamos com pacientes com diferentes possibilidades funcionais, os avanços tecnológicos permitem que todos participem da atividade, pois se só restou ao corpo do paciente o movimento ocular, e é com ele que, aliado aos instrumentos da tecnologia, o paciente vai interagir com todos e com tudo.

Os nossos computadores particulares já podem ser acionados por meio do reconhecimento de voz, desligados e ligados por meio de uma frequência melódica, sem mais necessidade de microfones. Pode-se andar em uma bicicleta digitalizada, colocando nossa imagem virtual em três dimensões. Todas estas possibilidades tecnológicas reinscrevem, em pouco tempo, uma mudança no constructo do corpo e na sua extensão, alterando a regulação da vida que se dá ainda pelo contexto sócio-cultural. A revolução pelo universo digital não é mais uma alternativa, ela é uma realidade.

A utilização das mesas digitais no ateliê é uma resposta ainda tímida dos futuros avanços tecnológicos; logo se estará utilizando no ateliê digital o corpo inteiro

para uma maior dimensão e amplitude expressiva deste. Administrar estas novas e possíveis transformações é reconhecer a contribuição e esforços de cada profissional na produção de melhores resultados. O estranhamento em face deste tema representa somente o afastamento ainda das áreas de conhecimento, em que a distância se constitui em um viés da nossa frágil e ilusória ligação com o mundo que nos rodeia. O nosso corpo é um conjunto integrado não muito diferente da sociedade em que vivemos; sem cooperação e troca não haverá avanços enquanto seres humanos.

A arte, a ciência e a filosofia não são objetos do corpo, elas são o próprio corpo que se abre e se ocupa dos espaços criativos mantidos efetivamente na alma da sociedade.

Ao longo deste estudo sentiu-se a necessidade de lembrar que, somente esses espaços não serão suficientes para que aconteça uma conexão entre o que a obra e/ou a experiência estética podem provocar entre ser e o próprio ser. Porque se não houver uma dimensão afetiva (conflitante ou harmônica), o espaço continuará sendo um espaço desprovido de sentido, para deleite compulsivo dos grandes rebanhos cegos, ávidos por mais uma opção de diversão. A experiência estética surge da necessidade de se viver, evitando a perda da personalidade e, a cada momento, tentando construir, elaborar e, principalmente, comunicar-se poeticamente. A apreensão e a compreensão do fenômeno é que gera o conhecimento, que só acontece quando se acessa a imaginação e encontramos-nos num processo de elaboração de sentidos.

O conflito que se presencia hoje é o da busca pelo equilíbrio, visando reverter o efeito do esvaziamento dos sentidos criativos, deixando-nos embriagados pelo que já foi feito. Repetem-se velhos e novos clichês, como fórmula de aceitação da nossa incapacidade e do nosso enfraquecimento, como seres comunicantes mas com possibilidades singulares. O esvaziamento dos sentidos viola e empobrece o nosso ser, obstruindo a capacidade de comunicabilidade. Somos sujeitos de ação, com necessidade de expressão e estamos vivendo uma atualidade na qual existe uma inadequação do ser. Negamos a nossa experiência quando nos tornamos somente espectadores.

A visão de afastamento do fazer só acontece, quando rebaixamos os meios simbólicos, deixando de elaborar novos significados, reduzindo a nossa própria potencialidade.

Supor que o mal advém dos meios tecnológicos, é eliminar os indícios do afastamento de uma sociedade globalizada que eclipsa a experiência da vida. O uso que se faz da tecnologia, atualmente, reflete as contradições e os conflitos humanos, os parâmetros cerceadores e modelos individualizantes estão no próprio corpo da sociedade. Os sujeitos são capazes de estimular e aprofundar a imagem do corpo pela arte, pela tecnologia e pela ciência.

Mesmo sabedores que se tem, ainda, um longo caminho a percorrer para incluir os excluídos do mundo virtual, a relação de mudança apresentada pelos três estudos de caso revelam a magnitude do espaço do ateliê para todos que trabalham com reabilitação. A profunda necessidade de comunicação, aliada ao prazer e aos afetos, traduz os resultados e o engajamento destes três jovens, o deslocamento entre movimento, coordenação e aprendizado para uma ação geradora de potências expressivas.

Os reflexos da criação do ateliê são cunhados pelo engajamento destes e de todos os outros participantes, quando eles incluem seus nomes no correio eletrônico. Este universo, até então distante para a maior parte dos pacientes, é apresentado com uma oferta de possibilidades: música, som, fotografia, vídeo, impressão sempre de forma interativa.

A idéia de um lugar que agrupasse e desenvolvesse o potencial destes pacientes de forma singela, vislumbrou novas aberturas para o trabalho de arte-educação dentro do hospital, incorporando os avanços do meio tecnológicos no dia a dia do paciente como já foi dito anteriormente. No entanto, como toda iniciativa nova, foi necessária a apresentação, com maior clareza, para equipe de reabilitação este embrião; assim, em 2006, reunimos uma série de trabalhos produzidos pelos pacientes no ateliê digital e, com o apoio da comunicação visual, equipe de design, dos arquitetos e da bioengenharia realizamos uma exposição. Esta mostra tinha o propósito de apresentar, esclarecer e oportunizar o encontro criativo destes pacientes, dos visitantes e dos familiares com o ateliê digital.

Foi construído um espaço de aproximadamente duzentos metros quadrados, num formato de labirinto em que todos que entrassem (nesse espaço todo ele composto de carpetes e cortinas pretas) veriam primeiro os trabalhos realizados com aquarela e acrílica, seguindo os métodos tradicionais; caminhando um pouco mais

entrariam em um espaço com grandes desenhos plottados e produzidos no computador com os softwares disponibilizados pelo ateliê. Os visitantes, os pacientes, os acompanhantes e funcionários iam, paulatinamente, entrando em uma sala com tentáculos muito diferentes dos das enfermarias, onde o trato com a doença é, muitas vezes a, orientação do dia a dia do trabalho.

No final deste labirinto, os participantes se viam diante de um pequeno espaço com projeção de um vídeo em que cada um dos pacientes narrava o seu processo criativo e a importância do ateliê digital no processo de reabilitação.

As obras da exposição “Obstáculo Zero” foram incorporados ao acervo permanente, exposto no *hall* de entrada do Hospital Sarah Lago Norte. Para melhor ilustrar a exposição citada acima, segue abaixo algumas fotos do evento. (fig.68 a 73)

Neste contexto de exploração de novas possibilidades, os pacientes hoje fazem uso das tecnologias digitais, de forma a criar, sem minimizar o que os afetou (lesão medular), apostando que o corpo e alma inserem na vida o que de fato faz pulsar. O poder de associar todos estes meios abre para uma trajetória para levar o ser singular às transformações criativas e expressivas.

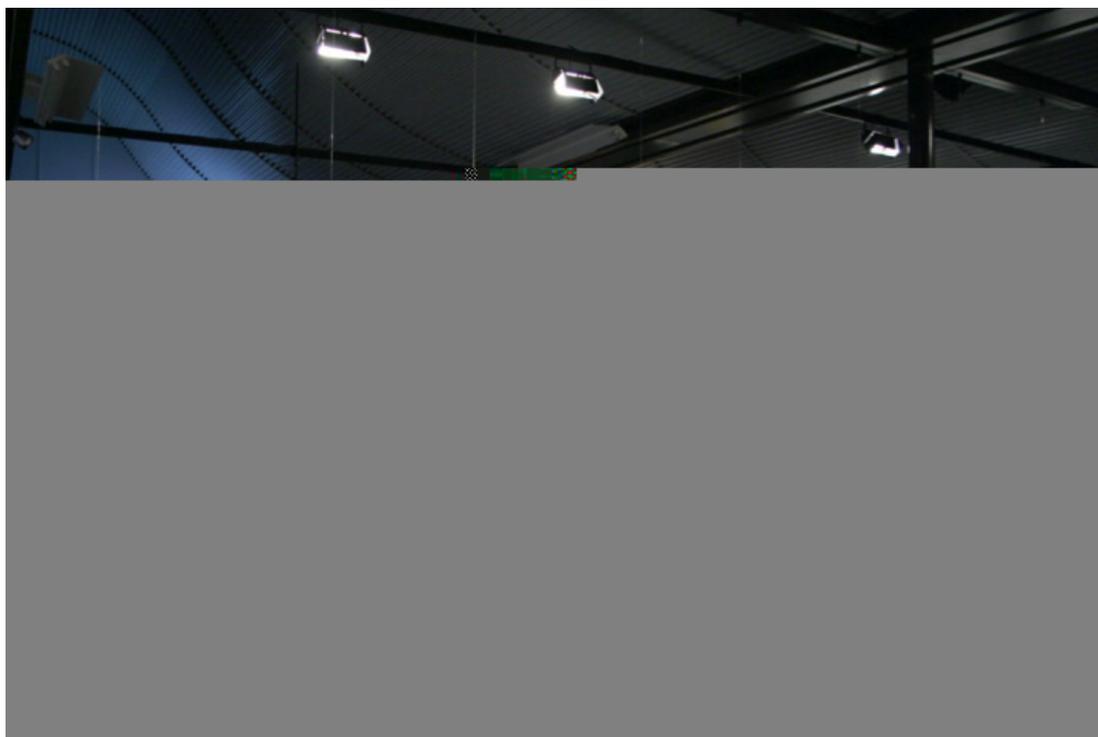


Figura 69. Exposição “Obstáculo Zero”, 2006.



Figura 70. Exposição “Obstáculo Zero”, 2006.



Figura 71. Exposição “Obstáculo Zero”, 2006.



Figura 72. Exposição “Obstáculo Zero”, 2006.



Figura 73. Hall de entrada do Hospital Sarah Lago Norte, 2007.

As razões desta integração só se justificam na emergência de realizar uma prática que agregue todas as propriedades do corpo, onde a força é a mola e o movimento da ação que o corpo necessita para modificar o que está em sua volta. Rodrigues quando fala do amor só cunha o motivo principal de sermos autores dentro deste universo. Enquanto arte-educadora reclama e evoca o sentido da emoção para este corpo. Nessa medida, a arte, a ciência e a tecnologia precisam dela para permitir o encontro verdadeiro de todos os seres, reconhecendo que aquilo que nos toca pode também alterar o outro.

O trabalho iniciado no Centro Internacional de Neurociência da Reabilitação Sarah Lago Norte estendeu-se para todas as enfermarias do Hospital Sarah centro com atendimentos individuais e coletivos. A importância da criação do ateliê pode ser mensurada por sua ampliação e por servir de exemplo na criação do ateliê digital, em 2010, do Hospital Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. A nova geração de arte-educadores que compõem hoje o quadro da equipe de arte fez treinamento com a pesquisadora para a aplicação das novas possibilidades desses meios tecnológicos, respeitando e valorizando as especificidades do profissional, suas linhas e laços que estabelecem com a arte.

Estas novas possibilidades educacionais, propiciadas pelo ateliê digital, mostraram-se uma novidade para estes novos profissionais, revelando que, na formação deles familiarizados com a tecnologia para o acesso de uso particular, ainda não havia sido incorporado no dia a dia da sua prática estético educacional. A reverberação deste ateliê digital mostra o quanto foi e continua sendo valioso pularmos os nossos muros pessoais e ir ao encontro de uma prática, onde a poesia pode ser disseminada e recriada pelos meios digitais.

Como não poderíamos deixar de discutir o porquê do sujeito, no decorrer de sua reabilitação, precisar travar mudanças de paradigmas e qual o sentido disto tudo para o paciente? O que significava para eles encontrar o universo poético em um hospital? Viu-se que na fala dos três pacientes, quando eles respondem às perguntas, que as questões não estão relacionadas à sua “sobrevivência” mas sim a reaprender a comunicar sentimentos e movimentos, dando sentido à vida.

A articulação faz-se pelas significações construídas pelos pacientes no ato criativo. Estas inscrições visuais é que dá sentido e que produzem um fazer único, que gera uma atitude firme de movimentos conscientes e responsáveis. O ateliê digital promove um agir calcado na responsabilidade do paciente, enquanto singular. O ator (paciente) deve ser responsável e se responsabilizar pela sua posição no mundo, no tempo, no lugar e no que lhe confere dar ao outro. Compreendendo a necessidade de inscrição atuante e plena, mostrou-se como o corpo e alma constroem sua regulação para a vida. A arte carrega em si um conteúdo humanístico da experiência humana, revelando incertezas diante da vida e do que elaboramos e inventamos.

É com esta compreensão sobre a importância da arte que inserimos o relato de Rodrigues para responder à Doutora Zoladz, quando esta indaga o que é arte para ele?

Início com uma pergunta: por que se esconde a violeta? Tenho num dos meus quadros, como legenda, um desenho feito por mim que mostra a copa de uma árvore grande, encobrando a violeta, deixando-a sem a luz do sol. A flor singela procura essa luz tão necessária à sua existência e, no entanto, ao se retrair, brota, cresce e, na sombra, floresce. É daí que ela retira o alimento. [...] a arte também alcança essa vitalidade extraída da fragilidade do homem, transformando-se na capacidade criativa que lhe é inerente (ZOLADZ, 1990, p. 92).

A arte dentro e fora de um hospital serve para provocar, instigar, desestabilizar, promovendo uma grandeza para a vida, criando assim sempre novas realidades. Desde o desenho de Renan, do *Piêrro apaixonado*, com um traço solto leva-nos a resgatar a sensação do deleite que a paixão provoca no sujeito, ou do desenho do corpo nu feminino que carrega em seu título provocativo o desejo de saborear e comer a succulenta carne feminina. Renan em seu *blog* (sexta-feira, 11 de julho de 2008) posta sobre orquídeas e árvores: “*A orquídea floresce no tronco de uma árvore. Quanto mais amor essa árvore consegue dar mais linda fica a orquídea; porém no fim das contas a árvore percebe que não consegue mais viver sem a beleza da flor [...] Se a flor precisa da dureza da árvore, a árvore precisa do calor da flor.*”

Este diálogo que Renan posta em seu *blog* sobre as orquídeas e árvores, provavelmente sem ainda ter lido o artista Rodrigues, cunha em tempo e espaço, e em realidades tão distantes e diferentes, conceito sobre o encantamento que arte provoca

no corpo e na alma dos sujeitos que se atrevem a se doar. Usando o seu vocabulário, este rapaz vai muito além dos alicerces mecanicistas muitas vezes impostos nos largos corredores educacionais. Estes conceitos consagrados representam o desconhecimento sobre as instabilidades da vida, que o sujeito não é só nascimento e crescimento. Esses comportamentos privam a vida de sua plenitude mental promovendo uma falsa aceitação de suas realidades.

O ateliê digital não trabalha com conceitos fixos, porque tenta estabelecer relacionamentos firmes para que assim possa transformá-los para um sentido mais completo. A nossa capacidade criativa possibilita novas e várias opções que não estão vinculadas a nenhuma certeza, mas ao senso de responsabilidade. O objeto de criação não é só uma coisa possível de existir, pelo contrário, torna-se imprescindível sua existência.

Na realidade, quando Breno evoca em seu trabalho uma “verdade”, o que ele reclama é a necessidade de uma deformação para que se torne expressiva, a sua percepção da matéria que nasce do seu trabalho, que, para ele, são formas muito diferentes das encontradas na natureza. O que Breno encontra é o cruzamento entre as relações travadas os objetos e seus limites. Esta maturidade emocional é promovida pelo aprofundamento da matéria a que este se debruça. Todo crescimento é desdobramento interno do que o sujeito elabora mentalmente e emocionalmente. As descobertas são caminhos para novas possibilidades e não surgem de um acaso.

Aliás, o ateliê digital desconsidera estas relações fortuitas e irrealis, para nós o sujeito dá forma aos fenômenos, movido por uma consciência interna que é capaz de assimilar características internas e externas e ordenar novas e significativas realidades para si. Cada um dos pacientes vai tentar encontrar sua própria medida, não interessando o que o outro determina mas como todo seu corpo e alma determinam. Pessoas decrépitas, com uma intensidade ampliada, demonstrando o outro lado da existência não muito esperançosa, nos desenhos de Pedro, são esses os valores humanos que ele quer enfatizar, e que nós reconhecemos como pesado, porém tão verdadeiras quando nos lembramos das crianças abandonadas e jogadas a própria sorte nas rodoviárias de qualquer cidade brasileira. Estas tensões expressivas são as fontes que

Pedro potencializa em seu trabalho. Negar esta tensão diante da existência é encobrir e corroer toda sua essência. O paciente tem que ter segurança de que este espaço é coerente, respeitando a complexidade intelectual que envolve o ato de criar.

Para realizar e impor a arte dentro do hospital foi necessário escutar cada gesto existente na fala dos pacientes, adicionando nesta atividade, as mudanças advindas da era digital, agrupando homens, mulheres e crianças em níveis diferentes, em um espaço que agrega a tecnologia sem perder a personalidade.

Pode-se falar agora de uma prática que respeita a construção por um sujeito consciente e com força para enfrentar qualquer percalço que a vida apresentar. Não existe garantia para a nossa existência nem antídoto, as incertezas fazem parte do ato de estar vivo. Busca-se, ao mesmo tempo, ir respondendo pontos interessantes para transpor o primeiro impulso que é trabalhar com a questão da deficiência. Percebe-se, então, como este termo está cheio de armadilhas e que gastaríamos energia com um fenômeno de características antropológicas e sociológicas tema que esta pesquisa não busca levantar.

Alimentou-se a prática com o poder do corpo em criar impulso, reconhecendo os esforços destes três rapazes em romper barreiras motoras o que não significa uma recuperação atrelada somente a este ato. Conforme os pacientes vão se apropriando do corpo, outras questões passam a emergir e a circundar este ser.

O dinamismo encontrado no ateliê digital, agregado à velocidade do meio, chega a eles como uma revelação dos avanços da tecnologia, ligando tudo e todos. Matéria e energia sendo absorvidos para construção de universos sensíveis. A criação do ateliê reconhece as causas e efeitos da lesão nestes jovens e, numa visão retrospectiva, ao se abrir os seus prontuários, não foi para ter controle ou projetar e antever fórmulas prontas do seu processo de reabilitação

Como educadora é difícil determinar o que cada paciente vai ordenar, pois estamos trabalhando com um fenômeno complexo e de magnitude infinita. Cada paciente no seu fazer ou na sua percepção saberá que o educador compartilha com ele, sendo o mediador dos novos conhecimentos, apresentando as inovações e criações

de artistas contemporâneos que exercitam a dúvida e constroem universos peculiares. Novas e velhas significações nos conteúdos expressivos, problemas na execução devem e precisam ser discutidos pelos pacientes.

O ateliê instiga e convida o paciente a integrar-se às incertezas da vida, as muitas perguntas que ficarão sem respostas; o processo buscado é sempre dinâmico, entrelaçado de grande coerência em relação ao papel da arte na vida e dentro do hospital.

Esta pesquisa revela que a execução de uma tarefa motora pode até ser feita de forma automatizada, sem compromisso, mas o que se buscou foram os laços afetivos frúidores de emoção com cada paciente, para assim serem construídos laços responsáveis. Desprezar este poder é perder a consciência do trabalho cunhado com tanto esforço pela educação e pela arte. O sentido de busca se deu neste marco por uma intensa e generosa escola de emoções e conhecimentos - trabalhar em um mundo não pensado tradicionalmente nos hospitais. Exceções como o trabalho de Nise da Silveira, Helena Antipoff e ainda o trabalho de psiquiatras em Santos, São Paulo com a “Rádio Tantan” e, finalmente, a Rede SARAH.

Trabalhamos com a instabilidade, introduzindo aspectos inevitáveis para a complexidade da existência humana; expandindo e difundindo este trabalho como forma de articular e redimensionar o conhecimento digital na prática expressiva. Não há consenso nos caminhos da arte-educação mas é preciso iniciativas pioneiras para continuar um trabalho em que a experiência estética é sempre uma necessidade humana.

O resultado maior pode ser constatado pela persistência dos pacientes na continuidade da atividade *on-line* e pelos relatos de reconhecimento da importância que tomou esta atividade para as suas vidas.

Um toque de alegria em tempos de limitação, o ato de criar imprime uma dimensão para o corpo capaz de romper barreiras, ampliar as possibilidades e as experiências. Quando estamos elaborando, experimentando e formando algo neste complexo processo (que só pode ser vivido na sua unicidade), injeta-se no corpo uma sensação de prazer. Com o ateliê digital, o paciente recupera a intensidade do ato da criação conferindo a ele uma força plena e significativa. Conforme a matéria vai se

objetivando e se concretizando, as sensações são ampliadas. Esta sensação ampliada é sentida como o ato de quando somos presenteados. O que o paciente consegue ordenar reveste-se de prazer e está associado à noção do desejo aumentado. A criação necessita estar atrelada ao ato de fazer e, a cada momento, o ser o aprofunda por meio da sua atuação. A atividade criativa mistura prazer e alegria.

Nesse particular, entende-se que o paciente, mesmo tendo que se confrontar com o reaprendizado de funções motoras no decorrer do processo, tenha evidências de sua superação, e a transferência se faz para outra esfera muito mais subjetiva. Nesse momento perdemos a tensão até então pautada pela perda para o exercício do prazer que o ato criativo gera. Não se pretende minimizar ou excluir outros sentimentos, mas o desdobramento é de uma construção valorativa. Quem passar na frente do ateliê vai encontrar uma atmosfera de intensa atuação, onde se acentua o fazer pessoal e o prazer.

Este poder que o momento da criação gera é abrangente e equilibra os sentimentos mais experimentados por nós. Esta integração contribui para que o paciente possa interpretar, perceber, apreender e compreender o ocorrido sem, necessariamente, ter total consciência do processo, mas vivido e experimentado, este processo ficará registrado dentro do corpo aumentando-o e realimentando-o.

Então a direção cunhada, enquanto arte-educador dentro do hospital, foi o de transferir o enfoque de perda para outros pontos já existentes, estimulando e ampliando o conhecimento e a alegria. Renovamos e fornecemos instrumentos que ajudam o paciente a comunicar realidades mais profundas e estruturadas. Quem participa deste embate sabe que o que se ganha não é moeda de circulação do mercado, mas valores construídos pela sua coragem e pelas suas criações. Em uma sociedade globalizada, este ato de crescimento real é fonte de energias vindas de sondas profundas e infinitas que faz romper delimitações resultantes da vida na sociedade.

Em clima de padronização, os afetos são substituídos e corroídos no dia a dia do sujeito, por isso muitas das descobertas tecnológicas permanecem externas à capacidade cognoscível do paciente. O que fascina logo perde seu valor, por isso o ateliê digital proporciona instrumental e uma visão mais profunda no que diz respeito às necessidades do paciente.

Se não conseguimos ampliar outras formas capazes de reorientar o paciente de forma espontânea frente à realidade concreta, cabe-nos repensar a forma de atendimento da atividade. Qualquer situação de vida é delimitada por situações de ordem emocional e intelectual, por isso se o educador não consegue realizar esta aproximação significa que ele precisa estabelecer novas ordenações, ampliando o seu instrumental para mobilizar o paciente.

Esses são percalços por que todo educador passa para estabelecer laços de empatia com o outro. Algumas tentativas de aproximação são estabelecidas com muita desconfiança, menosprezo e preconceito, mas enquanto profissionais não devemos acolher no âmbito pessoal, mas considerar somente como um tempo ainda a ser construído.

O comportamento do paciente muitas vezes surge misturado por um conflito do que é considerado produtivo na sociedade, valores como competitividade e acumulação de bens exercem nele um afastamento das possibilidades do corpo, uma alienação, tornando-o cada vez mais distante do que, de fato, desperta prazer pessoal. Estas são as maiores delimitações encontradas por nós educadores, pois elas estão colocadas pelo sujeito no pedestal mais alto.

Os meios de comunicação de massa atingem um maior número de pessoas, televisão, rádio, imprensa e cinema normalmente exploram o que há de mais condicionante e medíocre. Neste conjunto de delimitações e de padronização dos desejos, todo o esforço é de quebrar este condicionamento, ou seja de apenas receber as informações, mas ser capaz de processá-las e de ser atuante sobre elas. Logicamente, para que se consiga desencadear este processo de forma consciente, é preciso identificar os anseios do paciente, sua área de interesse para ir acrescentando junto as novas possibilidades.

O distanciamento com o fazer arte, inicialmente, ocorre por não haver uma relação de diálogo, gerando uma frustração em quem ainda não sabe brincar com este meio. Quando se permite experimentar, a arte penetra em todas as instâncias do corpo, resultando em uma vivência muito forte no ser.

As mudanças foram percebidas nessa pesquisa pela força dos trabalhos destes três estudos de caso, as alterações ocorridas no decorrer do desenvolvimento do

trabalho, foram alargadas com o uso da tecnologia. Foram incorporados alegria, prazer e dor como constitutivos da vida. Aqui a noção construída é baseada para o ser (paciente), possuidor de coragem, que se debruça e vasculha todas as possibilidades do seu corpo. Esta composição dos encontros envolve um compromisso ético para os pacientes do hospital.

Resolver esta trama enviesada por histórias (estudos de caso) é uma forma contemporânea de construir novos conceitos para a educação. Trabalhou-se com recortes que são tempos fragmentados que compõem a narrativa. Discutir uma prática artística é poder contar como se dá a criação, sem com isso fechar e resolver a complexidade do fazer arte dentro do hospital.

Levou-se em consideração a necessidade de lutarmos, ainda nos dias atuais, contra antigas visões de trabalhos manuais ou do fazer meramente lúdico uma prática que estimula a comodidade é uma forma reducionista de compreender a magnitude da existência humana e do poder da arte. Educar é promover pequenos e intensos terremotos, em terras ainda firmes de produtos uniformes. Alguns educadores adeptos ao terreno globalizante ainda se sentem incomodados com tantos registros estranhos (desenhos) realizados pelos pacientes. Para muitos educadores a arte alarga demais os limites. Temerosos assumem uma prática de ocupação do tempo. Os recrudescimentos nas práticas anestésicas lentamente vão sendo substituídos por uma prática que alimenta os sentidos.

Não se pode passar a vida apenas tentando superar as limitações; isto vale para dentro e fora do hospital, pois todos nós carregamos uma narrativa fragmentada, que desconstrói no tempo a visão linear do sujeito, que assume identidades diferentes, dependendo do lugar e do momento. Todos nós carregamos múltiplas identidades que nos levam para diferentes direções e deslocamentos.

Como exemplo dessa atitude, quando estamos lendo um livro ou assistindo um filme evocamos e expandimos o corpo. Corpo e alma se encontram impulsionados por diversos pensamentos e novos desafios para vencer os obstáculos.

5 CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perplexidade diante da ausência de movimento em uma pessoa que sofreu uma lesão medular impede-nos, no primeiro momento, de reconhecer os motivos que fazem mover um corpo. Este motivo ou pulsão é chamado de motivação: energia psicológica que provoca e gera movimento no organismo humano. O movimento então é isto: sensações de energia que o corpo exala que, sem emoção, perderia o sentido da existência. Assim, na criação da oficina de arte digital, levou-se em consideração o conflito de ter uma lesão medular em um mundo, no qual somos medidos pela nossa funcionalidade.

O suposto desconhecimento das possibilidades do corpo em encontrar novas formas de adaptação, para inscrever marcas precisas e expressivas, é desmistificado nesta pesquisa. Como pessoas com necessidade de inscrições, encontramos na tecnologia aberturas para o aprendizado criativo. Aprender e a reaprender a lidar com as necessidades do corpo é promover uma reflexão sobre os caminhos da educação e da tecnologia. O cruzamento entre o universo real e virtual possibilita uma fluidez nos encontros. Com a internet, correio eletrônico, vídeos digitais, *home pages* e *softwares* gráficos foi possível transportar o paciente, potencializar e estender as trocas de sentidos, mesclando som, imagens e textos para uma vivência visual significativa.

Com o computador integrado a uma rede foi possível adequar o espaço para implantar um ateliê com uma ação calcada no aprendizado e na experimentação estética, extraindo deste todas as possibilidades advindas com os meios digitais. A integração com o paciente resultou das relações estabelecidas com o mundo, do contato mantido com a pesquisadora, respeitando a variedade de sentimentos e das respostas cunhadas. O ser nunca fecha e nem esgota a pluralidade de respostas. Encontram-se sempre novos desafios, portanto é este ato que se reveste como principal ferramenta de troca com o mundo. Todos nós captamos os dados subjetivos como objetivos capazes de uma transividade. Um dos motivos da necessidade de inscrição deve-se ao fato relacionado ao tempo. Por sermos finitos somos capazes de estabelecer laços e sentimentos com o outro, porque no existir reconhecemos o outro em nós.

Como educadores sabemos que a arte abre um espaço de fruição, no qual o corpo entende e se estende. Quando estamos motivados pelo que o outro nos traz, suas histórias, o tempo do envolvimento, reconhecemos no outro aberturas para a nossa própria renovação. O outro a quem se refere é o paciente que, estilhaçado, vai reconstruindo um caminho. Corpo afoito, aprendendo a sobreviver e a se deparar com o que não foi procurar dentro de um hospital, a poesia. Educadora e paciente encontram-se na divisa entre o mundo real e o que pode nascer, quando o computador é ligado, mesmo sabendo que ele é um instrumento para o processo cognoscível e criativo. Qualquer imagem construída, uma simples linha, é o bastante para que um novo diálogo se inicie.

Na aproximação da educadora com os pacientes, algumas questões foram elaboradas que constituíram a base para a apresentação do ateliê digital, motivos da sua criação e da dinâmica estabelecida com os pacientes. O enfoque foi o de como se dá a apresentação da linguagem visual e a experimentação do universo imagético simbólico. Passo a passo, apresentou-se a dinâmica do ateliê e o processo destes três estudos de casos que desvelaram trajetórias não imaginadas dentro de um hospital.

A lesão medular foi o motivo de sua reabilitação, porém inverteu-se o enfoque tradicional que dedica muita atenção às questões orgânicas ou funcionais, armadilhas estas correntes quando se enfatiza a doença e suas associações. Aprofundou-se o complexo movimento de reconhecimento do corpo e alma e suas necessidades de regulação para a nova vida. O conhecimento que ora se cunhou foi o de promover outro olhar no que se considera a essência de se trabalhar dentro de um hospital com uma equipe multidisciplinar.

O que o paciente quer? O que ele sabe? O que ele espera? Essas primeiras perguntas representam instrumentos básicos para a coleta de dados, fazendo parte de uma relação de interação do educador com o paciente. Porém, no decorrer do processo esse instrumento se mostra superficial para qualidade das construções poéticas, elaboradas pelos pacientes. As perguntas iniciais funcionam como uma lupa que serve apenas para ampliar pequenas dúvidas sobre o corpo. Enfatizou-se o conhecimento experimental, o qual carrega conhecimento objetivo no ato da construção como as sensações, percepção, impressões e intuições.

Trabalhar dentro de um hospital é preciso muita atenção e cuidado para não se inserir na prática conhecimento e procedimentos que são exclusivos da prática médica, que necessitam de pesquisar e descrever a doença suas implicações, profundidades, perdas e possibilidades. A proximidade com o aparato médico, muitas vezes, pode levar a uma perda de foco da função e do motivo da existência da arte dentro do hospital. O material simbólico produzido pelo paciente não é objeto de análise e interpretações para se compreender as perdas ou desvelar os efeitos da deficiência na vida dos pacientes.

A Rede SARAH de hospitais atende pacientes com atraso neurológico, problemas ortopédicos, lesão medular, acidente vascular cerebral e entre outros tipos de lesões que afetam a capacidade motora, excluindo o atendimento específico para pacientes com doenças mentais. O trabalho que é desenvolvido na Rede leva em consideração as necessidades do paciente com uma abordagem prática e com um atendimento multidisciplinar, por entender a complexidade da existência humana. As necessidades são especiais por enfatizar uma prática do encontro e do entrelaçamento, portanto a criação do ateliê digital intensificou essa experiência, como parte do processo de reabilitação, corpo mergulhando em ação, vivendo a cada construção uma existência nova.

A forma de interação cunhada na dinâmica do ateliê, acrescida dos três estudos de caso pacientes, referenda a hipótese inicial de que o ateliê fornece e diversifica os encontros, aprofundando os caminhos entre arte e tecnologia. Obteve-se, no decorrer da criação do ateliê digital, um material bastante vasto, salvos em pasta pessoais dos pacientes, os que não seriam passíveis de sistematização pelo ateliê tradicional, dado o volume de desenhos produzidos. Manter o acervo e o processo imagético de cada paciente no computador desvela o processo individual de cada participante como as mudanças ocorridas e também a evolução e os recursos da época. Estes “achados” preenchem o leque de renovação que esse meio possibilita atualmente. Com os novos softwares: linguagens de programação, sistemas gráficos e materiais *online* ampliam e inspiram nós educadores para novas possibilidades de expressão na contemporaneidade.

Os participantes do ateliê, nos primeiros encontros, tinham como prioridade superar as dificuldades motoras que comprometiam o seu dia a dia; adequando o atendimento, associando arte, tecnologia e ciência da reabilitação para ampliar as possibilidades para superação das limitações físicas e motoras. Dimensionou-se o ateliê para atender todas as necessidades motoras, com suporte da bioengenharia, da tecnologia de *hardwares e softwares*. Os pacientes, ao longo da sua participação, deparam-se com a necessidade de um aprofundamento da linguagem visual. Neste contexto, eles desenvolvem um trabalho de materialidade complexa e de dimensão singular, determinando o seu caminho, inserindo novos elementos não pensados inicialmente. Os três estudos de caso não são conflitantes, pois eles apenas enfatizam a pessoalidade no ato da construção, pontos de partidas diferentes que carregam estilos pessoais com instâncias singulares, em uma realidade que é múltipla e, ao mesmo tempo, fragmentada.

A utilização dos meios digitais imprimiu novas sensações para o desenvolvimento de novas ideias, novos significados e novas aberturas para o campo da arte. A coleta do material foi estruturada pelos desenhos, blogs, animações, correios eletrônicos e recortes, fundamentais para a construção do escopo desta pesquisa. Os aspectos comuns entre estes três pacientes se dão pela entrega no universo expressivo e o comprometimento durante e depois da internação, demonstrado nas riquezas dos encontros e das suas produções. A melhor forma de captar esse espaço-temporal é a progressão nos trabalhos imagéticos elaborados pelos pacientes, com abordagens que respondem e demonstram o sentido da inclusão do correio eletrônico como uma inter-relação e o aprofundamento do aprendizado. Foram reunidos nesta pesquisa vários materiais elaborados pelos participantes e levantadas algumas proposições diante de uma nova perspectiva teórica de abordagem para o corpo, com a sistematização e com a exploração da emoção como constructo do ser.

Sabemos que não é possível esgotar esse tema, somos conscientes de que não é possível separar corpo e alma do relacionamento com o mundo. O cuidado, ao longo deste trabalho, foi consolidar uma área ainda sem referência, para se construir um espaço focado em um outro olhar sobre as possibilidades de inferências da arte, da tecnolo-

gia e da ciência dentro do corpo hospitalar. As soluções encontradas para a criação do espaço ateliê digitais colocaram em xeque preceitos de habilidade do corpo esquecendo o motivo de o corpo se mover. Assim, nesta pesquisa, aprofundou-se a necessidade do corpo em poder vislumbrar a sua integralidade, sem forjar “genialidades”, mas sim delimitando e sistematizando para um aprendizado em conjunto com a prática.

A interação com os pacientes se mostrou fecunda e determinante, gerando novas discussões e situações que enriqueceram o trabalho. Esta experiência pioneira de um ateliê digital em um centro de reabilitação efetiva e reforça a força da construção simbólica no processo de reabilitação.

O espaço cibernético promove a plasticidade e a interação de conhecimento, em cada sujeito que tem possibilidade de inscrições híbridas que promovem e transformam a comunicação em um espaço interativo. O espaço aberto pelos meios tecnológicos deve ser utilizado por nós educadores em proveito de uma educação voltada para o encontro e a abertura dos potenciais. A existência de um espaço democrático, no qual o suporte “ateliê digital” materializa o encontro simbólico, permite produzir uma aula dinâmica para e com os pacientes. A incorporação da internet e do computador aperfeiçoou um diálogo que, de outra forma, não seria possível firmar em tempo tão escasso. O que antes parecia um entrave para o aprofundamento do fazer poético dentro de um hospital, com as aulas online, desfez-se e intensificou-se o processo de laços e trocas prazerosas.

O paciente passa a contemplar com um sabor e um desejo desconhecido as formas, as cores, a luz, os sabores. Produzir uma linha em uma folha carrega tantos encantos, que é neste momento de consciência que paciente percebe-se fisgado por um saber que se encontrava retraído. O paciente, por sua vez, precisa aprender a ver e, para tanto, o educador tem que ir provando e desfrutando os encantos do processo de criação, agregando ao método de educar a emoção que a arte provoca.

A arte aguça nossos sentidos, brinca com a imaginação que elabora e cria novos mundos. O objetivo da arte é este: despertar o gozo e o corpo para com ela encontrar alegria e prazer. A alma então brinca com o corpo que se metamorfoseia.

Talvez seja aqui o momento em que corpo se encontra relaxado e feliz, e se despe de paciente e descobre sentidos ignorados. A arte evoca o que há de mais humano no ser humano, o sentido emocional e estético. As sensações vividas por meio da arte não são regras que o corpo possa vestir, ele tem que experienciá-los.

O aprendizado dentro de um hospital de reabilitação só pode ser construído rompendo os obstáculos unidos pela emoção. O paciente que compreende a complexidade e a riqueza da experiência humana, abre-se às sensações expressivas, não mais como meras respostas subjetivas ou descarga compensatória pelo trauma sofrido. A arte tem o papel de proporcionar, e construir espaços criativos seja em um hospital ou em uma escola, ela serve para romper os obstáculos sociais, políticos e psicológicos, constituindo-se em um meio completo de comunicação que integra e gera novos espaços.

As experiências vividas pelo corpo na arte somente são possíveis se, de fato, forem sentidas e representarem a intensa interação do sujeito com o mundo. Por meio da experiência estética somos capazes de evocar as nossas sensações, e quando vemos a prancha “Incêndio” a nossa percepção leva-nos a expandir esta sensação de prazer e de virilidade. Esta experiência de fato é emocional e é constitutiva das sensações que o nosso corpo exala. As marcas impressas no corpo e na arte revelam os conflitos ainda presentes na compreensão sobre o significado da vida. A vivência da experiência expressiva enfrenta também as falsas e consagradas estereotípias atreladas a um dom.

O sujeito que a pesquisa alinhava nasce do encontro com a emoção. No decorrer do ateliê, vai se tecendo uma colcha com vários matizes que proclamam o desaprender, para assim aprender com o corpo que não obedece aos comandos e às ideias pré-concebidas sobre as suas possibilidades. O olho se vê reaprendendo a olhar para si como uma ferramenta de prazer. Tanto educadores quanto alunos precisam vestir suas capas de mágicos e varinhas para se enfeitiçarem. É no encontro com o outro que o corpo se abre de energia. A escolha do educador Freire (1979) e Rodrigues (1990) se fizeram pela clareza em enfatizar a importância do diálogo e do amor.

As questões que foram levantadas nesta pesquisa, observadas no decorrer das escolhas dos três estudos de casos, reforçam que negligenciar a emoção no processo

de transformação deste corpo demonstra a fragilidade da visão de outros teóricos, que a destitui como não sendo necessária para o aprendizado e a vida.

As histórias compartilhadas nesta pesquisa são responsáveis pelo caráter íntimo e pelo olhar penetrante que rompe distorções sobre o aprender em todos os tempos. Este estudo demonstra as aberturas deste corpo por meio de sua história e da percepção que ele passa a ter quando rompe a barreira entre razão e emoção, estabelecendo assim outros sinais fora do modelo deficiente. O método escolhido foi sendo delineado por cada paciente ao compartilhar suas crenças, medos, azares, risos, brincadeiras, impossibilidades e tantos outros fatos; trocas de cheiros e olhares que agora as palavras tornam-se lembranças distorcidas destes momentos mágicos. Não existe método para o momento da entrega.

Uma pesquisa para falar de arte e educação é sempre um movimento de convite para se refletir sobre corpo/alma e suas histórias. Elas são interpretações e construções de como percebo o mundo e quais os significados deste novo corpo. O neurobiólogo Damásio (1996) reconhecendo a complexidade do corpo/alma, alia-se aos filósofos, ao compreender que não é possível aprofundar e pesquisar sobre a batuta de um único mundo, o da ciência. A coragem de percorrer labirintos muitas vezes desconhecidos e estranhos a nós abre uma discussão sobre os motivos que, de fato, movem a procura do conhecimento nos dias atuais.

A flexibilidade deste meio engendra novos agenciamentos cognitivos pessoais, modelando, simulando e recompondo com eficiência a execução. O deslocamento que o meio possibilita de corrigir, aperfeiçoar e novamente e continuamente, corrigir, permite o paciente encontrar neste meio uma possibilidade de metamorfose permanente. Lévy (2000) esclarece o que acontece ao redor de nós, e também no interior deste corpo, como este representa o mundo e como somos afetados pelo acesso rápido que o computador e a internet promovem. Esta progressão tecnológica não forja um ser criativo, este para se tornar real tem que se construir e aprender a dominar estes novos instrumentos. O ser criativo é fruto de uma vontade de trabalho e de uma mente curiosa.

Esta pesquisa não se propôs elaborar uma metodologia de ensino de arte digital, por compreender que todo o constructo desse trabalho se faz pela ordenação do paciente, e que a sua normatização, por se tratar de um meio com uma velocidade impressionante, não aceita qualquer tentativa de criar uma metodologia, que logo se mostraria ultrapassada. Os participantes deste espaço digital devem estar conscientes que este meio é volátil e que ele não carrega verdades fixas, só possibilidades, para serem vivenciadas por corpos vivos e sensíveis.

O educador de arte tem que estar atento e aberto ao meio, consciente de que, muitas vezes, a inversão acontece: o paciente apresenta novas possibilidades e novos programas. Este meio promove a troca e a perda da hierarquia, cada um gerando e compartilhando conhecimento. O ateliê provoca e desestabiliza verdades. Para quem se atreve a um diálogo permanente de buscas, o ateliê digital prescreve um novo universo de espaços e tempos construídos e divulgados no ciberespaço.

Toda e qualquer construção para ser verdadeira carrega o esforço humano que contém uma longa e vivida experiência singular, não existindo mágica para quem se atreve a vivenciar o poder da arte. Os caminhos não são retos, como também não são quando estamos navegando na rede. A excitação que este meio digital expressivo promove está presente neste recorte.

Não é preciso forjar ou acrescentar elementos ao processo vivido pelo paciente e a educadora; os recortes são apenas uma sistematização para apresentar ao leitor desta pesquisa alguns aspectos gerais que caracterizaram os encontros entre paciente, arte, tecnologia e a educadora. A diversidade eclética vivida no ateliê digital é muito maior do que é possível apresentar. Nesse sentido, as observações delineiam como acontece a exploração do paciente com este sistema de comunicação e expressão. A eficácia deste meio é o que move o desejo que se materializa em pranchas, animações, diários e registros disseminados pela internet.

Acompanhamos as construções de Renan, Pedro e Breno e narramos alguns momentos de como se deu a elaboração dos desenhos, das animações e das fotografias. Estes pacientes e outros revelam, em suas interações, o sentido da integração

entre corpo e alma. Constroem novas narrativas, arriscando a expressão por outro meio: o visual em comunhão com o tecnológico. Eles percebem que cada movimento expresso resulta em novos movimentos significativos. Participam e reforçam a importância do espaço (ateliê digital) pela periodicidade dos encontros online e de suas produções. A troca online preenche a falta de tempo real que nos ajudaria no aprofundamento de questões surgidas no decorrer da atividade.

Sabemos que os recursos tecnológicos estigmatizados por alguns autores como fator alienante, não o são, o seu uso e sua apropriação são frutos verdes que são amadurecidos e colhidos pelo uso criativo e pessoal.

Esta pesquisa é uma construção movida pelo prazer da conversa furada, pela conversa acanhada, pela conversa aromatizada, pela conversa amorosa, e por tantas vozes, cheiros, temperos, gostos, desgostos. Todo o processo, todas as pastas armazenadas no computador, em cada prancha, têm uma informação, têm um fazer particular que só pode ser apreciado quando se conhece quem está a esculpir essas singelas e expressivas marcas. A educação é isto; percorrer caminhos ainda não sabidos, pois educar com o que já se tem é só vã sabedoria. O visível é o que ainda procuro, é o que se esconde em um livro, em uma caixa e em um ser. Todo sentido de ser educadora passa pela arte, pelas possibilidades de uma educação dos sentidos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aicardi, J. Clinics in developmental medicine: diseases of the nervous system in childhood. London: MacKeith Press, 1998.
- Arnheim, R. A arte e percepção visual. São Paulo: Usp, 1984.
- Bachelard, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fonte, 1989.
- Bakhtin, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Unesp/Hcitech, 1998.
- _____. Pour une philosophie de l'acte. L'Age d'homme, 2003.
- Barthes, R. Crítica e verdade. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- Bauer, M. W e Gaskell, G. Pesquisa qualitativa com, texto, imagem e som. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- Braga, L. W. Cognição e paralisia cerebral, Piaget e Vigotsky em questão. Salvador, Sarah Letras, 1995.
- Brito, R. Experiência Crítica. São Paulo, Cosacnaify, 2005.
- Baudrillard, J. A ilusão vital. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- _____. A sombra das maiorias silenciosas. São Paulo, Brasiliense, 2004.
- Benjamin, W. Obras escolhidas magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1997.
- Bleck, E. E. e Nagel, D. Physically handicapped children: A medical atlas for teachers. New York: Grune e Shattton, 1992.
- Boudieu, P. O Poder Simbólico, Lisboa: Difel, 1989.
- _____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- Bourgeois, L. Destruição do pai reconstrução do pai. São Paulo: Ática, 1986.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, 1996.

- Brasil. Decreto nº 7612/2011, de 17 de novembro de 2011. Diário Oficial da União nº221 – Seção 1, p. 12-13, de 18 de novembro de 2011. Recuperado em 5/02/2012, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm, 2011.
- Brasil. Lei Federal N.º 7.853. (24 de outubro de 1989). Recuperado em 05/11/2011, de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei7853.pdf>, 1989.
- Brook, P. Fios do tempo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- Bueno, M. L. Artes Plásticas no século XX. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.
- Cardoso, P. Os Ignorantes. Rio de Janeiro. 4004–Produções de arte, 2005.
- Campos da Paz, A. Tratando doentes e não doenças. Salvador: Sarah Letras, 2002.
- Chipp, H.B. Teorias da arte moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Courtine, J. História do corpo. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- Creswell, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artimed, 2007.
- Damásio, A.R. O erro de Descartes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. O mistério da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. E o cérebro criou o homem. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Deleuze, G. & Felix Guatarri. Mil Platôs capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.
- Dewey, J. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- Duarte, R. e Figueiredo, V. Mímesis e expressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- Elias, N. Mozart sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.
- Fabbrini, R.N. A arte depois das vanguardas. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.
- Freire, R. P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.
- _____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
- _____. Educação e mudança. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.

- _____. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1993.
- Foucault, M. Microfísica do poder, Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- Giannetti, C. Estética Digital Sintopia da arte, a ciência e a tecnologia. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2006.
- Gill, R. In: Bauer, M.W, Gaskell, G. (orgs) Análise de discurso. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- Gullar, F. Sobre arte Sobre Poesia (Uma Luz do Chão). Rio de Janeiro: José Olympo, 2006.
- Hawking, S. Uma vida para ciência. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- Lemos, A. Cibercultura vida social na cultura contemporânea. Rio Grande do Sul: Sulina, 2004.
- Levy, P. Tecnologia da inteligência, Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- Lieser, W. Arte Digital. China: H.F.Ullmann, 2009.
- _____. Cibercultura, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- Kantiana, S. Revista da sociedade Kant brasileira, Rio de Janeiro: Ricardo Terra Universidade de São Paulo, 2001.
- Maturana, R. H. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- _____. Da biologia e psicologia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998a.
- _____. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 1998b.
- _____. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- _____. De máquinas e seres vivos, autopoiese: a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.
- _____. A Ontologia da Realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1997b.
- Maturana, R. H; Rezepka, S. N de. Formação humana e capacitação. Petrópolis: Vozes, 2000.

- Merleau-Ponty, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo. Martins Fontes, 1994.
- Miller, J. As ideias de Macluan. São Paulo. Editora Cultrix, 1971.
- Novaes, A. O homem-máquina a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. Mutações ensaios sobre as novas configurações do mundo. São Paulo: Sescsp, 2008.
- _____. A condição humana as aventuras do homem em tempos de mutações. São Paulo: Sescsp, 2009.
- Ostrower, F. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- _____. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Pereira, M. E. & Araujo, T. C. Enfrentamento e Reabilitação de portadores de lesão medular e seus cuidadores. *Psico* 37, 37-45. 2006. Recuperado em 07/11/2011, <http://revistaseletronicaspucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/artide/viewfile/1410/1109>.
- Proust, M. Sobre a leitura. São Paulo: Pontes, 2001.
- Rede SARAHA de Hospitais de Reabilitação. Informações sobre doenças tratadas: lesão medular [Versão eletrônica]. Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, Web site. Recuperado em 17/09/2011, de <http://www.sarah.br/>
- Rede SARAHA de Hospitais de Reabilitação. Perfil epidemiológico dos pacientes atendidos na Rede Sarah com lesão medular. Rede SARAHA de Hospitais. Centro Nacional de Controle de Qualidade. Recuperado em 17/09/2011, de <http://www.sarah.br>
- Rizk, H. Compreender Spinoza. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- Rosa, A; Huertas, J.A; Mateos, A.I. y Dias, F. Acts of identification and the Games of Identity. Comunicación preteada en International Workshop on National and Cultural Identity. Universidad Autónoma de Madrid. Miraflores, Madrid. 2005.
- Santaella, L. Cultura e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2004.

- Stiegler, B. Bernard Reflexões (não) contemporâneas Stiegler. São Paulo: Argos, 2007.
- Simas, G. C. Janelas Expressivas. O desenvolvimento da capacidade comunicativa em um indivíduo com Afasia. Brasília: UNB, Dissertação de Mestrado, 2004.
- Valsiner, J. Human development and culture: the social nature of personality and its study. Lexington: Lexington Books, 1989.
- Virilio, P. Velocidade e Política. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- Voloshinov, V.N. El marxismo y La filosofia Del lenguaje. Madrid: Alianza, 1992.
- Winegar, L.T. Developmental research and comparative: applications to development science. In J. Tudge, M. J. Shanahan, e J. Valsiner (Eds.), Comparisons in human development: Understanding time and context. New York: Cambridge University Press. 1997
- Zoladz, R. W. V. Augusto Rodrigues: o artista e a arte, poeticamente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1990.

7 ANEXOS

7.1 Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Cláudia Gunzburger Simas, professora da Rede Sarah de Hospitais, estudante da Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília, sob a orientação do Professor Dra. Maria Beatriz de Medeiros do Instituto de Artes, estou realizando uma pesquisa que tem por objetivo descrever, analisar e discutir uma metodologia de ensino das artes Digitais para pessoas com limitações motoras que tiveram uma Paralisia Cerebral e Lesão Medular. Caso você participe, estaremos realizando dois encontros semanais com duração de 8 horas, dela participando pacientes/ alunos internados no centro de reabilitação e externos da internação, mas em processo contínuo de reabilitação. Estaremos entrando em contato com a equipe do Hospital Sarah que acompanhou seu processo de reabilitação. Durante todo processo serão anotadas informações, sendo gravadas ou filmadas as entrevistas feitas com você e com sua família. No caso de gravações ou filmagens, o material poderá ser utilizado, caso haja interesse científico / acadêmico em utilização de imagens. Gostaria, no entanto, de ressaltar que você está livre para aceitar participar ou recusar participar da pesquisa não acarretando nenhuma consequência ao acompanhamento neste hospital. Se você tiver alguma dificuldade ou desistir de continuar em nosso processo, deverá informar com antecedência. Estamos disponíveis também para esclarecer suas dúvidas no momento em que desejar.

_____ Cláudia Gunzburger Simas

7.2 Anexo II

Eu, _____, DECLARO que fui esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e CONSINTO minha participação neste projeto de pesquisa, a realização de anotações, gravações ou filmagem dos encontros, bem com o uso das referidas transcrições para fins de estudos e / ou formação de profissionais, conforme proposto.

Brasília, _____ de _____ de 200-.

(Participante)

Nome: Cláudia Gunzburger Simas

Telefones: (61) – 3367-6814 / 9967-5155

E-mail: claudiagsimas@uol.com.br

Professor Responsável: Doutora Maria Beatriz de Medeiros – Universidade de Brasília – Instituto de Artes - E-mail: mbm@unb.br

Cláudia Gunzburger Simas

Índice Iconográfico

Figura 1. Sistema Nervoso Central	16
Figura 2. Mapa de Sensibilidade	17
Figura 3. Centro Internacional de Neuroreabilitação Lago Norte:.....	21
Figura 4. O ateliê digital no CINR Lago Norte em 2005.....	35
Figura 5. Trabalho criado com o software ArtRage Studio 3.07	36
Figura 6. Adaptações	38
Figura 7. O ateliê digital no CINR Lago Norte em 2008.....	45
Figura 8. Pacientes em atividade	46
Figura 9. Adaptação para mão	49
Figura 10. Início do ateliê digital	50
Figura 11. Ateliê Digital Reabilitação Infantil” em 2003	51
Figura 12. Renan Prestes Primeira Prancha em 2005	58
Figura 13. Renan Prestes “Rosto Renan”, 2005	59
Figura 14. Renan Prestes “Índio”, 2005	59
Figura 15. Renan Prestes “Pierrô Apaixonado”, 2006	59
Figura 16. Renan Prestes “Morto”, 2005	60
Figura 17. Renan Prestes “A Vaca”, 2005	60
Figura 18. Renan Prestes “A Vaca e o Balde”, 2006	60
Figura 19. Renan Prestes “A Mãe do Mendigo”, 2006	60
Figura 20. Renan Prestes “Coração”, 2006.....	61
Figura 21. Renan Prestes “Aos 18 anos”, 2008	61
Figura 22. Renan Prestes “O Saudade Companheira”, 2008	62
Figura 23. Renan Prestes “Carne de Sol”, 2008	63
Figura 24. Renan Prestes “Flor de Maracujá”, 2008	63
Figura 25. Renan Prestes “Fumaça”, 2008	63
Figura 26. Renan Prestes “O Incêndio”, 2008	64
Figura 27. Renan Prestes “Negra Luz”, 2008	64

Figura 28. Renan Prestes “Luz Negra”, 2008	64
Figura 29. Renan Prestes “Solta o Pavão”, 2009	65
Figura 30. Pedro Justino “História”, 2008.....	68
Figura 31	68
Figura 32	69
Figura 33	69
Figura 34	69
Figura 35	69
Figura 36	69
Figura 37	69
Figura 38	69
Figura 39	69
Figura 40. Pedro Justino “Sinuca”, 2008	70
Figura 41. Pedro Justino “Caca”, 2008.....	70
Figura 42. Pedro Justino “TV”, 2009.	70
Figura 43. Pedro Justino “Explosão”, 2009.....	71
Figura 44. Pedro Justino “Bicicleta”, 2009	71
Figura 45. Pedro Justino “Bêbado”, 2010.....	72
Figura 46. Pedro Justino “Gêmeos”, 2010	72
Figura 47.....	73
Figura 48.....	73
Figura 49.....	73
Figura 50. Breno Nogueira “Barquinho”, 2008	79
Figura 51. Breno Nogueira “Barco”, 2008	80
Figura 52. Breno Nogueira “Pensador”, 2008	80
Figura 53. Breno Nogueira “Bondinho”, 2008.....	81
Figura 54	81
Figura 55	81
Figura 56. Breno Nogueira “Mão”, 2008.....	82

Figura 57. Breno Nogueira “Choro”, 2008.....	83
Figura 58. Breno Nogueira “O Silêncio da Perna”, 2008.....	83
Figura 59. Mesa digital, 2008.....	83
Figura 69. Breno Nogueira “Novembro”, 2008.....	84
Figura 61. Breno Nogueira “Março”, 2008.....	84
Figura 62. Breno Nogueira “Basquete”, 2008.....	84
Figura 63. Breno Nogueira “Desproporcional”, 2008.....	84
Figura 64. Breno Nogueira “Oca do Branco”, 2008.....	85
Figura 65. Breno Nogueira “Oca do Branco”, 2008.....	86
Figura 66. Breno Nogueira “Oca do Branco”, 2008.....	86
Figura 67. Primeira mostra de arte, 2005.....	118
Figura 68. Homenagem ao artista plástico Athos Bulcão, 2006.....	127
Figura 69. Exposição “Obstáculo Zero”, 2006.....	138
Figura 70. Exposição “Obstáculo Zero”, 2006.....	139
Figura 71. Exposição “Obstáculo Zero”, 2006.....	139
Figura 72. Exposição “Obstáculo Zero”, 2006.....	140
Figura 73. Hall de entrada do Hospital Sarah Lago Norte, 2007.....	140